



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ELIAS MANUEL DE OLIVEIRA BORGES

O Logos no Prólogo do Quarto Evangelho

Dissertação Final
sob orientação de:
Doutor Bernardo Monteiro Fernandes Correa D'Almeida

Porto
2012

SIGLAS E ABREVIATURAS

ANTIGO TESTAMENTO

Gen	Génesis
Ex	Êxodo
Lev	Levítico
Num	Números
Dt	Deuteronomio
Jos	Josué
Jz	Juízes
2Sam	2.º Livro de Samuel
1Re	1.º Livro dos Reis
Ne	Neemias
Sal	Salmos
Prov	Provérbios
Job	Job
Qo	Qohélet
Sab	Sabedoria
Sir	Ben-Sira
Is	Profeta Isaías
Jer	Profeta Jeremias
Bar	Profeta Baruc
Ez	Profeta Ezequiel
Os	Profeta Oseias
Am	Profeta Amós
Miq	Profeta Miqueias

NOVO TESTAMENTO

Mt	Evangelho de São Mateus
Mc	Evangelho de São Marcos
Lc	Evangelho de São Lucas
Jo	Evangelho de São João
Act	Actos dos Apóstolos
Rom	Carta aos Romanos

1Cor	1. ^a Carta aos Coríntios
2Cor	2. ^a Carta aos Coríntios
Gal	Carta aos Gálatas
Ef	Carta aos Efésios
Col	Carta aos Colossenses
1Tes	1. ^a Carta aos Tessalonicenses
Tt	Carta a Tito
Heb	Carta aos Hebreus
1Pe	1. ^a Carta de São Pedro
1Jo	1. ^a Carta de São João
2Jo	2. ^a Carta de São João
3Jo	3. ^a Carta de São João
Ap	Apocalipse

COLECCÕES E INSTRUMENTOS

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis. Commentarium officiale</i> (Vaticano, 1964ss)
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
BAC	Biblioteca de Autores Cristianos (Madrid, 1964ss)
CCE	Catecismo da Igreja Católica
CON. VAT. II	Concílio Vaticano II
Dbá	<i>Diccionario bíblico abreviado</i> (Estela, 1986)
DB	<i>Diccionario de la Biblia</i> (Barcelona, 1975)
DCB	<i>Dicionário Cultural da Bíblia</i> (Lisboa, 1996)
DDSA	<i>Diccionario Doctrinal de San Agustín</i> (Madrid, 2003)
DEB	<i>Diccionario Exegético Bíblico</i> (Paris, 1960)
DENT	<i>Diccionario Exegético del Nuevo Testamento</i> (II, Salamanca, 1998; I, Salamanca, ² 2001)
DF	<i>Diccionario de Filósofos</i> (Madrid, 1986)
DJE	<i>Diccionario de Jesús y los Evangelios</i> (Estela, 1995)
DNT	<i>Diccionario del Nuevo Testamento</i> (Madrid, 1977)
DS ^H	Heinrich Denzinger e Peter Hünermann, <i>El Magisterio de la Iglesia. Enchiridion Symbolorum Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum</i>

DTB	<i>Dicionário Teológico Bíblico</i> (II, São Paulo, 1983)
DTI	<i>Diccionario Teologico Interdisciplinal</i> (I, IV, Salamanca, 1983)
GLNT	<i>Grande Lessico del Nuovo Testamento</i> (XIV, Brescia, 1984)
MSMTHS	<i>Mysterium Salutis. Manual de Teología como Historia de la Salvación</i> (II, Madrid, 1969)
NDTB	<i>Nuevo Diccionario de Teología Bíblica</i> (Madrid, 1990)
PDB	<i>Pequeno Dicionário da Bíblia</i> (Apelação, 1997)
PDT	<i>Pequeno Diccionario de Teología</i> (Salamanca, 1992)
SMET	<i>Sacramentum Mundi. Enciclopedia Teológico</i> (II, Barcelona, 1972)
ST	Selecciones de Teología
UPG	Pontificia Università Gregoriana

INTRODUÇÃO

O Logos, que desde o princípio estava junto de Deus, o Verbo de Vida que era Deus (Jo 1,1-2; 8, 58; 1Jo 1,1; Ap 1,4.), fez-Se carne e armou a sua tenda no meio dos homens (ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν) (v.14). De facto, a vida gloriosa de Deus, presente no Tabernáculo, no Templo (cf. Ex 25,8; Num 35,34), na Lei (cf. Ecl 24,7-22; Bar 3,36; 4,4), tornou-se presente na História na pessoa do seu Filho Unigénito. Jesus, o Filho de Deus, que é a Palavra vinda ao mundo (cf. 1,9-14; 3,19), o enviado pelo Pai (cf. Jo 3,17.34; 8,42; 11,42) para realizar o mistério da salvação dos homens.

Na gloriosa certeza da encarnação do Logos em Jesus, o autor joanino começa o seu Evangelho por um poema (prólogo) dedicado ao seu Senhor glorificado, de quem dá testemunho da vida dele recebida. Jesus é a Palavra feita carne, em quem Deus Se revela à humanidade de modo absolutamente único.

O prólogo inicia-se remontando à vida do próprio Logos em Deus. De facto, o Quarto Evangelho não começa com a narração do nascimento maravilhoso do seu grande protagonista, Jesus (cf. Mt 1,18-25), nem com a menção ao primeiro Adão (cf. Lc 3,38), nem com a apresentação do Filho de Deus (cf. Mc 1,1). O prólogo joanino começa no seio de Deus, onde o Logos estava e era em relação com Deus.

O Logos é o Incruido (cf. 1,1-5), manifestado aos Judeus (cf. 1,6-13), é a vida de Deus (cf. 1,14-18). Estritamente falando, no desenrolar do prólogo, o leitor é progressivamente conduzido, mediante diversas figuras (vida, luz e treva, testemunho, carne, glória...), ao Logos presente em Jesus Cristo.

O prólogo dá-nos uma visão alargada, simples e profunda do Logos de Deus que nos oferece o testemunho de uma relação de conhecimento e de amor filial únicos, relativamente ao Pai. Ele conhece Deus e faz-nos participantes desse mesmo conhecimento que tem do Pai: «Quem me vê, vê o Pai» (14,9).

O título Logos, tomado no sentido pessoal e de modo absoluto, não é encontrado no NT a não ser no poema de João. No Apocalipse (cf. 19,13), o «Logos de Deus» é Palavra divina que está em acção na História da Salvação. Cristo é sujeito da Palavra que revela: fala de Si. Segundo o autor joanino, na pessoa de Jesus, o próprio Deus falando «por meio do Filho», é o sujeito da Palavra que nos é revelado. A Palavra contém em si a

auto-revelação de Deus, a qual constitui a grande novidade e originalidade do prólogo e de todo o Quarto Evangelho.

Em Cristo, o grande protagonista do prólogo, deu-se o culminar da manifestação e acção de Deus. E não poderia ser de outro modo, porque a própria revelação, enquanto dinamismo de salvação integral do homem que a fé abarca e na qual se vê envolvida, é em si mesma um dinamismo salvífico; e a fé tem como conteúdo vital essa Revelação de Deus (o Logos), que se dá num contínuo histórico, até ao acontecimento decisivo e salvífico de Cristo que o Quarto Evangelho retrata de um modo brilhante.

A imensa literatura acerca do prólogo confirma a grandeza do mesmo. Contudo, não procuro neste estudo retratar a história da exegese do prólogo, a qual exigiria um trabalho à parte. Procuro, sim, determinar a estrutura, os temas fundamentais, os liames literários e doutrinários do prólogo e o papel que o Logos nele assume. Ao entender o Logos como a origem, a luz, o caminho, a verdade e a vida, estarei a meditar e aprofundar o saber teológico adquirido. Além disso, estarei a contemplar a temática que me fascinou: a salvação verbalizada em simples palavras humanas.

O prólogo joanino, pela sua profundidade, pela sua dimensão teológica, desencadeou em mim a vontade de reflectir com mais exactidão o dinamismo salvífico do Logos. Tudo no prólogo e, de resto, todo o Evangelho, gira em torno da afirmação da Revelação de Deus no Logos e do acolhimento a que é chamado todo aquele que n'Ele crê como Messias enviado do Pai.

O trabalho será dividido em quatro capítulos: no primeiro capítulo, onde faço uma breve análise preliminar, começo por falar do prólogo como a abertura, a chave e a síntese do Quarto Evangelho. Nesse sentido, em seguida, ainda no mesmo capítulo, contextualizo o prólogo no Evangelho e na sua dinâmica. Por isso, apresento a estrutura de todo o texto joanino. Termino este capítulo, com o texto do prólogo em grego, na sua tradução em português e com a respectiva estrutura.

No segundo capítulo, faço a exegese do prólogo, tendo sempre como mote, o Logos e tentando perceber a sua dinâmica salvífica aplicada a todo o Evangelho.

Passarei então ao terceiro capítulo, procurando descortinar as chaves para a compreensão do termo «Logos» ao longo do AT e NT. Tento mostrar que o Logos é universal, a sua acção envolve todos os homens independentemente da raça, cultura e época histórica: o Logos esteve sempre presente desde o princípio de tudo. Ele une o AT e o NT, o passado, o presente e o futuro; unifica o mundo grego, judaico e, assim, o

Logos joanino é o cume da ligação entre a História, cosmologia e antropologia: «o Logos fez-Se carne no mundo» (cf. 1,14).

No último capítulo faço uma reflexão prático-vivencial da minha pesquisa. Tento uma hermenêutica de ligação do Logos à oração, à vida contemporânea dos homens, da Igreja e de cada cristão. Nesse sentido, confirmo que o Logos é o *motor* do diálogo entre os homens e do diálogo misteriológico Deus-homem.

O Logos é o comunicador por excelência da salvação; n'Ele, a comunicação atinge a plenitude. Esta comunicação que se realiza no plano de salvação é a missão da Igreja. Esta nasce e vive para promover a comunicação de Deus com os homens. O contacto directo com as palavras e gestos de Jesus, através do testemunho de João, traz uma preciosa informação sobre os fundamentos da fé. Mais ainda: é um convite àquela fé, princípio de vida e de felicidade, a que nos quer encaminhar «Aquele que viu e dá testemunho» (19,35) para que, acreditando em Jesus tenhamos a vida (cf. 20,30-31).

CAPÍTULO I: TEXTO E CONTEXTO

Designa-se, habitualmente, por prólogo o conjunto formado por Jo 1,1-18. É um poema diferente do prefácio literário de Lc 1,1-4, e é também distinto do proémio de 1Jo 1,1-4, embora tendo com este algumas semelhanças linguísticas e teológicas partilhadas¹. Os primeiros 18 versículos do Quarto Evangelho são um monumental poema à Luz, à Vida, à Verdade, à Graça e ao Espírito. Numa só palavra, ao Logos. «O Logos fez-Se carne e habitou entre nós.» (v.14) Por isso, começo por destacar o prólogo como a chave de entrada e de compreensão de todo o Evangelho, para depois o apresentar no texto grego e na sua tradução em português.

1.1 COLOCAÇÃO NA ESTRUTURA DO EVANGELHO

A Igreja primitiva recorreu frequentemente aos hinos para celebrar, expressar e anunciar a sua fé. O prólogo do Evangelho de João é um excelente exemplo disso. O evangelista serviu-se de um hino para começar a sua obra², no qual canta o grande protagonista do seu testemunho: o Logos feito carne, o Filho Unigénito de Deus. Para melhor entendermos todo o seu significado, começamos por situá-lo no seu contexto imediato e depois no contexto de todo o quarto Evangelho.

1.1.1 Contexto imediato do prólogo

O Evangelho de João começa com duas partes bem diferenciadas. A primeira é o prólogo poético (1,1-18) e a segunda é o prólogo narrativo (1,19-51). O prólogo poético consta de três principais etapas: a primeira dá nota do Ser Primordial e Divino do Logos e seu papel na criação; a segunda descreve seu significado para os homens (Vida e Luz), e lamenta o seu não acolhimento; e, para terminar, na terceira proclama o acontecimento agraciante e salvífico – para os crentes – da Encarnação.

¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, I, Herder, Barcelona 1980, p. 241; R. E. BROWN, *An introduction to the New Testament*, Doubleday, New York 1996, pp. 337-338.

² Cf. H. RITT, «λόγος», in H. BALS e G. SCHNEIDER, *DENT*, II, Sígueme, Salamanca 1998, cols. 77-79; A. S. JENSEN, *John's Gospel as Witness*, Ashgate, Bodmin, Cornwall 2004, pp. 69-75. Para alguns comentaristas, o prólogo é como a abertura de uma peça musical: assim como na abertura se tocam e antecipam os temas que serão recolhidos posteriormente no desenrolar da obra, assim o prólogo resume e antecipa os grandes temas que aparecerão ao longo do Evangelho. O que se torna evidente fazendo uma análise crítico-literária.

O prólogo narrativo, que nos insere propriamente na acção narrativa, pode ser assim organizado: primeiro testemunho do Baptista diante dos representantes vindos de Jerusalém (vv.19-28); segundo testemunho do Baptista diante de um grupo dos seus discípulos (vv.29-34); os primeiros discípulos de Cristo (vv.35-51). O prólogo poético e o narrativo e estão relacionados de uma forma inseparável. No que diz respeito ao corpo do Evangelho, que começa a partir de 1,19, podemos dizer que todo ele se centra na manifestação deste homem único que é Jesus, aquele que veio para salvar o mundo e a humanidade³.

1.1.2 Contexto literário amplo

O prólogo abre e fecha todos os capítulos do quarto Evangelho. Todos os capítulos tratam das questões relativas à vinda do Logos de Deus, a sua vivência entre os homens, o seu efeito no homem e no mundo, e sobretudo versam sobre o acolhimento ou não da vida que veio até nós (v.14). O Logos fez-se carne para salvar o mundo e a humanidade. Por isso, o evangelista centra totalmente a atenção no acolhimento e no repúdio do Filho de Deus feito homem, na fé ou a incredulidade diante de Jesus Cristo. Portanto, o prólogo, um hino de louvor ao Logos, expressa todo o conteúdo do Quarto Evangelho e resume a teologia joanina e a crença dos primeiros cristãos. O Logos é a luz que vivifica o homem e exerce sua acção iluminadora desde que a humanidade existe, e esta acção durará até ao fim dos tempos e para sempre: «Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas» (vv.4-5). Sem Ele nada veio à existência (v.3). Dá vigor a todas as coisas. Ele é a verdade: «Quem é da verdade ouve a minha voz» (18,37). Por isso, «ninguém pode vir a mim se meu Pai que me enviou, não o atrair», ou, de outro modo no texto profético citado no versículo seguinte: «todos serão ensinados por Deus». Cristo é o Mestre, o Senhor, o Pastor, o Caminho, a Verdade e a Vida⁴. Jesus, no fundo, não é só o centro, mas é a referência de tudo. Todos os acontecimentos têm a ver com Ele de uma forma directa. Ele é o centro.

No capítulo 4 é apresentado como Messias, o Ungido de Deus, (« é o Salvador do mundo» 4,42). Jesus mostra que Ele é o enviado de Deus no meio dos homens. É o Deus humanizado na história dos homens e do Universo, Ser que é presença e presença

³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, pp. 243-244.

⁴ Cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, Paulinas, São Paulo 1971, pp. 164-166.

actuante⁵; o verdadeiro Profeta que estava para vir, anunciado desde há muito pelos profetas (cf. 6,14; 7,40, 7,52; Dt 18, 15-18).

Em suma, o prólogo dinamiza tudo o que virá a ser tratado no Evangelho: a revelação de Cristo como Logos de Deus, o detentor da vida que nos leva a conhecer Deus e a confessar, à semelhança de Tomé — «Meu Senhor e Meus Deus!» (20,28) — que Jesus é o Senhor por todo sempre e é o nosso Senhor hoje, aqui e agora.

A intenção teológica básica do Evangelho joanino é colocar por escrito o anúncio que provoca a fé. Por isso, o discípulo amado representa perfeitamente o modo como o autor concebe o testemunho e a sua vitalidade: unidade perfeita, doação amorosa, relação interpessoal. O autor toma a união com a palavra como lugar do seu próprio testemunho. Como o Quarto Evangelho esclarece nas suas últimas palavras, o discípulo amado permanece. Permanece onde? Permanece no testemunho que nos deixou, que se encontra à disposição da nossa leitura e que se encontra assim estruturado:

Estrutura do quarto Evangelho

1,1-51	Introdução
1,1-18	Prólogo poético: Hino ao Logos
1,19-51	Prólogo narrativo: Testemunho autêntico
2,1-12,50	Vida pública de Jesus
2,1-4,54	Jesus deseja unir o povo e salvar o mundo
5,1-8,59	Jesus revela-se ao mundo
9,1-12,50	Jesus manifesta-se naqueles que o acolhem
13,1-17,26	Última Ceia
13,1-20	Lava pés, Judas sai, anúncio da partida e do mandamento
13,36-14,31	1.º Discurso de Jesus
15,1-16,33	2.º Discurso de Jesus
17,1-26	Oração de Jesus ao Pai pela unidade

⁵ Cf. L. F. GARRCÍA-VIANA, *El cuarto Evangelio, Historia, teología y relato*, San Pablo, Madrid 1997, pp. 48-50.

18,1–19,42 Glorificação de Jesus

18,1-27 Prisão, Anás, negações de Pedro

18,28-19,16 Pretório: rei dos Judeus

19,17-42 Evento na Cruz

20,1–21,25 Conclusão

20,1-31 1.º Epílogo: Reconhecimento – manifestação nos seus

21,1-25 2.º Epílogo: Atração do mundo ao glorificado através dos seus

1.2 O PRÓLOGO

1.2.1 Organização interna

O prólogo não é um programa teológico que apresenta considerações sobre o Logos e Deus, sobre o Logos e o Cosmos, sobre o Logos e os crentes⁶. Neste poema é clarificado o acontecimento da Encarnação que determina um antes e um depois, um e outro apresentando a actividade do Logos. O acontecimento do encontro do Logos com os homens vai qualificar os dois momentos, o antes e o depois. Nesse sentido, para a compreensão do prólogo importa seguir a vitalidade, a relação, a comunicação do Logos de Deus: ao tudo-uno (v.3) – aos homens (v.4) – à treva (v.5) – ao mundo (vv.6-10) – aos

⁶ Segundo J. Konings, o prólogo consta de dois painéis, constituindo um díptico. Cada painel é encabeçado pela explicitação do sujeito ὁ λόγος (*a Palavra*), nomeado só nos vv.1 e 14 (mas a maioria das traduções introduz o termo também no v.9). Cada painel contém uma referência parentética a João, o Precursor. A articulação do primeiro painel com o segundo é feita pelo tema do acolhimento da Palavra pelos que se tornam «filhos de Deus» (vv.12-13). O ritmo da linguagem é o da poesia, com palavras de encadeamento, de quiasmo etc., menos no parêntesis sobre o João (vv.6-8 e 15). Há uma disposição quiástica (simetria inversa) entre os vv.1 (Palavra, Deus) e 10-11 (rejeitado pelo mundo/ pelos seus) por um lado e 14 (morando no meio de nós) e 18 (Unigénito, Deus) por outro. A menção do nome e título messiânico «*Jesus Cristo*», no fim (v. 17), aparece como desenlace, depois do anonimato mantido no texto inteiro. Cf. J. KONINGS, *Evangelho Segundo João, Amor e fidelidade*, Loyola, São Paulo 2005, p. 75; G. R. REASLEY-MURRAY, *John, Word Biblical Commentary*, XXXVI, Word Books, Publisher-Waco 1987, pp. 3-5. Podemos ver a partir dessa explanação do prólogo com o centro no Logos de Deus:

- o LOGOS (3x) está junto de Deus e é Deus, mediador da criação, luz e vida do mundo (1-5)
 - parêntese sobre o testemunho de João Baptismo sobre/da luz (6-8)
 - vem como Luz ao mundo, rejeitada pelo mundo e pelos «seus» (9-11)
 - acolhimento pelos «filhos de Deus» (12-13)
- o LOGOS torna-se carne, mora entre nós, «com graça e verdade» de Deus (14)
 - parêntese sobre testemunho de João (15)
 - superação da Lei pela graça e verdade em JESUS CRISTO, “Deus” junto do Pai, manifestação do Deus invisível (16-18).

Seus (v.11) – aos filhos de Deus (vv.12-13) – à carne (v.14) – a nós (v.14). O Logos é o único que conhece o Pai, que estava no seu seio e que no-Lo deu a conhecer (v.18)⁷.

O prólogo de João descreve um processo desde a incompreensão de Deus neste mundo à compreensão «perfeita» através da glória de Deus no Logos humanado. O poema introduz o grande protagonista do Evangelho, o Logos feito carne, e o encontro de Deus com os homens. Começa por falar-nos do Logos, aliás, do modo de ser do Logos. O modo de ser do Logos, como veremos, *entende-se* na medida em que é acolhido. Eis-nos assim no domínio fundamental do quarto Evangelho, o acolhimento ou não da Palavra de Jesus Glorificado. Assim, o prólogo poético oferece-nos a chave de interpretação e o resumo do testemunho joanino⁸ tendo em vista o seu grande objectivo: «para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome» (20,30).

O texto que abre o Quarto Evangelho é um texto fascinante pela riqueza instrutiva que transmite ao homem crente e, pelo seu vocabulário e pelo seu ensinamento, coroa facilmente o conjunto do quarto Evangelho. Todo o poema é modelado pelo Logos. O evangelista refere-se ao drama do erro dos homens que, desde o princípio até agora, se fecharam obstinadamente à sua acção iluminadora. Existe aí como que uma dilatação considerável do sentimento doloroso divino, que se repete tantas vezes em Jeremias, pelo não acolhimento do envidado de Deus: «O Senhor enviou-vos continuamente os profetas, Seus servos, mas vós não lhes prestastes atenção nem destes ouvidos» (Jr 25,4). João exprime ainda todo o seu jubiloso fervor de testemunha ocular para celebrar a maravilha da Encarnação do Logos, bem como as graças que Ele concede aos homens crentes: a filiação divina, a graça, a verdade.

O Filho Unigénito é, pois, o único Revelador e o Único Salvador do mundo. A despeito das amplas perspectivas que ele nos abre, o pensamento joanino permanece, no entanto, alheio a toda a tendência sincretista. Como dizia Lacordaire «esta página tão curta é o olhar da água lançado no infinito. Ela colocou S. João nos píncaros daqueles que viram as coisas divinas»⁹. Mesmo a um leitor alheio à Bíblia, mas que reflecte, um

⁷ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho, Testemunho do discípulo amado no contexto judaico e grego-Romano*, PUG, Roma 2009, pp. 17-18; U. VANNI, *Vangelo secondo Giovanni*, PUG, Roma 1974, p. 2; G. CANOBBIO, «Verbo (Logos)», in *PDT*, Sígueme, Salamanca 1992, pp. 295-296.

⁸ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho...*, pp. 26-27; JOÃO PAULO II, «Catequese das quartas-feiras», in *Creio em Jesus Cristo Revelador da Trindade e Redentor do Homem*, Paulinas, Lisboa 1991, pp. 22-27.

⁹ K. WENGST, *Interpretación del evangelio de Juan*, Sígueme, Salamanca 1988, pp. 12-30; cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 17-20; 264; J. SCHREINER, *Forma ed Esigenze del Nuovo Testamento*, Pauline, Bari 1973, pp. 382-391. O prólogo fala-nos claramente do Logos, sendo visível

texto como este — «No início era o Logos, e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus» (1,1) — não pode deixar de impressionar. Este *Logos* de que fala o prólogo é um Logos criador, dotado de pré-existência e existência eterna, o que não pode deixar indiferente quem quer que se interrogue a respeito do sentido da misteriosa aventura humana¹⁰.

A cristologia do quarto Evangelho, especialmente a do prólogo, é de inigualável profundidade e representa um processo considerável em relação à doutrina antecedente do NT. João não fala da infância de Jesus como Mateus e Lucas fizeram¹¹. Ele transcende o tempo como que para nos dizer que só existe uma perspectiva verdadeira para compreender a história da encarnação do Verbo em profundidade: contemplá-la à luz da eternidade.

O Quarto Evangelho mostra-nos a bondade gratuita de Deus em salvar os homens de boa vontade. A acção iluminadora do Logos é destinada a todo o mundo, a todo o homem e a toda a criação.

A centralidade de Jesus no Evangelho de João é um dado notório da história da interpretação do mesmo. Jesus é apresentado como alguém completo e consumado. É uma realidade plena e total. Por isso, este Evangelho está balizado por um dinamismo de fé e de descrença¹².

«Quem ler este Evangelho a ele sempre voltará», escreveu H. Bussche a respeito do texto joanino. «Muito mais do que o encanto de um texto saboroso ou rico em dados históricos, o que nele atrai é a impressão de mistério, de sedução que dele se solta ... João não desperdiça palavras e o seu vocabulário é pobre, mas cada palavra pesa, pois é alimentada por um pensamento excepcionalmente penetrante, animada por determinada vontade de convencer, suscitada pelo sentimento de que tudo depende dele. Tudo ou

que é nos escritos da sabedoria veterotestamentária que João se inspira. A grandeza da descrição joanina deve-se, em grande parte, ao facto de o seu autor ter tido a ideia de atribuir à Palavra substancial de Deus (*quem diz Palavra de Deus diz revelação reservada a privilegiados*) a função iluminadora universal da Sabedoria. Compreendendo estes versículos 1-18 no início do quarto Evangelho, vejamos que o seu autor quis dizer que todos os grandes homens da história da humanidade eram iluminados pelo Logos e, sem o saberem, já pertenciam a Deus, ao Cristo ou à Verdade, o que é uma coisa só. Entendendo isso, o prólogo do Evangelho joanino demonstra-nos principalmente nos vv.12 e 13, o poder do Logos para os crentes.

¹⁰ AA. VV., *Verbum Dei, Comentario a la Escritura, Nuevo Testamento*, III, Herder, Barcelona 1957, p. 665; R. FISICHELLA, «La Teología de la Revelación. Situación actual», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993, pp. 41-50; 63-79.

¹¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan...*, p. 242; L. F. GARCÍA-VIANA, *El cuarto Evangelho...*, pp. 47-64; 99-102.

¹² Cf. J. O. T. VANCELLS, *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica*, Sígueme, Salamanca 1987, pp. 72-77; 94-95.

nada. Este Evangelho não deixa escolha senão entre luz e trevas, a plena luz e as trevas densas»¹³.

O prólogo está estruturado em três partes:

Prólogo poético (vv.1-18)

	vv.1-2:	A Vida do Logos em Deus
3	v.3:	O Logos na criação: por Ele tudo foi criado
(estrofes)	vv.4a-b-5:	O Logos: Vida e Luz dos homens
	vv.6-8:	A palavra profética (testemunho) de João sobre o Logos
3	vv.9-11:	O mundo e os seus não acolheram a Luz
(estrofes)	vv.12-13:	Os que acolheram a luz foram gerados como filhos de Deus
	vv.14-18:	O Logos nos filhos de Deus: a Nova Aliança de Graça da Verdade
	v.14a:	<i>A Encarnação do Logos</i>
	v.14b:	<i>E habitou entre nós</i>
1	v.14c:	<i>Nós vimos a sua glória como Unigénito do Pai</i>
(estrofe)	v.15:	<i>O testemunho de João acerca do Logos</i>
	v.16:	<i>Da sua plenitude recebemos graça sobre graça</i>
	v.17:	<i>A Graça e Verdade vieram por Jesus Cristo</i>
	v.18:	<i>Jesus, Único Revelador e Filho Unigénito do Pai</i>

¹³ H. VAN DEN BUSSCHE, *Jean, Commentaire de l'Évangile spirituel*, Brepols, Paris-Bruges 1967, p. 9.

1.2.2 Texto grego

¹ Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος,
καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν,
καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.
² οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν.
³ πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο,
καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν.
ὃ γέγονεν ⁴ ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν,
καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·
⁵ καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει,
καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.

⁶ Ἐγένετο ἄνθρωπος,
ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ,
ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης·
⁷ οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν
ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός,
ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ.
⁸ οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς,
ἀλλ' ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός.
⁹ Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν,
ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον,
ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.
¹⁰ ἐν τῷ κόσμῳ ἦν,
καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο,
καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ᾔΓειω.
¹¹ εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν,
καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον.
¹² ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν,
ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν
τέκνα θεοῦ γενέσθαι,
τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ,
¹³ οἳ οὐκ ἐξ αἱμάτων
οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς

οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς
ἀλλ' ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν.

¹⁴ Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο
καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν,
καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ,
δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός,
πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.

¹⁵ Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ
καὶ κέκραγεν λέγων·
οὗτος ἦν ὃν εἶπον·
ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος
ἔμπροσθέν μου γέγονεν,
ὅτι πρῶτός μου ἦν.

¹⁶ ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν
καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος·

¹⁷ ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη,
ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.

¹⁸ Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε·
μονογενὴς θεὸς
ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς
ἐκεῖνος ἐξηγήσατο¹⁴.

¹⁴ O texto grego que me serviu de base é o editado por K. ALAND, M. BLACK, C. MARTINI, B. METZGER, A. WIRGREN, *The Greek New Testament*, Bibelgesellschaft, D-Stuttgart ⁴1994.

1.2.3 Tradução do texto

¹ No princípio era o Logos,
e o Logos estava com Deus,
e o Logos era Deus.

² Ele estava no princípio com Deus.

³ Tudo foi feito por Ele
e sem Ele nada foi feito.

O que foi feito

⁴ n'Ele era a vida
e a vida era a luz dos homens.

⁵ A luz brilha na treva
e a treva não a apreendeu.

⁶ Surgiu um homem enviado por Deus:
seu nome era João.

⁷ Ele veio para um testemunho,
para dar testemunho da luz,
para que todos acreditassem por meio d'Ele.

⁸ Ele não era a luz,
mas veio para dar testemunho da luz.

⁹ (O Logos) era a luz verdadeira
que ilumina todo o homem,
vindo ao mundo.

¹⁰ Estava no mundo,
o mundo foi feito por Ele,
e o mundo não o reconheceu.

¹¹ Veio para os seus,
e os seus não o receberam.

¹² Mas a quantos o receberam
deu-lhes o poder de serem filhos de Deus,
aos que acreditam no seu nome,

¹³ os quais foram gerados
não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

¹⁴ E o Logos fez-Se carne
e habitou entre nós,
e vimos a suaglória,
glória como Unigénito do Pai,
cheio de graça e de verdade.

¹⁵ João dá testemunho dele e clama:
«Este era aquele de quem eu disse:
O que vem depois de mim passou à minha frente
porque existia antes de mim».

¹⁶ Pois da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça.

¹⁷ Porque a lei foi dada por meio de Moisés,
a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.

¹⁸ Nunca ninguém viu a Deus.

O Unigénito de Deus,
que é no seio do Pai,
O revelou.

CAPÍTULO II: ANÁLISE EXEGÉTICA

Para entendermos a dinâmica do prólogo poético, centramo-nos no próprio texto, analisando as suas dimensões teológica, histórica e literária. O Quarto Evangelho foi escrito para que tenhamos a vida (cf. 20,30-31), e essa proposta encontra-se resumida no prólogo. Em vista da compreensão do prólogo e, por isso, face às opções tomadas nesse sentido, ao tempo tido, e à fecundidade e elasticidade do tema, resultam naturais e precisos limites. Desde já, alerta para limites da não apresentação de todas as análises diacrónicas e sincrónicas realizadas.

2.1 O LOGOS: «SEM ELE NADA FOI FEITO» (1,1-13)

2.1.1 A Vida do Logos em Deus (1,1-2)

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος,
καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν,
καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.
οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν

No princípio era o Logos... (vv.1-2). As primeiras palavras do prólogo revelam-nos três enunciados sobre Deus e o Logos, nos quais o autor usa, por três vezes, o verbo ser no imperfeito¹⁵. De facto, o Quarto Evangelho deve ser entendido a partir do desejo de Deus se comunicar. É do ser eterno de Deus, anterior à criação, que o autor faz partir o testemunho no qual assenta a sua compreensão. O discípulo amado recebeu e ofereceu-nos o testemunho como o culminar da acção criativa de Deus (cf. 19,34).

O Logos estava com Deus (v.1b), ou seja, estava face a face com Deus¹⁶. O Logos não se identifica com Deus; era n'Ele em perfeita relação de vida. Vive em Deus como

¹⁵ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João...*, p.76; U. VANNI, *Vangelo secondo Giovanni*, p. 11; S. A. PANIMOLLE, *Lettura pastorale del Vangelo di Giovanni*, I, Dehoniane, Bologna 1978, pp. 30-39; G. NOLLI, *Evangelo secondo Giovanni*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano 1986, pp. 1-2; L. F. GARCÍA-VIANA, *El cuarto Evangelio...*, pp. 48-50.

¹⁶ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, p. 196; K. WEIB, «ἀρχῆ», in H. BALS e G. SCHNEIDER, *DENT*, I, Sígueme, Salamanca 2001, cols. 484-490: «O Logos existe *junto* ou *em comunhão com Deus* desde a eternidade. É esta a força da expressão grega πρὸς τὸν θεόν nos vv.1 e 2. A partícula grega é uma partícula modal, como é também a partícula para os vv. 6 (*enviado por* ou *da parte de Deus*) 14 (*enquanto unigénito do/da parte do Pai*). O mesmo sentido aparece no v.18, mas, agora, com a expressão de modalidade física: *que está reclinado no seio do Pai* ou *em comunhão com o Pai*. Todas estas

uma realidade una, dinâmica, relacional e vital. Deus tinha junto de Si o Logos (cf. Is 55,8-10, Sab 18,14-16). Precedendo a própria criação, existia o Logos Divino que havia de guiar e realizar a criação inteira¹⁷. Ele existe desde o princípio, de forma absoluta. Ele não pode ser colocado ao nível das criaturas, é anterior a tudo, é desde sempre e para sempre (Gen 1,1).

O Logos é o próprio Espírito enquanto possui o poder de comunicar-se a todos os homens. Este é o dinamismo do Logos, que vem ao encontro de cada homem para esclarecê-lo, envolvendo todos os homens na mesma luz. Deus fala e nós chamamo-Lo de Logos, Verbo, Palavra. O autor joanino não podia servir-se de um termo mais adequado para revelar a vida que Cristo nos dá. A salvação do homem, dádiva de Deus, formula-se numa Palavra que se concretiza no Logos; em forma de solilóquio divino expressa-se a sua constante pensamento, o seu plano criador, referido particularmente ao homem, vértice da criação.

O Logos era Deus (v.1c), uma vez que participa no agir de Deus. De tudo o que Ele realizasse, Deus seria o autor. «É o Pai que permanecendo em Mim, realiza suas obras» (14,10). O Logos não era e nem é separado de Deus. Ele não é outro deus nem outra divindade. Era, e é, a perfeita relação de unidade em Deus. De facto, Jesus é a Palavra completa e definitiva de Deus, a autêntica Sabedoria que torna visível a Glória do Pai, a Pessoa enviada por Deus como Filho Unigénito do Pai¹⁸.

Assim, os vv.1-2 apresentam a relação do Logos com Deus antes da criação do Universo. O Logos é eterno em Deus, com Deus e para Deus, e eterno na sua Revelação ao mundo¹⁹. A sua eternidade engloba todos os «agoras» das criaturas. Nenhum momento nosso podia passar à margem d'Ele. Revela tudo o que o Pai Lhe mandar, e não espera pelo amanhã. O que é Eterno não tem de esperar pelo dia de amanhã, ou o final dos

modalidades exprimem a união íntima entre Deus/ Pai e o Logos, mas nunca a identidade. O autor tem em vista o dinamismo soteriológico do Logos e não a sua natureza essencialista.»

¹⁷ Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan. Analisis lingüístico y comentario exegetico*, Cristiandad, Madrid 1979, pp. 42-44; D. J. OSÓRIO, *Escritos Espirituais*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2010, pp. 76-82.

¹⁸ AA. VV., *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento, Evangelios*, I, BAC, Madrid 1964, pp.787-789: «Neste momento do prólogo, a *Palavra* significa o projecto formulado, ou não ligado à execução. A frase pode traduzir-se, portanto, também desta maneira: e um Deus era o projecto. O desígnio de Deus consiste em que o homem seja a expressão de sua realidade divina. Quando se pronunciar na história como Palavra eficaz e se realizar o Projecto, existirá o homem-Deus.»

¹⁹ Léon-Dufour prefere falar não de pré-existência do Logos, mas da sua supra-existência para evitar mal entendidos; a meu ver penso que é um olhar inteligente para não fugir à ortodoxia da reflexão teológica eclesial. Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4*, I, Sígueme, Salamanca 1989, pp. 53-59; J. BEUTLER, *Il Verbo Divino entra nel mondo: Gv 1 - 4*, Pontificio Instituto Bíblico, Roma 2006, p. 24.

tempos. No presente absoluto de Deus que se comunica²⁰ através do seu Logos, este é o sujeito perfeito, ou seja, é a relação Tu a Tu em Deus. Não é objecto nem complemento de nada. O Logos é o sujeito de relação de vida em Deus. O Logos é um em Deus, é Vida comunicada, é Luz sempre criadora. O Logos na sua relação com Deus e com o mundo tem uma dinâmica conjunta, pois Deus comunica-se ao mundo através da sua Palavra (comunicação que Deus faz de Si mesmo). O Logos e Deus são duas pessoas²¹ e um ao mesmo tempo: ἐγὼ καὶ ὁ πατὴρ ἓν ἔσμεν (10,30).

O Logos em relação permanente com Deus está voltado para Deus e envolvido eternamente no seio de Deus Pai; é o rosto do Pai e a igualdade na diversidade das duas Pessoas Divinas que se amam e se comunicam. Contudo, o Logos não é Deus no sentido reservado ao Pai; é Deus dizendo-se no seio do Pai (εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς – v.18).

Notemos que o NT, nos seus escritos remotos, conhece a identificação de Jesus com a Sabedoria do AT. Paulo chama-O «Sabedoria de Deus» (1Cor 1,24.30) para falar da preexistência de Cristo, chama-O «de Primogénito» (Col 1,15; Prov 8,22-31). O autor da Carta aos Hebreus designa-O como «esplendor da glória de Deus» (Heb 1,3; cf. Sab 7,25). Seguindo esta ideia, o autor joanino vê no Logos aquela realidade de que o AT não

²⁰ Cf. J. O. BRANCO, «A/Teísmo: Intuições e Questões», in S. J. FORMOSINHO e J. O. BRANCO, *O Deus que não temos. Uma história de grandes intuições e mal-entendidos*, Bizâncio, Lisboa 2008, p. 522; K. RAHNER, *Escritos de Teologia*, Tomo IV, Taurus, Madrid 1962, pp. 139-157. O «Logos» encarnado é o unigénito de Deus, em tudo igual a Deus, Deus de Deus, luz de luz, sabedoria da sabedoria, essência da essência. Foi gerado pelo Pai, igual em tudo mas diferenciando na relação. Ele é da igual substância do Pai (*consubstancial/ homoousios com o Pai*).

²¹ Recorri a alguns teólogos para explicitar essa relação que existe entre as Pessoas da Trindade (pericorese), e principalmente entre o Pai e o Logos encarnado que se encontra referido nos primeiros versículos do prólogo de João. O Pai age, mas pelo Filho no Espírito Santo; o Filho age também, mas com o poder do Pai presente n'Ele com a sua existência própria; o Espírito age também. Deus é uno e trino. A Trindade é um mistério de Salvação – senão, não teria sido revelada.

Jesus, o Filho, é antes de tudo, o objecto do amor do Pai. A proclamação de Jesus como Filho e como amado vêm juntas no NT em diferentes ocasiões. Um primeiro momento encontra-se na confissão do Pai no momento do baptismo de Jesus: «Tu és o Meu Filho muito amado, em ti ponho o Meu enlevo» (Mc 1,11; Lc 3,24). O momento da transfiguração em que a voz de Deus clama por entre as nuvens: «Este é o Meu Filho muito amado, escutai-o» (Mc 9,7; Lc 9,35).

No Filho, tudo o que é do Pai é d'Ele (cf. Jo 11,10). Por isso Cristo fazia tudo o que o Pai fazia: *ressuscitar os mortos, curar os cegos, coxos e leprosos*, etc., (Jo 5,21; 9,1s; 11,1s). O Filho não fazia nada por si mesmo. Estava sempre em sintonia com o Pai. O Pai ama o Filho e o Filho faz tudo por vontade do Pai.

Jesus veio ao mundo nascido de Maria pela onnipotência divina (cf. Jo 1,2). Daí podemos ver que a encarnação é obra de toda a Trindade.

O concílio XI de Toledo (675) expõe assim esta doutrina da missão do Filho: «O que se chama Unigénito antes de todos os tempos (cf. Jo 1,14) fez-se Primogénito no tempo (cf. Col 1,15): unigénito pela substância divina, primogénito pela natureza da carne assumida» (DS 53); Cf. L. F. LADARIA, *El Dios Vivo y Verdadero, El misterio de la Trinidad*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2005, pp. 311-318; J. AUER e J. RATZINGER, *Dios, uno y trino*, II, Herder, Barcelona 1982, pp. 310-311; K. RAHNER, *Escritos de Teología*, Tomo IV, pp. 105-157; CH. DUQUOC, «Discreción del Dios trinitario y misión Cristiana», in *ST 38* (1999) 290-296; H. KÖSTER, «υπόστασις», in *GLNT*, XIV, Paideia, Brescia 1984, cols. 747-750; ORÍGENES, «Trinidad», in J. QUASTEN, *Patrologia*, I, BAC, Madrid 1984, pp. 388-391.

tinha conhecido senão uma figura: a Sabedoria hipostasiada de Deus. De facto, a relação do prólogo com a Sabedoria do AT confirma, em continuidade com a revelação bíblica, que Deus único não se revela como Ser Supremo e individual e isolado na sua Majestade, mas apresenta-se como Ser cuja glória resplandece: Ele comunica-Se sem cessar pela Sabedoria ou por Aquele que realiza a sua Majestade, o Logos.

Assim, o autor joanino dá-nos a conhecer que a relação entre Logos e Deus é dinâmica e constante²². Com estes primeiros versículos, o discípulo amado introduz-nos no mistério da revelação do Logos que sempre está com Deus, em diálogo com os homens; Ele é a comunicação de Deus voltada para os homens e para o mundo. De facto, de acordo com os vv.12-13, o Logos dá aos que O acolherem o poder de se tornarem «filhos de Deus»: ora, acolher o Logos é dispor-se, por Ele, a existir com Deus.

2.1.2 O Logos na criação: por Ele tudo foi criado (1,3-4a)

πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο,
καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν
ὃ γέγονεν ἐν αὐτῷ ζῶν ἦν

O v.3 fala-nos do *Logos-Criador*, ou seja, do Logos voltado para fora de Deus, fazendo mediação entre Deus e a criação. As coisas receberam a existência segundo a vontade do Logos Divino. Os vv.1-3 estão ligados e fazem uma sequência que se assemelha à sequência de Prov 8, 30-31— a Sabedoria está ao lado de Deus, constituindo suas delícias cada dia, estando no tempo e por último na terra entre os filhos dos homens.

O evangelista não descreve a criação, pois a sua intenção é apresentar-nos o poder criador e absoluto do Logos sobre todos os seres. Ele dá sentido ao tempo e coroa de sentido tudo o que acontece, porque o Logos, continuamente «junto de Deus» (vv.1-2), comunica a todos os seres os seus sinais. Na sua totalidade, os seres criados expressam Deus, porque todos eles são *in-formados* pelo Logos que está continuamente junto de Deus. É o colaborador de Deus coroado com o poder criativo; é o arquétipo a partir do qual todas as coisas foram criadas (cf. Gen 1,1ss; Is 55,10). É de Deus que o Logos nos

²² Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4*, I, Sígueme, Salamanca 1989, pp. 60-61. A Palavra estava na presença de Deus como sua auto-expressão. A teologia judaica chegou a considerá-la uma «hipóstase» de Deus, uma realidade em que Deus se torna presente. Tais hipóstases são, além da Palavra (*Memra*), a Sabedoria, o Trono, a Voz, a Morada (*Shekiná*), a Lei/Instrução (*Toráh*).

comunica a Vida (cf. 20,30-31). E a Vida, não poderia ser de outro modo, manifesta-se em nós na medida em que a acolhemos.

No ser do Logos encontra-se a totalidade da vida relacional de Deus, sem a qual nada existe. O Logos Divino era e é o único vivente absolutamente vivo e, por isso, vivificante de todo o ser (cf. Gen 2,7.9). O Logos é a Vida de tudo aquilo que existe e sem Ele, o que por Ele foi criado, torna-se nada²³. No princípio da criação, diz-nos o Livro dos Génesis, Deus viu que tudo era bom, que tudo era muito bom, pois tudo foi criado pela Palavra criadora de Deus dita pelo Logos (cf. Gen 1,1ss).

Assim, a acção criadora do Logos é comunicada não apenas no sentido cosmológico e filosófico, mas, sobretudo, no seio da relação pessoal entre Deus e os homens²⁴. É puro dom de Deus²⁵ e, por isso, a relação pessoal de doação entre Deus e os homens não pode ser confundida com uma explicação sobre a formação do cosmos²⁶.

2.1.3 O Logos: Vida e Luz dos homens (4ab-5)

καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·
καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει,
καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν

A Vida existente no Verbo é fonte de Luz para os homens (caminho da história humana em relação com o Verbo, apresentado como fonte de vida), luz natural das inteligências e dos corações, e principalmente luz sobrenatural da fé de todos os crentes²⁷.

²³ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, pp. 5-6.

²⁴ Cf. J. O. BRANCO, «A Dinâmica do Mais», in S. J. FORMOSINHO e J. O. BRANCO, *O Brotar da Criação. Um olhar dinâmico pela ciência. A Filosofia e a Teologia*, Universidade Católica, Lisboa 1999, pp. 589-591.

²⁵ Cf. J. O. BRANCO, «A/Teísmo: Intuições e Questões» ..., pp. 416-418.

²⁶ Em teologia, a revelação designa o agir histórico de Deus pelo qual Ele se manifesta e auto-comunica aos homens, por decisão sua livre e gratuita. De muitos modos o fez através dos profetas. Mas sempre – ultimamente – pela mediação do seu Filho (cf. Heb 1,1s). Para nos elevar à comunhão com Deus, pelo Espírito Santo. A vida e a fé da comunidade crente (=Tradição da Igreja) e a Sagrada Escritura são o testemunho da revelação – a tornar presente na história dos homens a proximidade, misericordiosa e salvação, de Deus.

²⁷ Cf. J. FALCÃO, *O Novo Testamento, Evangelhos e Actos Dos Apóstolos*, Gouveia, Lisboa 1956, p. 304; V. MANNUCCI, *Giovanni il Vangelo narrante. Introduzione all'arte narrativa del quarto Vangelo*, Dehoniane, Bologna 1993, pp. 103-104; 116. A Palavra – como a *Lei*, que é chamada «árvore de vida» pelo Targum – é vida na criatura. O v.4b especifica: «essa vida era a luz dos homens», das criaturas humanas (cf. Jo 8,12; 9,3-5 *Luz e Vida*). A luz é vital; sem a luz, nenhuma planta pode brotar. «Em ti está a fonte da vida; em tua luz vemos a luz» (Sal 36,10; Sal 27,1; 56,13). Mas a Palavra de Deus não significa apenas a palavra criadora, fonte do nosso viver, como também a luz que ilumina o nosso caminho de vida (cf. Sal 119,105.109; Jo 12,35; 1Jo 1,5-7; 2, 9-11 etc). Caminhando na Luz encontramos a Vida verdadeira,

O Logos é, portanto, o lugar, a nascente, a salvação para todos aqueles que acolherem a sua Palavra: «as suas Palavras, são espírito e vida» (cf. Sal 18). Ele é o modelo e a «Palavra interior» através da qual Deus se comunica. O Pai actua no Filho e por isso Este vive numa relação de fiel acolhimento e de obediência filial ao Pai²⁸.

Logos é a luz (φῶς – v.4) que ilumina a vida dos homens e dá a salvação com sua palavra, Logos-luz que ilumina na treva para favorecer o crescimento da vida (2,26; 8,12; 9,5; 12,46). O Sal 27,1 mostra que o Senhor é a Luz dos homens: «o Senhor é minha Luz e minha salvação» (Sal 26 (27)); também o Sal 119,109 clarifica o mesmo: «Tua palavra, uma lâmpada para meus pés, uma Luz para o meu caminho». Mas não basta que Jesus seja apenas a vida e a luz para os homens; é necessário que cada um acolha e experimente esta vida e luz. Todo o homem é chamado a viver da vida da Palavra junto do Pai, da mesma vida que é a luz, que brilha como a Luz que Deus (Logos) difundiu na criação, assim como no coração dos homens (O filho vem e continua a obra do Pai).

O autor usa a expressão «τὸ φῶς ἐν» – verbo εἰμί no imperfeito –, que indica a potência iluminadora do Verbo encarnado e o tempo da sua missão. A Luz do Logos resplandece sobre todo o homem que vem ao mundo e a treva é dissipada pela luz (o Logos brilha *no presente e sempre* nas trevas, mesmo se as trevas não O apreendem, não O compreendem, não O acolhem, não O vencendo, também – cf. 3,19ss; 5,35; 8,12ss; 9,1ss; 12,35ss). Para o Quarto Evangelho, o drama entre a luz e as trevas, entre o amor e o ódio, entre a fé e a descrença, tem aqui o seu começo. Contudo, trata-se de um drama e uma luta que pré-anunciam a vitória definitiva da luz, já que as trevas não têm força para reprimi-la (v.5), porque a promessa de Deus e a fé na ressurreição de Cristo venceram o poder do mal²⁹.

plenamente realizada. Contudo, as trevas são anti-luz e, portanto, a anti-vida. Não é uma mera ausência de luz, mas uma entidade activa e maléfica, uma força de morte, inimiga da vida que estimula à humanidade, irreconciliável com a plenitude que mostra a luz. Tenta extinguir, invadir a luz para que cesse o seu brilho, mas não o consegue: a sua actividade está dominada pelo sinal da derrota.

²⁸ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según San Juan*, Sígueme, Salamanca 1995, pp. 46-48; S. GRASSO, *Il Vangelo di Giovanni. Commentario esegetico e teologico*, Città Nuova Editrice, Roma 2008, pp. 36-37; 42-46. O Logos é o criador de tudo. N'Ele o que existe era a vida. Com outra pontuação: «...coisa alguma começou a existir daquilo que existe. N'Ele era a vida» (v.4). Com esta segunda pontuação, a mais comum entre os modernos, o Logos é apresentado como possuindo a vida incriada, antes que o mundo existisse. Esta oferece maior compreensão, parece ter sido abandonada pelo abuso que dela faziam os arianos, mas tem o apoio unânime da tradição até ao século IV. Segunda ela, mais uma vez nos aparece o Logos criador e Salvador: «toda a criação já vivia eminentemente na Palavra ou ideia única de Deus. No que foi feito estava a vida.»

²⁹ Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan...*, pp. 45-47; J. L. R. DE LA PEÑA, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander 1988, pp. 19-88.

A treva é ausência, ausência do ser e ausência da luz. Em contrapartida Deus é a fonte da Vida, a Luz que invade as trevas. O homem foi criado para a vida, por isso o Logos quer dar-lhe a vida em abundância (cf. 10,10), aquela vida que JHWH, Deus da Aliança, propunha a Israel (cf. Do 30,15-16). O homem na terra, é chamado a viver em comunhão com Deus. Por isso, ter a vida é permanecer nessa relação existencial com o próprio Criador.

Contudo, os homens preferiram a treva à Luz. Mas a vida continua a brilhar. A treva, inimiga da vida, é agente de morte e os dominados por ela são mortos em vida³⁰. Ela é a grande antagonista do Quarto Evangelho e simboliza o «poder» do mal (cf. 3,19ss; 8,12ss; 12,35ss) que subjuga o homem (Gin 3). Porém, o *homem joanino* vive do Logos e da Vida Eterna e, por isso, sempre no desejo de mais Logos, de mais Vida Eterna.

Para falarmos de Luz que elimina a treva é necessário centrarmo-nos no horizonte da fé – no Logos Criador. Sendo Deus em absoluta transcendência e absoluto Amor, o seu Ser é dar-se; e dá-Se como a luz que irradia necessariamente. Se deixasse de comunicar-Se, deixaria de ser. Por isso, o dar-Se de Deus transcende-se a Si mesmo. É necessariamente auto-dinâmico, é infinito e inesgotável. Ele irradia o seu Amor, Espírito em Absoluta-Transcendência³¹.

Ora, justamente porque a Luz do Ser de Deus e do Dar-Se de Deus é assim Auto-transcendente e, portanto, universalmente realizadora é que o (nosso) confessar-a-fé no Logos-Criador implica aceitar (comprometer-se com) o Deus-Tu que Se dá e, por conseguinte, compartilhar no que é o seu desígnio de vida-luz-crescimento-realização. A fé conduz-nos ao compromisso englobante da nossa existência. O chamamento para a «realissimidade» da Luz é sempre transcendente. O Logos quer que o seu brilho, causa da vida, se estenda a toda terra e que o seu Reino seja feito no coração de todos e no mundo inteiro³².

³⁰ Cf. AA. VV., *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento*, I, BAC, Madrid 1964, p.793. Dado que o anelo de vida pertence ao ser do homem, reprimi-lo significa agir contra a própria natureza, frustrar o próprio desenvolvimento e malograr o desígnio de Deus. Nisso consistira o pecado da humanidade (Jo 1,10; 3,19; 8,21.23).

³¹ J. O. BRANCO, «A Dinâmica do Mais» ..., p. 595.

³² Cf. S. G. OPORT, «El comportamiento filial de Jesús», in *ST* 41 (2002) 3-7. O «tudo está consumado» (Jo 19,30) pode ter, antes, o sentido da instauração do *Reino*. Por isso encontramos em Isaías essa confirmação: «É n'Ele que se encontra a plenitude do Espírito do Senhor (11,2; 61,1-3). Ele é «sinal» (11,10) e «a luz» (42,6) para todos os povos. Será por meio d'Ele que se realizará o desígnio do Senhor (cf. Is 52,13 a 53,12; Sal 22,1-32). Deus chamou-nos «ao seu reino e à sua glória» (1Tes 2,12; 2 Cor4,14). E não há distinção entre «judeu e não-judeu» (1Tes 2,14.16; Rm 10,12). Nem entre vivos e mortos (cf. 1Tes

2.1.4 O testemunho de João (1,6-8)

Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης· οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι’ αὐτοῦ. οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ’ ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός

No seguimento da contínua acção da Luz (cf. vv.4b-5), o evangelista contempla a vinda do Logos na carne e mostra o seu brilho no meio das trevas. A Luz na sua vinda ao mundo está precedida por um testemunho, João, cuja missão é dar testemunho da Luz. João afirma que essa Luz era para todos (ἵνα πάντες) os homens que vêm ao mundo.

O termo Ἐγένετο ἄνθρωπος descreve quem era João³³. Não era nenhum ente divino, mas sim homem entre os outros homens, enviado por Deus para transmitir a sua mensagem de salvação. A história de João foi temporal, momentânea, como a de todos os homens. Mas foi escolhido por Deus para anunciar a era da misericórdia e da graça. A sua missão foi dar testemunho do Logos-Luz. Ele veio da parte de Deus (ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ). É Deus quem chama e envia, e João aparece como aquele que testemunha (εἰς μαρτυρίαν) a chegada da Luz do mundo. É ele mesmo que introduz Jesus na sua vida pública. Por isso, ele veio para testemunhar a Luz (ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός). O fim deste testemunho era que todos acreditassem por meio dele (δι’ αὐτοῦ).

O verbo (πιστεῦω/acreditar) aqui tem o sentido do v.12, embora sem precisar que se trata de reconhecer o Logos como tal: o texto diz respeito à necessidade de reconhecer a Luz que o Logos faz brilhar sobre o mundo, a saber, a Luz da Vida, no sentido que

4,13-15). Nada mais poderá separar-nos do seu amor (cf. Rom 8,34-39). Assim, «o que era velho passou. Agora é uma nova criação».

³³ A ligação dos vv. 6-8 é estabelecida por uma metáfora (τοῦ φωτός). Estes versículos distinguem-se dos anteriores e dos posteriores. Encontramos as três frases finitas presididas pela partícula «ἵνα». Todas estas frases se referem à acção. O v.7 é considerado o centro e o resumo de todos os outros versículos: «...Para que todos acreditem n’Ele...». Aqui se demonstra o carácter universal do Logos.

A missão de João segundo o Quarto Evangelho é a de dar testemunho de Jesus e, por isso, diferente dos Evangelhos sinópticos, nunca é chamado de Batista (cf. Mt 3,1ss; Mc 1,4ss; Lc 7,20ss). O próprio João Batista se define como a testemunha ou a voz de Deus na senda dos profetas de Israel (cf. Jo 1,23). O testemunho de João orienta-nos para o encontro com Jesus. No Quarto Evangelho João só surge três vezes em acção:

- 1,6-8. 15: Testemunha para que acreditem na luz;

-1,19ss: Testemunha em vista do autêntico testemunho;

-3,22ss: Testemunha para levar a Jesus. Cf. B. D’ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, p. 9; C. H. DODD, *La Tradición Historica en el cuarto Evangelio*, Cristiandad, Madrid 1978, pp. 256-282.

podemos ler no v.4: diante da treva que ainda ameaça a terra (cf. 1,5), um testemunho se deve levantar para afirmar, da parte de Deus, a presença e a vitória dessa Luz.

Dar testemunho foi a missão própria de João (três vezes a palavra *testemunho* nos aparece nos vv.7-8). Por isso se crê que a fé (πιστεύειν) dos primeiros discípulos se apoia no testemunho de João. A fé depende fortemente do testemunho. Pelo testemunho chegamos à fé e pela fé chegamos à verdade e à luz. Esta é uma das características mais marcantes da teologia joanina. O testemunho é, sem dúvida, muito mais do que a relação objectiva de um facto ou de uma palavra: é um engajamento ao serviço da verdade. O Logos encarnou e habitou entre nós manifestando-se como perfeito Revelador do Pai.

João veio para testemunhar a Luz, a Pessoa do Logos, para testemunhar que Jesus é o verdadeiro Cordeiro que veio para remir o homem do pecado (1,29). Alguns exegetas como por exemplo Loisy, Lagrange, consideram que o v.8 do prólogo visa realçar a superioridade de Cristo sobre qualquer outro homem, inclusive João. Os profetas do AT entravam em êxtase diante da Palavra de Deus que estavam encarregados de proclamar; João faz o mesmo na presença de Cristo (cf. 1,30)³⁴. Ele declarará: «Eu não sou o Messias» (1,19). Ele veio introduzir os homens na Luz verdadeira de Cristo³⁵.

2.1.5 O mundo e os seus não acolheram a luz (1,9-11)

Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον. ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω. εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον

O Logos é a Luz que ilumina todo o homem sem exclusão, judeu ou não judeu, com carácter universal (ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον – v.9)³⁶. Ilumina todo homem que vem ao mundo. No v.9 é retomada a história da Luz³⁷, interrompida no fim do v.5. O sujeito da frase não é explícito: é o mesmo do v.5 (e anunciado no v.8b).

³⁴ Cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 52-59.

³⁵ Cf. R. VIGNOLO, *Personagem del quarto Vangelo. Figure della fede in San Giovanni*, Glossa, Milano 2003, pp.165-176; X. PIKAZA, *El Evangelio. Vida y Pascua de Jesús*, Sígueme, Salamanca 1993, p. 338. Podemos ver aqui nestes relatos passagem que João se revela como o testemunho e preparador do caminho do Senhor: 1,19 Καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ Ἰωάννου; 5,33 ἡμεῖς ἀπεστάλκατε πρὸς Ἰωάννην, καὶ μαμαρτύρηκεν τῇ ἀληθείᾳ; 18,33 ἐγὼ εἰς τοῦτο γεγέννημαι καὶ εἰς τοῦτο ἐλήλυθα εἰς τὸν κόσμον, ἵνα μαρτυρήσω τῇ ἀληθείᾳ; 21,24 Οὗτός ἐστιν ὁ μαθητὴς ὁ μαρτυρῶν περὶ τούτων καὶ ὁ γράψας ταῦτα.

³⁶ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4, I*, pp. 81-82.

³⁷ Cf. J. BEUTLER, *Il Verbo Divino entra nel mundo*, p. 29. Pela aporia na tradução põe-se em questão o v.9. A palavra ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον pode ser coligada seja com Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν seja com

A Palavra, descrita como no v.5, é a Luz verdadeira que vem a este mundo (cf. 8,12; 9,5; 12,46), para, com a sua vinda, iluminar a todos. O Logos é a Luz verdadeira, e única em sua plenitude (cf. 5,33-35). Esta luz autêntica não é igual ao testemunho de João, dos profetas do passado e de todos os tempos, porque não só é única e veraz no seu ser, como se revela como tal na vida (cf. 6,32; 15,1).

A Luz estava no mundo (v.10), mas o mundo que foi feito por Ela não a reconheceu como enviada por Deus (aqui consta a resposta ou não dos homens perante a missão desta Luz no mundo e entre os seus). João focaliza aquilo que fazia parte do Logos no mundo: «veio para os seus» (v.11). Os seus são aqueles que pertencem ao domínio do Logos, ou seja, o mundo inteiro e, dum modo particular, o seu Povo, o Povo de Deus, aqueles que escutaram o Logos por meio de Moisés e dos profetas (cf. 4,44; 5,59.46; Ex 19,5). A estes se dirigiu a Palavra da Lei, mas foram «duros de cerviz» (Dt 9, 6.16) e não observaram a Aliança (cf. Ex 32). Os seus não acolheram a Palavra que era a Vida (cf. Sal 119,105; 19,8-9), não se converteram à pregação de João (cf. Lc 7,30; Mt 21,32). Desse modo, o não reconhecimento do mundo e o não-acolhimento dos seus (vv.10.11) constituem uma categoria joanina fundamental.

No pensamento oriental fala-se da Sabedoria de Deus que veio à terra mas não foi acolhida por todos os homens. Em Sir 24,1-12; 24,8 e Prov 8,22-30 temos uma leitura judaica desse vocábulo: a Sabedoria, que sai da boca do Altíssimo, depois de percorrer todo o universo, morou definitivamente na tenda do Povo de Israel, em Sião³⁸.

Os homens não o reconheceram (v.10), não acreditaram no Logos divino encarnado. Esta atitude demonstra a descrença do mundo das trevas opondo-se à missão do Logos. Todavia, o Logos divino persiste e insiste mesmo que os homens não se preocupam por conhecê-Lo. O Povo de Deus nem sempre acolheu com agrado a salvação que Deus lhe oferecia. A humanidade, cega pelo pecado, não conseguiu reconhecer o plano amoroso e salvífico de Deus³⁹. Houve uma influência da treva sobre o homem mas, por vontade divina, a Luz de Deus brilha e continua a brilhar, pois Ele é Aquele que desde o princípio era Deus com o Pai Todo Poderoso (cf. 1,3) possui o poder de «Amor» de tudo quanto existe e tudo quanto não existe.

O Logos quer dar a conhecer a todo o homem a sua luz. Ele comunica-nos a sua luz vivificante mesmo na nossa descrença. Por isso, todos e o mundo inteiro estão perante

πάντα ἄνθρωπον. Alguns autores têm essa percepção, mas a maioria favorece a ligação com Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν. Além disso, o v.9 tem a função de estabelecer a ponte entre as secções passadas.

³⁸ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João*, pp. 78-79.

³⁹ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según san Juan*, pp. 51-52.

o desígnio salvífico de Deus feito carne. Nos primeiros tempos da era cristã, Justino falou da semente do Logos inata em todo o género humano; de acordo com ele, Sócrates teria conhecido parcialmente o Cristo, porque todos os princípios justos que os filósofos e os legisladores descobriram e expressaram, são devidos ao facto de estes terem contemplado parcialmente o Logos que actuou desde o princípio na criação de tudo e de todos⁴⁰.

O prólogo coroa o que era dito da Sabedoria/Luz: esta havia recebido a missão de iluminar todos os homens, sem restrição, bem para além das fronteiras de Israel. Isso é, afinal, o que o evangelista do Quarto Evangelho evocará pelas ovelhas que estão noutra redil e pelos filhos de Deus dispersos (cf. 10,1ss).

2.1.6 Os que acolheram a Luz foram gerados como filhos de Deus (1,12-13)

ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ, οἳ οὐκ ἐξ αἱμάτων οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς ἀλλ' ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν

Se o comportamento da humanidade não foi o esperado quanto ao acolhimento do Verbo, no entanto e sem dúvida apareceu um pequeno grupo de homens, uma porção de Israel, que acolheu o dom de Deus e deu uma resposta positiva à sua Palavra. Portanto, a todos os que acreditaram (πιστεύουσιν) em Cristo (no seu nome) foi-lhes dada a possibilidade de serem filhos de Deus (τέκνα τοῦ θεοῦ)⁴¹. «Tornar-se» filho de Deus está centrado no dom divino da filiação e, mais exactamente, na «regeneração baptismal», de onde se segue a inevitável questão: como poderá ser concedido poder «tornar-se filhos de Deus» àqueles que já foram gerados por Deus? Da parte do homem, requer-se a fé e um segundo nascimento para a aquisição da qualidade de filhos de Deus.

De facto, «tornar-se filhos de Deus» e «ter nascido de Deus» referem-se igualmente à «regeneração do alto»⁴². O Logos é verdadeiro Filho de Deus; sendo Aquele que deu a conhecer o Pai entre os homens, tem como missão específica mostrar o rosto do Pai ao mundo. Ele é Homem e Deus no meio do mundo. O discípulo amado fala de Jesus

⁴⁰ Cf. J. DUPUIS, «El Verbo de Dios, Jesucristo, y las religiones del mundo», in *ST* 41 (2002) 96-100.

⁴¹ A expressão τέκνα θεοῦ só reaparece nos Evangelhos quando o sumo-sacerdote declara que Jesus morria para reunir na unidade os filhos de Deus dispersos (cf. 11,52). Portanto, só os que vivem do Logos podem ser gerados filhos de Deus (cf. 13,23). A grande finalidade do Quarto Evangelho é despertar em nós o desejo de sermos filhos de Deus, o gosto de sermos gerados de Deus (cf. v.13).

⁴² Cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 77-78.

como «Logos» de Deus, como perfeita revelação do Pai, revelado aos seus que estavam no mundo. Este Logos é o Filho de Deus encarnado para o mundo, para a salvação dos homens e para a remissão dos pecados contraídos por Adão e Eva.

No v.12 encontramos a importância de receber (ἔλαβον) o Logos⁴³. Em primeiro lugar, porque a nossa filiação é um dom, um «poder = ἐξουσία» dado, uma graça de Deus. Os que acolheram o Logos são os homens que reconheceram n'Ele o princípio da sua existência e nas suas promessas de vida o sentido da sua história: eles deixam-se iluminar por Ele.

De modo diferente do verbo «conhecer», usado para dizer que «o mundo não conheceu» (1,10), o verbo ἔλαβον (1,12) adquire, pelo contraste que mostra com o παρέλαβον (1,11), uma ressonância mais pessoal de «tradição», isto é, de comunicação, fazendo preceder «aqueles que acolheram» por «todos». O texto sublinha que a graça está aberta a todo homem e em todo tempo: nenhuma condição além do acolhimento é imposta, a não ser a fé. Também em 3,3-8 João desenvolve o tema da filiação divina como realidade dinâmica, quando Jesus afirma a necessidade de nascer «do alto» e «do espírito», isto é, ter fé (πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ - 1Jo 5,11.18)); procurar crer é fundamental para sermos de Deus⁴⁴. «Quem é de Deus compreende as palavras de Deus; se vós não as entendeis, é porque não sois de Deus» (8,47); «Vós não credes, porque não pertenceis ao meu rebanho» (10,26; 8,23; 10,14; 18,37).

Os filhos de Deus manifestam o amor ao próximo, a fraternidade, a caridade e a justiça. E essa forma de ser e viver do homem tem um alcance universal: «quem ama, seja ele cristão ou não, de raça ou de religião, estrangeiro ou não, seja qual for a forma que o seu amor assuma, seja ele sincero ou simulado, vive em Deus por Deus e para Deus»⁴⁵.

⁴³ Cf. L. F. LADARIA, *La Trinidad Misterio de Comunion*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2002, pp. 121-126.

⁴⁴ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según san Juan*, pp. 52-53; I. BROER, «ἐξουσία», in *DENT*, I, cols. 1446-1453: «Quantos O receberam. Receber o Verbo (ou Palavra revelada) de Deus é acreditar n'Ele. Deu-lhes o poder..., talvez alusão à liberdade humana, colaboradora da graça divina. Pode, contudo, ser também semitismo equivalente a: conhecer-lhes que se tornassem... Filhos de Deus, pela graça da adoção (cf. Gal 4, 4-7). No seu Nome – nome é o equivalente da pessoa ou da essência – portanto, na sua divindade. Há quem considere a frase: “eles creram no seu Nome”, como uma glosa explicativa, já muito antiga, visto ser omitida por vários Padres. Sangue (lit. Sangues), vontade carnal, vontade do homem significam respectivamente a geração natural, o instinto que a provoca e a iniciativa do homem, talvez enquanto visa a uma descendência. Alguns manuscritos e autores, versado nesta matéria, lêem o v.13 do seguinte modo: *Ele que nem do sangue... mas de Deus é que nasceu*, referindo-se à geração do Verbo, sem excluir o nascimento virginal de Jesus. Do mesmo modo, reduzem alguns elementos negativos a: *nem do sangue, nem da carne*, simples oposição à geração de iniciativa divina. Estas hipóteses não têm, contudo, apoio em manuscritos gregos.»

⁴⁵ A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 82-83.

O v.13 esclarece que aceitar o Logos divino significa crer no nome de Jesus. É aderir plenamente à Pessoa de Cristo, viver em Deus e ser aquele que nasceu de Deus (cf. 1,13). O nascimento crístico é dado aos que acreditam no Enviado do Senhor. Para crer, é preciso ter sido gerado pelo próprio Deus. Pois, a geração eterna e temporal do Filho de Deus é o conteúdo da fé dos que O acolheram crendo em seu nome. Esta fé aparece como um dom divino, fruto de generosidade divina. Por isso no v.13 exclui-se o agir humano, seja físico (ἐξ αἱμάτων) seja psicológico (ἐκ θελήματος σαρκὸς; θελήματος ἀνδρὸς) nessa geração dos filhos de Deus; conclui-se que estes têm nascido de Deus⁴⁶.

O Logos dá o acesso à filiação divina. Pela Sua encarnação, Jesus, que não é gerado segundo a vontade humana, mas nasceu de Deus, dá-nos o poder de sermos filhos de Deus. Ser filho de Deus depende do acolhimento que se faz a Jesus (cf. v.12). Este mistério aqui enunciado, continuará como ponto de partida do diálogo que Jesus teve com Nicodemos⁴⁷: nova forma de nascimento, ou seja nascimento para Deus (3,3-6: «nascido de novo/ alto», «de água e Espírito» ou simplesmente «do Espírito»).

O homem não pode ser gerado como filho de Deus, a não ser através de Jesus, no Espírito que Ele comunica à realidade humana (6,53s: «se não comeis a carne deste Homem e não bebeis seu sangue não tendes a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida definitiva»), aceitando-a como dom (6,51: «o pão que eu darei é minha carne, para que o mundo viva»), o dom do Pai à humanidade (6,32: «meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu» 3,16). Todavia, o «nascido de Deus» é fruto do acolhimento do Logos glorificado manifestado ao mundo⁴⁸.

Receber o Logos é a atitude fundamental dos homens sem a qual ninguém pode ser em Deus. Como nos testemunha o evangelista, só os que vêm do Logos podem ser gerados τέκνα τοῦ θεοῦ. Por isso, essa vida no Logos requer um dinamismo constante, que vai por: ser gerado de Deus (cf. 1,13); nascer do alto (cf. 3,1ss); beber a sua água (cf. 4,1ss); adorar em Espírito (cf. 4,23); comer o seu alimento (cf. 6,1ss); caminhar na Luz (cf. 8,12); escutar a Palavra (cf. 9,37); seguir o Bom Pastor (cf. 10,1ss); ser atraído (cf. 12,32); tomar parte de Si (cf. 13,8); permanecer N'Ele (cf. 15, 1ss); dar glória a Deus (cf. 15,8); amar como Ele (cf. 15,12); ser dado do Pai (cf. 17,1ss); ver e acreditar (cf. 20,8);

⁴⁶ Cf. J. BEUTLER, *Il Verbo Divino entra nel mondo*, p. 31.

⁴⁷ Cf. C. JOSAPHAT, *O Evangelho da Unidade e do Amor*, Livraria Duas Cidades, São Paulo 1966, p. 42.

⁴⁸ Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan ...*, pp. 64-65.

ser seu (cf. 20,28). No fundo o grande desejo do Quarto Evangelho é despertar em nós o desejo de sermos filhos amados e gerados de Deus⁴⁹.

2.2 O LOGOS NOS FILHOS DE DEUS (1,14-18)

2.2.1 A encarnação do Logos (1,14)

Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο
καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν,
καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ,
δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός,
πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας

O v.14 do prólogo é considerado o centro de todo o hino: confirma a encarnação do Logos de Deus no meio dos homens nos v.14a. O Logos que é Deus, fez-se carne⁵⁰. Acontecimento admirável para os judeus: que a Palavra definitiva de Deus pudesse partilhar da debilidade da carne humana. A mesma atitude aparece nos pagãos⁵¹ que não compreendem o admirável mistério da encarnação do Filho de Deus no mundo dos homens. Contudo, é este o anúncio para a salvação do mundo. «Nisto conhecereis se possuíis o Espírito de Deus: se reconhecerdes que Jesus Cristo veio na carne; quem ignora a encarnação de Cristo, não pertence a Deus» (1Jo 4,2-3). Aqui se inicia a história do Logos na sua relação com os homens e o mundo fisicamente.

Se no AT o lugar adequado da revelação de Deus era a tenda ou o templo (cf. Ex 25,8; 40,35; Ez 37,27; etc.), agora a sua presença está na própria vida e na carne visível do homem Jesus (cf. 2,19-22). Maria M. de Carvalho⁵² tenta demonstrar quanta admiração se deve ter perante a encarnação do Logos encarnado pela virtude do Espírito. O Santo gerado é o Filho de Deus. Por isso, se acreditarmos n'Aquele que nasceu de

⁴⁹ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidades segundo o quarto Evangelho*, pp. 12-13.

⁵⁰ Cf. R. E. BROWN, *El Evangelio según Juan I-XII*, Cristiandad, Madrid 1979, pp. 207-210; K. RAHNER, «Encarnación», in *SMET*, Tomos II, Herder, Barcelona 1972, cols. 556-560.

⁵¹ Podemos ver o exemplo das interrogações de Celso contra os cristãos no século II. Afirmam que a hipótese da Encarnação de Deus ou de seu Filho é falsa. Pensam que contradizem a imutabilidade e bondade de Deus em mudar-se em coisa e tocar a matéria. Por isso, essa ideia é falsa porque Deus assumiu a condição mortal. Cf. V. MONACHINO, *Le persecuzioni nell'Impero Romano e la polemica pagano-cristiana*, PUG, Roma 1978, p. 107.

⁵² Cf. M. M. DE CARVALHO, *Maria Figura da Graça*, Universidade Católica, Lisboa 2004, pp. 119-120.

Deus, o Filho de Deus, se nos abirmos ao mistério do Logos encarnado e do Espírito Santo, os diversos aspectos do mistério tomarão forma na vida cristã⁵³.

O termo hebraico *Skekinah*, do verbo *shakan*, que significa morar ou habitar, expressa a presença de Deus no meio do seu povo. A tenda do encontro (cf. Ex 25,8-9) e, depois, o templo de Jerusalém, tornaram-se lugares da presença de Deus entre o Povo, sede da glória de Deus (cf. Ez 43,7; Zac 2,14; Eclo 24,8). No seguimento da história de Deus com o Povo, os discípulos confessam que Jesus é o lugar por excelência da presença e glória de Deus⁵⁴. Jesus é o lugar de encontro do homem com Deus, é o lugar pleno da presença de Deus. Por isso, o Logos feito carne não só habitou entre nós como, pela sua glorificação, também permaneceu em nós. De facto, a missão do glorificado é fazer com que todos sejam um n'Ele, como Ele é um no Pai (cf. 17,1ss). Jesus é o centro da História e a plenitude de todas as aspirações humanas⁵⁵.

A «vinda» do Logos já fora anunciada em 1,10s: Ele «estava no mundo» e «Ele veio para o que era Seu». Contudo, a encarnação do Logos tornou perfeita a comunicação de Deus com os homens. Trata-se agora da dádiva do encontro. Um novo modo de ver Deus. Ele quis «habitar convosco», é um «face-a-face»: o acontecimento aqui proclamado é, propriamente, «nós vimos a sua glória»⁵⁶.

O que era e é o dinamismo criativo de Deus, que brilha nas trevas, que era e é a Luz nos homens, que encarnou em Jesus, o Logos, na última referência personalizada a si, é testemunhado pelo *nós*: ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν. O Logos tornado carne em Jesus, é a presença ou morada do Logos em nós. Cristo assumiu a carne (σὰρξ), a fragilidade humana; aquilo que é típico do homem. O termo σὰρξ tem um significado próprio: é aquilo que é típico da fragilidade do ser humano.

A expressão «toda carne» aparece tanto no AT como no NT designando a humanidade no seu conjunto. O mesmo se passa com a indicação de que o homem e a mulher se fazem «uma só carne» para preservar a humanidade (cf. Gen 2,24; Mc 10,7; 1Cor 6,16; Ef 5,31). Já no NT se vê essa concepção da carne como algo frágil (contraposição no homem entre a carne e o espírito: «o espírito está pronto, mas a carne não serve para nada», Mc 14,38).

⁵³ Cf. J. I. GONZÁLEZ FAUS, «El misterio de Jesús y la confesión de fe en él», in *ST* 34 (1995) 167-170.

⁵⁴ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. El Espíritu de la Verdad*, III, Encuentro, Madrid 1978, pp. 99-102.

⁵⁵ Cf. S. A. PANIMOLLE, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni*, pp. 47-51;

⁵⁶ J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan ...*, pp. 68-69.

A vida do homem na carne é demasiado débil para contemplar a glória de Deus, e até simplesmente para suportar a sua voz (cf. Dt 5,25s). O diálogo entre eles efectuou-se lenta e continuamente ao longo dos tempos para que o homem débil, «necessitado da glória de Deus», participe dela e enquanto «homem vivo se converta na glória de Deus». Mas «a força de Deus, que comunica a vida, consuma-se na debilidade, ou seja, na carne»⁵⁷. Por isso, a encarnação do Logos veio dar uma nova perspectiva de ver a carne; não como um vazio⁵⁸, pois «todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne mortal é de Deus; e todo o espírito que não faz esta confissão de fé acerca de Jesus não é de Deus. Esse é o espírito do Anticristo» (1Jo 4,2-3).

O Logos de Deus fez-se palavra humana ao revestir a nossa carne, a nossa condição humana concreta, realizando, em sentido pleno, a presença de Deus entre nós. Em Jesus, Deus é, simultaneamente, o revelador e o revelado; por isso, pode dizer: «Quem me vê, vê o Pai» (14,9). No rosto de Jesus brilha o rosto do Pai. Deus tem doravante um rosto humano, rosto que os contemporâneos de Jesus viram fisicamente e nós, hoje, vemos pela fé⁵⁹. Jesus manifesta a plenitude do ser humano: unidade em Deus⁶⁰. Na sua hora, todos são atraídos ao seu Pai, em que serão um como Ele é um em Deus, em que serão perfeitos na unidade de filhos de Deus. O Logos morou em nós e no v.14 completa-se a confissão do nós («e nós vimos a sua glória»): os que são gerados pelo Logos vêem a glória (δόξα)⁶¹ do Unigénito, plena de graça (χάρις) e de verdade (ἀλήθεια), unem-se no movimento de graça em graça que não cessa, pois se a Lei foi dada por Deus

⁵⁷ H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. Verdad de Dios*, II, Encuentro, Madrid 1997, pp. 215-217; cf. C. V. MANZANARES, «Carne», in *DJE*, Verbo Divino, Estela 1995, pp. 63-64.

⁵⁸ Cf. A. SAND, «σὰρξ», in *DENT*, II, cols. 1369-1370; C. IZQUIERDO, «Dios Trino que se revela en Cristo», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993, pp. 215-240; X. LÉON-DUFOUR, «Carne», in *DNT*, Cristiandad, Madrid 1977, pp. 132-133: «A carne qualifica a condição terrena e frágil, por oposição ao espírito, que designa a origem divina ou celestial: fora de Deus tudo é σὰρξ. O homem da terra é “segundo a carne”, vive “na carne”; por ela, a pessoa humana é visível, está presente, sofre, sobrevive. Neste sentido, o Verbo feito carne é um homem verdadeiro, submetido aos limites deste mundo, mas não experimentou a corrupção. “Carne e sangue” são uma expressão que designa o homem na sua fragilidade terrena. “Comer a carne e beber o sangue” de Jesus é unir-se profundamente a Ele por Espírito que vivifica, porque a carne não vale nada.» Com a Encarnação do Logos, a história da criação atingiu a plenitude, pois em Jesus, o ser humano, criado à imagem e à semelhança de Deus, foi habitado pelo Logos de Deus.

⁵⁹ Cf. A. J. COELHO, *Quem me vê, vê o Pai. Deus revelado em Cristo*, Apostolado de Oração, Braga 2009, p. 92; J. DUPUIS, «El Verbo de Dios, Jesucristo, y las religiones del mundo», in *ST* 41 (2002) 93-104.

⁶⁰ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, p. 203.

⁶¹ Em 11,40, Jesus diz que Marta «verá a glória de Deus» não apenas pelos milagres como tal, mas porque esse sinal anuncia a glorificação de Cristo. Enfim, desde o início do seu ministério, Jesus manifestou, no sinal de Caná, a sua Glória aos discípulos, de modo que a vida pública de Jesus de Nazaré é moldada justamente por esses dois sinais: o vinho de Caná e a ressurreição de Lázaro: os sinais operados por Jesus simbolizam a sua δόξα, ou, ainda, é pelos sinais que a glória do Logos toma corpo.

a Moisés, a Graça e a Verdade que essa continha e contém, foram perfeitamente comunicadas em Jesus» (1,17).

De facto, a compreensão do Logos feito carne em Jesus e a sua presença nos seus, são um binómio perfeito: humanamente falando, o Logos, feito carne em Jesus e presente nos seus, completa a possibilidade da sua mediação comunicativa, ou seja, é a comunicação divina infinita. Desse modo, os seus sinais realizam-se perfeitamente na vida dos crentes. Essa vital realidade realizada marca o completar do tempo a partir do qual o seu povo recebeu toda a revelação e salvação. Pois, pela morte e ressurreição de Jesus, todos os filhos de Deus dispersos têm o poder de ser reunidos na unidade do Logos na medida em que o acolherem.

A glória divina, posta em Cristo, brilha a partir d'Ele, é a «sua» glória. Assim, a glória do Logos, não se define simplesmente pelos «sinais» em que ela toma corpo; ela caracteriza-se em profundidade pela glória de Deus⁶², aquela que Jesus tinha junto do Pai «antes que o mundo existisse» (17,5). O Pai enviou seu Filho único para que a sua própria glória brilhe n'Ele, coroado de verdade. É o Filho único do Pai e, por intermédio d'Ele, o mundo e os homens entram em contacto com o próprio Pai⁶³. A partir de então, o homem Jesus passa a ser o próprio rosto de Deus: «Quem me vê, diz Jesus, vê o Pai» (14, 9).

O facto de os homens poderem contemplar a glória de Deus presente em Jesus marca a continuidade e a elevação entre a Antiga e a Nova Aliança de Deus com os homens⁶⁴. Ver a glória não só não produz a morte (cf. Ex 33,20), como é condição para a vida. Quem não contempla a Glória não pode chegar a crer (cf. 2,11).

2.2.2 O testemunho de João acerca do Logos encarnado (1,15)

Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ
καὶ κέκραγεν λέγων·
οὗτος ἦν ὃν εἶπον·
ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος
ἔμπροσθέν μου γέγονεν,
ὅτι πρῶτός μου ἦν

⁶² Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, pp. 204-205.

⁶³ Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan ...*, pp. 69-70.

⁶⁴ Cf. A. J. ORTIZ, «El Dios revelado en Jesús e el futuro de la humanidad», in *ST 37* (1998) 34-38.

O Filho Unigénito de Deus, Cristo, é o exegeta do Pai junto dos homens. A sua docilidade filial ao Pai ajuda-nos a aproximarmo-nos do Pai celeste. Ele é o «novo Moisés»⁶⁵ que veio com o poder e glória para inaugurar uma Nova Aliança. Isso mostramos que a Pessoa de Jesus é a plenitude da Humanidade.

No v.15, o testemunho do evangelista afirma a transcendência de Jesus⁶⁶. Aqui distingue-se do testemunho precedente do precursor, ligado à missão histórica centrado nos vv.6-8. Efectivamente, aqui se expressa a proclamação de fé da comunidade cristã sobre o mistério da pessoa do Logos encarnado. João apresenta Jesus como o primeiro e o pré-existente: «Este era aquele de quem eu disse: οὗτος ἦν ὃν εἶπον· ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν» (1,15). O testemunho é realmente uma síntese da história de Jesus e do seu conteúdo teológico⁶⁷. Por isso, João Baptista procura, desde então, ceder lugar àquele que é o Senhor do tempo e da história, porque ele existia com a Eternidade (cf. 1,1-2). No v.34, João faz uma declaração sobre Jesus confirmando: «eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus». Ele é «Senhor» e «Messias» da nova humanidade, da Lei nova coroada de amor e de graça.

2.2.3 Da sua plenitude recebemos graça sobre graça (1,16)

ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν
καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος

Retomando o fim do v.14, o prólogo anuncia a finalidade da revelação de Deus em Jesus, pleno de graça e de verdade: «nós todos (= o evangelista e a comunidade) recebemos da sua plenitude». Sua plenitude transbordou «graça por graça». Se a Lei, dada por intermédio de Moisés⁶⁸, foi uma graça, a «graça e a verdade», amor fiel por excelência, «vieram a ser» (tornaram-se realidade) por Jesus Cristo. O Filho Único do Pai é o único herdeiro de Deus e faz dos seus «co-herdeiros» participantes da mesma herança, ou seja, confere-lhes a condição de filhos. Por isso, à recepção da glória/amor

⁶⁵ G. ZEVINI, *Evangelio según san Juan*, p. 58.

⁶⁶ O v.15a está separado do tema anterior e pelos tempos verbais (presente e perfeito). Contudo, existe uma ligação pelo «περὶ αὐτοῦ» e uma união por μου. Também encontramos um paralelismo nesse v: ὅτι πρῶτός μου ἦν.

⁶⁷ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según san Juan*, pp. 58-59; A. SALAS, *El Evangelio de Juan, Jesús: creador de una humanidad nueva*, San Pablo, Madrid 1993, pp. 29-30.

⁶⁸ Cf. AA. VV., «Mediador», in *Dbá*, Verbo Divino, Estela 1986, p. 214.

corresponde, portanto, o «nascer de Deus» (cf. Jo 1,13), momento inicial dos que hão-de tornar-se filhos de Deus.

Esta é a primeira vez que o discípulo amado pronuncia o nome d'Aquele em quem Deus nos mostra que «é Amor» (1Jo 4,8). Até aqui, levou o leitor a «descobrir» o que já «sabia». O anonimato provisório teve o efeito de acentuar mais a realidade divina da Palavra e da Glória. A referência de Identificação é sempre o Pai. Agora vem o desenlace: esse Dom do Pai é Jesus, proclamado Cristo ou Messias⁶⁹.

O verbo λαμβάνω é utilizado para os que acolheram o Logos de Deus. Por isso, a consequência do acolhimento manifesta-se na participação do fiel crente na vida divina, pois ele recebe graça sobre graça, vida em abundância que vem da parte do Logos. A graça é a própria salvação dada aos homens que querem conhecer o Pai por intermédio da verdade e do amor personificados em Cristo Jesus (cf. 14,6). O Filho de Deus fez-se homem para fazer de todos os homens participantes da sua filiação e introduzi-los na Vida de Deus⁷⁰. Com efeito, o Logos mora em nós não em vista deste mundo. A morada do Logos e a nossa morada é Deus, onde Ele é, onde somos, e para onde somos chamados⁷¹.

2.2.4 A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (1,17)

ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη,
ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.

Os versículos finais do prólogo desenvolvem e clarificam tudo o que o autor afirmou anteriormente através do aperfeiçoamento da Aliança⁷². A aliança transforma o curso da história humana, actuando a partir de dentro, nos corações: «aliança na ternura e no amor..., na fidelidade e no conhecimento de Deus» (Os 2, 21-22). O termo «por meio

⁶⁹ Cf. AA. VV., *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento, Evangelios*, I, pp. 799-805.

⁷⁰ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según San Juan*, pp. 58-59.

⁷¹ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, p. 21.

⁷² Da sua Plenitude (cf. v.14: *cheio de graça e de verdade*), a plenitude que lhe vem da união hipostática. *Graças por graça, a graça* (v.17). A *graça* que todos nós recebemos, correspondente à *graça* em plenitude do Verbo incarnado. *É que a Lei...* A lei representa a revelação e a economia da velha aliança, que atingiu beneficentemente o homem como que exteriormente (foi dada), ao passo que a nova aliança o atinge no seu interior (vieram, produziram-se); a *graça e a verdade*, em manifesta alusão ao v.14, mas aqui participadas pelo homem. Tal é a grandeza da nova economia de que a Antiga era a sombra e a figura. *Jesus Cristo* apareceu-nos, enfim, concretamente, Ele que já era, antes de encarnação, *a Palavra, a Luz, o Filho Único* de Deus.

de» (διὰ) (v.17) fala-nos da mediação⁷³. No AT, Moisés era mediador humano entre Deus e Israel. Jesus é o revelador pleno e escatológico da Palavra que faz homens livres, é o mediador humano-divino entre o Pai e a humanidade. No NT, a graça e a verdade vieram a ser, tornaram-se realidade presente pela intervenção de Jesus.

Nesse sentido se compreende o uso do verbo «ἐγένετο» para indicar a chegada da graça e da verdade (χάρις και ἀλήθεια), pois em Jesus Cristo⁷⁴ realiza-se a manifestação eficaz de Deus na história: a acção de Jesus é a manifestação verdadeira e decisiva do Deus da «graça (amor) e verdade (fidelidade)» de Ex 34,5-6. A Lei de Moisés corresponde, não à «graça», mas à «Verdade», de modo que se pode perceber uma equivalência entre o verbo ἐδόθη (foi dada) e «a graça (= o dom) veio a ser». A Palavra de Deus (o mandamento) foi esculpida em Jesus como manifestação humanamente perfeita do acolhimento da graça de Deus (cf. 13,34-35). Moisés não viu Deus. Mas o Unigénito de Deus dá-nos a conhecer Deus. A história dessa revelação é o testemunho do Quarto Evangelho e dos outros Evangelhos.

2.2.5 O Filho Unigénito do Pai revelou-nos o Pai (1,18)

Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε·
μονογενὴς θεὸς
ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς
ἐκεῖνος ἐξηγήσατο

No v.18 o evangelista apresenta Cristo como visão do Pai para todos os crentes. Quem conhece Cristo, conhece o Pai: «Filipe quem Me vê, vê o Pai. Como é que me dizes, então, mostra-nos o Pai? Não crês que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim?» (14,9-10). Sem o conhecimento de Deus, ninguém pode ser recebido na sua fé e graça.

O Filho Unigénito⁷⁵ que está no seio do Pai mostra-nos quanto o Nome do Pai nos basta para a salvação; Ele coloca a nossa fé no claro conhecimento do Pai. No entanto, o próprio Deus diz: «Nenhum homem Me verá e depois viverá» (Ex 33,20). Com efeito, o

⁷³Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan ...*, pp. 75-78. Os vv. 16-17 são uma unidade. Temos aqui a resposta dos crentes. O ὅτι une os dois versículos: χάρις e ἀλήθεια. O v.17 é o resumo das precedentes. É explicativo do anterior e é um paralelismo sintético e progressivo.

⁷⁴ Cf. S. GRASSO, *Il Vangelo di Giovanni*, pp. 59-61.

⁷⁵ Cf. G. SEGALLA, «Juan», in P. ROSSANO, G. RAVASI, A. GIRLANDA, *NDTB*, Paulinas, Madrid 1990, pp. 929-930.

entendimento do homem é incapaz de suportar a claridade da luz divina. Quer dizer: ninguém abarca Deus com o entendimento, porquanto a sua força é infinita, e os entendimentos dos anjos e dos homens, se se aplicam a Deus, não podem ultrapassar certos limites, de tal maneira que aquilo que não pode ver de Deus excede infinitamente as suas capacidades intelectuais. Por isso se diz que Deus é inabarcável, só Deus entende Deus e Cristo é o principal exemplo disso.

No v.14 há uma experiência ocular de Jesus que vai até a ressurreição (cf. 20,9: viu e acreditou). Ver é fundamental para que se tenha fé. O valor do ver é fundamental no quarto Evangelho. O ver ajuda a crer; o ver é o advento da fé. A fé requer também os testemunhos vivos dos discípulos de Jesus Cristo para poder testemunhar com credibilidade Cristo a todos os homens de boa vontade.

No encontro de Deus com Moisés, Deus revelou a sua identidade, mas não disse o seu nome nem mostrou a sua face: disse que o seu nome é : «EU SOU». Moisés não se satisfaz com isso e pede a Deus que o deixe ver a sua glória. No v.14 temos o cumprimento pleno do que Moisés tinha pedido a Deus. Jesus é a glória de Deus revelado ao mundo. É Logos que procede do Pai – toda a sua acção se vai fundar na sua intimidade com o Pai⁷⁶.

A invisibilidade radical de Deus torna-se visível no Logos encarnado. Os homens não conseguem ver a Deus na sua integridade, por causa da sua finitude. Podem ter visões de Deus, ouvir a voz de Deus; mas ver Deus, só em Cristo. Só o Filho Unigénito tem poder de nos revelar o Pai, porque Ele veio de Deus. Através d’Ele a glória de Deus deixa-se ver. Só Deus pode falar do próprio Deus. Nenhuma outra pessoa poderia expressá-l’O, e em que profundidade! Só Cristo é (o único) capaz de nos falar de Deus, porque Ele está constantemente voltado para o Pai: «O Filho não pode fazer por Si mesmo nada que não veja o Pai fazer; o que Este faz, o Filho fá-lo igualmente» (5,19).

Jesus vive «no seio do Pai». O seio do Pai, na linguagem bíblica, é a imagem típica do amor e da convivência: toda a vida de Jesus se desenrola como vida filial, numa atitude de atenção e de obediência ao Pai, numa relação de amor com o Pai e como manifestação de amor do Pai. Portanto, o Filho não procura a sua Glória mas busca escutar o Pai para manifestar o seu Rosto. Ele é a revelação personificada de Deus⁷⁷.

⁷⁶ Cf. P. STEFANI, «Moisés», in P. ROSSANO, G. RAVASI, A. GIRLANDA, *NDTB*, pp. 1256-1264.

⁷⁷ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio según San Juan*, p. 60; ORÍGENES, «Cristología», pp. 391-192. «Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε» - *A Deus ninguém jamais O viu*, o mistério da transcendência divina (Jo 6,46; 1Jo 4,12; etc.), que causava tão grande terror aos Israelitas, para os quais (o) ver a Deus podia ocasionar a morte (Ex 20,19; 33,20; Jz 13,21-23). Na Nova Aliança, tudo mudou: *o Filho Único, que está no seio do Pai*, é na sua

Todas as explicações de Deus dadas antes de Jesus eram imperfeitas, e as expressões em que se afirma que algumas personagens viram o Deus de Israel (cf. Ex 24,10-11; 33,11; Nm 12,6-8; Dt 34,10) devem ser relativizadas⁷⁸. A vinda do Filho de Deus ao mundo demonstra a íntima comunhão entre o Filho e o Pai (cf. 10,30.38; 14,10.11; 17,21-22). «O Filho está face a face com o Pai, acolhido na sua intimidade, e esta relação não é momentânea ou acidental, mas define a postura conatural do Filho na presença do Pai»⁷⁹. Por isso, o alimento do Filho é fazer a vontade do Pai (cf. 4,34).

Só Jesus, por sua experiência pessoal, pode expressar quem é Deus (cf. 6,46). É preciso «desaprender» o que se sabia de Deus para aprender de Jesus, o exegeta ou o Profeta do Pai. Jesus torna presente o Pai e é a única fonte para conhecer o Pai e o homem de maneira perfeita. Jesus é, então, a Verdade do homem e a Verdade de Deus, não como doutrina, mas como presença de ser e actividade. Revela o que é Deus dando a sua Vida ao homem, tornando assim presente e visível o amor incondicional do Pai⁸⁰.

intimidade, revela-O aos homens, Ele que é a sua Palavra substancial, enquanto não vêem a visão face a face (1Jo 3,2; Mat 11,27; Luc 10,22). *Um Deus, Filho Único, um Deus Unigénito*, é a lição dos melhores manuscritos; outros preferem: (o) *Filho Unigénito* (ou simplesmente: *o Unigénito*). Ainda o v.18 aprofunda a explicação de todo o prólogo usando a metáfora «no seio do Pai» (τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς) para ilustrar e demonstrar a identidade e missão do Filho centrada na palavra «ἐκείνος».

⁷⁸Cf. J. L. R. DE LA PEÑA, *Imagen de Dios...*, pp. 19-88.

⁷⁹J. MATEOS e J. BARRETO, *El Evangelio de Juan ...*, p. 78.

⁸⁰Cf. D. J. HARRINGTON e F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, The Liturgical Press, Collegeville 1998, pp. 41-47.

CAPITULO III: CHAVES PARA A COMPREENSÃO DO TERMO

«LOGOS»

O título de Logos atribuído a Jesus por João não vem do próprio Cristo. O autor do Quarto Evangelho absteve-se de pô-lo nos lábios de Jesus. Portanto, podemos dizer que João fez uma adaptação da palavra *Logos* ao mundo escriturístico, a qual se prendeu sucessivamente ao mundo grego, à tradição veterotestamentária relativa à Palavra, à tradição veterotestamentária relativa à Sabedoria, ao judaísmo tardio (Filão e judaísmo rabínico), bem como a outras influências que antecederam o evangelista. Nesse caso podemos dizer que o «Logos joânico aparece como resumo do que de mais essencial existe no AT e NT, ao mesmo tempo que ele parece corresponder às aspirações confusas do mundo grego»⁸¹.

A doutrina do Logos encontra-se em vários sistemas religiosos e filosóficos e em diversas literaturas (da Índia, da Pérsia, do Egipto, da Grécia e de Israel). Aqui, é a Grécia que nos importa, já que o cristianismo se desenvolveu em meio helénico. Por isso, vamos abordar as diversas perspectivas que os gregos tinham a respeito do Logos, que não era uma coisa qualquer, mas estava relacionado com o divino e tinha em si o dinamismo de transformar o mundo.

3.1 O LOGOS NO MUNDO GREGO

O Logos grego é o *Logos* que procura explicar alguma coisa, não interpela ninguém e, por isso, difere da interpretação joanina que é dirigida por Deus ao homem e ao mundo. Os gregos dão mais importância ao conhecimento racional. Por este motivo, querem ver e compreender, não ouvir. Pelo contrário, é essencial ao *Logos* encarnado da Bíblia ser escutado, seja ele palavra, promessa, ameaça ou mandamento. O importante aqui não é tanto o seu conteúdo inteligível, mas o Acontecimento que ele representa. No entanto, essa Palavra comporta também um conteúdo inteligível de que o próprio Logos é o intérprete que nos prende a um Deus Pessoal; Ela mesma é a comunicação por excelência entre (é através dela, sobretudo, que o homem manifesta o seu pensamento) o Deus da Bíblia e a humanidade⁸².

⁸¹ A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, p. 213.

⁸² Cf. A. FEUILLET *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 217-218.

Justino atribui a Heráclito a honra de ter proclamado, em primeiro lugar, a existência do Logos. Compreender o Logos em Heráclito e, inclusive, o significado preciso que se deve atribuir, em cada caso, à palavra (Logos), exige uma apurada reflexão. O Logos encarado como a lei do universo parece representar certo papel nos 125 fragmentos do «Περὶ πηυσεῶς» que dele nos chegaram⁸³. Para Heráclito, o Logos é eterno e encontra-se presente em toda parte; encarna no fogo, elemento primordial que domina o incessante fluxo das coisas; harmoniza forças antagónicas; comunica aos homens a palavra e, enquanto percebido por todos, é o critério da verdade; ensina a conhecer a unidade essencial de todas as coisas. É próprio do sábio ouvi-lo e manifestá-lo. Mas é rejeitado pelos homens incapazes de compreendê-lo. O próprio Heráclito tenta mostrar que do Logos, que é eterno, os homens não têm a compreensão⁸⁴.

Contudo, o conceito do *Logos* chegou até nós através de Platão. No entanto, existe alguma controvérsia entre Platão e os neo-platónicos, e também entre o Platão autêntico e Platão apócrifo. Já nos primeiros séculos do Cristianismo, os filósofos que especulavam sobre o *Logos* eram na maioria platónicos. Por isso, as obras ditas apócrifas de Platão, muito ajudaram para o esclarecimento do conceito Logos. O que continua incontestável é que Platão, com a sua teoria do mundo inteligível, modelo e princípio do mundo sensível, exerceu profunda influência sobre todo o pensamento filosófico ulterior, inclusive o estoicismo. Bastará a Filão de Alexandria assimilar deste a causa exemplar do mundo.

Com frequência, para explicar o *Logos* joanino, projectou-se o «*Logos*» estóico, princípio divino que realiza a unidade do cosmos e é nele como que a alma (panteísmo). «O *Logos* dos estóicos é a razão imanente do mundo; ele garante-lhe a coesão, prende o passado ao presente e ao futuro e faz de todos os seres um grande organismo de quem é, ao mesmo tempo, a lei e a força que anima, a razão seminal. Nos seres inanimados, é a propriedade essencial que os especifica, na matéria, o que une as diversas partes, nas plantas, o crescimento vital, nos animais, o princípio do movimento. No homem, ele encontra-se sob a forma da razão»⁸⁵. A respeito do homem, os estóicos distinguiram, de um lado, o *Logos* interior, o pensamento que faz com que o homem participe do *Logos* cósmico, da alma do mundo; e, de outro lado, o *Logos* proferido ou a linguagem, graças à

⁸³ Cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 213-214; G. REALE e D. ANTISERI, *Historia del pensamiento Filosófico e Científico, Antigüedad y Edad Media*, I, Herder, Barcelona ³2004, pp. 353-356.

⁸⁴ Cf. G. REALE e D. ANTISERI, *Historia del pensamiento Filosófico ...*, pp. 42-44; J. BRUN, *Os Pré-Socráticos*, Edições 70, Lisboa 1980, pp. 41-56.

⁸⁵ A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 216-217; cf. G. REALE e D. ANTISERI, *Historia del Pensamiento Filosófico ...*, pp. 227-236.

qual o homem entra em comunicação com os deuses e os outros homens. Além disso, os estóicos falaram das razões seminais (*λογος σπερματικοι*), as razões íntimas ou germes de onde procederiam todas as coisas, antes de as sintetizar numa única força⁸⁶.

3.2 O LOGOS NA TRADIÇÃO JUDAICA

O Deus que a Bíblia nos apresenta, já no AT, é um Deus que busca e nos busca a cada um; um Deus eterno e um Deus severo; um Deus forte e um Deus fraco. Resumidamente, um Deus inexprimível. Ele revelou-Se aos homens de diversos modos: no seu Dabar, na criação, na sua promessa com Abraão, na sabedoria popular judia, na Lei.

O termo «Logos» ou Palavra estava muito difundido nos finais do primeiro século. Aplicado a Jesus, apresenta-O como um Ser sobrenatural, que reúne em Si as características que o judaísmo atribuía à Lei e à Sabedoria. A Palavra participa de todos os poderes. Ela expressa o desígnio ou o plano de Deus sobre os homens; é como o retrato de Deus acerca dos homens. Deus, mais uma vez, fez-Se inteligível na sua Palavra, em Jesus Cristo⁸⁷. O vocábulo «Logos» na tradição judaica tem uma série de significados⁸⁸. Mas o que mais nos interessa aqui é o que os estóicos distinguiam como «Logos imanente» e «Logos proferido»; isto é, o «Logos» que está na mente e o «Logos» expressado ou, por outras palavras, «pensamento» e «palavra». Estes conceitos são diferentes para nós, mas não o eram para as pessoas da língua grega.

Logos como «palavra» nunca é a mera palavra como conjunto de sons (voz), mas a palavra enquanto determinada por um significado e que comporta um significado. Logos como pensamento não é nem a faculdade nem o processo de pensar como tal, mas uma unidade articulada de pensamento, capaz de expressão inteligível, tanto na forma de uma só palavra, como na de frase ou oração⁸⁹. O facto de ser ou não pronunciada (ou escrita) é uma questão secundária, (caso accidental); em qualquer caso é Logos. Por trás

⁸⁶ Cf. CENTRO DE ESTUDIOS FILOSOFICOS DE GALLARATE, «Justino», in *DF*, Rioduero, Madrid 1986, pp. 719-720.

⁸⁷ Cf. F. F. RAMOS, «Evangelio segun San Juan», in *Comentario al Nuevo Testamento*, La Casa de la Biblia, Estella 1995, p. 271; S. A. PANIMOLLE, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni*, pp. 91-93.

⁸⁸ Cf. J. C. DAS NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica, Lisboa 2004, p. 103: «Em toda a Bíblia, “Logos” aparece apenas duas vezes como sentido personificado, precisamente no Quarto Evangelho, em 1,1.14, sendo o sujeito do prólogo (1,1-18). Os filósofos, teólogos e críticos da literatura tratam do Logos em variadíssimos aspectos. Deste modo, podemos falar da multifacetariedade do Logos na reflexão teológico-filosófica do mesmo.»

⁸⁹ C. H. DODD, *Interpretación del cuarto Evangelio*, Cristiandad, Madrid 1978, pp. 266-268.

disso, ou subjacente, está a ideia do que é ordenado racionalmente, tal como a proporção em matemática, ou o que chamamos lei na natureza. Estes são exemplos da mesma coisa, que experimentamos como pensamento articulado ou linguagem significativa. Por isso, vamos tentar explicar um pouco do conceito do Logos que transparece no ambiente judaico, marcado pela Palavra e Lei de Deus.

3.2.1 Dabar no AT

Nos LXX, Logos quase sempre traduz *Dabar* (ou o seu equivalente arameu *millah*), um termo cujo conteúdo semântico coincide em parte com o de Logos, mas não é totalmente idêntico. Deriva da raiz *dbr*, que significa falar, e *dabar* é essencialmente a palavra falada como (meio de) comunicação. No AT *debar yhwh* usa-se frequentemente para designar a comunicação de Deus por meio dos profetas, através dos quais vinha a palavra do Senhor. A totalidade da revelação de Deus denomina-se *Toráh*, termo que muitas vezes é paralelo ou virtualmente sinónimo de *debar yhwh*.

Toda a ideia da revelação do AT está determinada pela analogia da palavra falada e escutada, enquanto distinta da ideia de revelação como visão. Deus dirige-Se aos homens por meio de palavras, e foram estas mesmas palavras que ordenaram o mundo e criaram todas as coisas. A Palavra de Deus é viva e eficaz (performativa), tal com a chuva que cai não volta para o seu lugar sem fecundar a terra com o efeito de produzir (cf. Is 55,10-11). O Logos de Deus é todo-poderoso e produz vida e atribui salvação aos homens de boa vontade. Todavia, na linguagem hebraica existe uma tendência habitual do pensamento para atribuir à palavra falada uma existência e actividade por si mesma⁹⁰.

No que diz respeito ao uso do termo Logos no pensamento religioso do helenismo, podemos esclarecer-nos com os ensinamentos (que nos foram) oferecidos pela «literatura esotérica» e por algumas das seitas «gnósticas» semi-cristãs ou quase-cristãs. O evangelista do Quarto Evangelho usou influências nesse sentido do termo, visto que este conceito era muito utilizado na cultura judaica principalmente para falar das realidades divinas mediadoras⁹¹.

⁹⁰ Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto Evangelio*, p. 268; W. BRUEGGEMANN, «La palabra profética de Dios en la historia», in *ST* 35 (1996) 258-264; R. P. SERAFÍN DE AUSEJO, «Palabra», cols. 1406-1409.

⁹¹ Cf. J. C. DAS NEVES, *Escritos de S. João*, pp. 112-119; P. SMULDERS, «Creación», in *SMET*, Tomo II, Herder, Barcelona 1972, cols. 4-8. Filão de Alexandria é, de facto, o expoente máximo do pensamento filosófico e teológico dos judeus nos tempos que sucederam imediatamente a Pessoa de Jesus. O seu

Logos usa-se no sentido da «Palavra de Deus», a Revelação que de Si mesmo faz aos homens. O conteúdo do AT baseia-se nesse dinamismo da Palavra de Deus. É o que aconteceu em Cristo: diz que o Pai O enviou e deu testemunho a seu favor (cf. 5,36-37). É verdade que Deus não é uma voz que se possa ouvir, como tão pouco um rosto que se possa ver; não obstante, existe o que chamamos a Palavra de Deus – que diz muito daquilo que Deus é e do grande desígnio de amor que tem pelas suas criaturas.

Existe uma grande semelhança e dissemelhança entre a Palavra de Deus contida na Toráh e a Palavra de Deus em Pessoa, Cristo. No v.17 do prólogo, a graça e a verdade que vêm de Cristo são contrastadas explicitamente com a Toráh.

Por conseguinte, a doutrina do Logos no prólogo pode interpretar-se, em grande parte, partindo do pressuposto veterotestamentário de o termo Logos ter o significado de palavra. Além disso, a ideia de Cristo como Palavra – a palavra falada de Deus, ainda que concebida hipostaticamente – pode encontrar-se nos escritos que procedem de um círculo cujo pensamento se parece certamente com o Quarto Evangelho nalguns aspectos. Portanto, o que podemos concluir do termo Logos é que existe um único Deus, que se revelou em Jesus Cristo, seu Filho, que é sua Palavra que brota do silêncio do Altíssimo.

No AT, o Logos condensava-se no ambiente judaico com a afirmação de que a Toráh é a Palavra de Deus falada. Para além disso, temos a interpretação rabínica, helenística e a reflexão sapiencial (especulação sobre a Sabedoria) que reflectem a Palavra do Senhor como agente de criação e revelação⁹².

3.2.2 A criação

A crença e a profissão de fé num único Deus criador manifesta-se na própria criação que é única e incomparável na cultura hebraica. Deus criou o céu e a terra, o homem, os animais e todos os seres vivos (cf. Sal 104,30). Seguidamente constituiu o povo de Israel (cf. Is 43,1). Tudo isto foi criado por intermédio da palavra imperativa de Deus: «E disse Deus... e assim foi» (Gen 1). «Deus criou a partir do nada (*creatio ex nihilo*) os astros, as plantas, os animais e os homens - ser criado à imagem de Deus. O objectivo principal do Gen 1 é proclamar que Deus criou o mundo. Ele “ordenou” que a

método alegórico de interpretar as escritas hebraicas influenciou judeus e cristãos. Na hermenêutica cristã, até ao século XVIII da nossa era, primou o método alegórico, em grande parte por influência de Filão.

⁹² Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto Evangelio*, pp. 271-274.

luz ocuparia o lugar das trevas, pondo ordem no meio da confusão, implantou a vida e a acção no seio do mundo»⁹³.

A luz foi chamada por Deus à criação, logo no primeiro dia do trabalho criatural divino (cf. Gen 1,3). Ainda na sequência disso, Job 38,19 alude a uma origem misteriosa desta luz que é querida por Deus e amada pelos homens. Esta luz, criada no princípio, é identificada com o dia e tem uma existência independente (cf. Gen 1,3.5), embora seja relacionada, mais adiante, com o sol (cf. Gen 1,17-18). «A luz aparece como um instrumento importante para a vida humana. Sem ela o homem vive em perpétua escuridão. Como a escuridão caracteriza tanto o ventre materno (cf. Job 3,16; Sal 58,9) como o reino da morte (cf. Job 10,22), a luz é associada com a vida; ver a luz significa viver; e de certa forma ter a luz identifica-se com a vida.

Portanto, não ter a luz significa morte, escuridão, calamidade, etc. A luz representa os valores opostos às trevas. Ela traz alegria (cf. Is 60,20) e felicidade (cf. Job 22,28; Sal 12,4). Assim a luz tornou-se um elemento da salvação messiânica (cf. Is 9,1; 58,8). Podemos ver que no AT tudo o que era bom era comparado à luz. Quem por palavras ou por obras cooperar para difundir esta luz, como, por exemplo, o Servo de *YHWH*, é chamado também à luz»⁹⁴. A sua Glória irradia um esplendor (cf. Bar 5,9); as suas aparições são caracterizadas por fenómenos luminosos (cf. 2Sam 22,13; Sal 18,13); a luz simboliza a Presença de Deus (cf. Ex 13,21); Deus⁹⁵ é esta Luz que ilumina o homem (cf. Sal 27,1; 43,3; 44,4).

Para os profetas⁹⁶, o Deus que Se revelou no Sinai é rei cósmico e universal. Porém, este Deus não só doa as leis que governam o cosmos, mas também guia a história humana, sobretudo a do povo: «Eu sou *YHWH*, teu Deus, do país do Egipto em diante» (Os 12,10), dirá a Israel; desde então amou-o como seu Filho e chamou-o no deserto (cf.

⁹³ A. GANOCZY, *Doctrina de la creación*, Herder, Barcelona 1986, pp. 30-39; cf. H. VALL, «Revelación y Signos de los Tiempos», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993, pp. 582-553.

⁹⁴ Cf. AA. VV., «Luz», in *DTI*, I, Sígueme, Salamanca 1983, cols. 909-910.

⁹⁵ Deus é intimamente relacionado com a luz (como no A.T.): é chamado «Pai das Luzes» (Tg 1,17); mora numa Luz inacessível (cf. 1Tm 6,16), e é identificado com a luz (cf. 1Jo 1,5). Os seus mensageiros são chamados anjos da luz (cf. Act 12,7; 2Cor 11,14). O Cristo glorioso participa deste atributo divino; aparece numa luz milagrosa (cf. Mt 17,5; Act 9,3; 22,6.9.11; 26,13) e, conforme Ap 21,24, iluminará a Jerusalém celeste.

⁹⁶ O profeta transmite uma palavra que Deus lhe dirigiu e, normalmente, sublinha esta transmissão por meio de expressões consagradas: «Palavra de Javé», «Assim fala o Senhor», ou ainda «Oráculo do Senhor». A razão do uso destas expressões é mostrar que as palavras transmitidas, que podem parecer humanas são, de facto, palavras de Deus. Devemos, portanto, falar de uma *inspiração* não só literária, mas também e sobretudo *divina*, que se concretiza em palavras vindas de Deus.

Os 11,1), fazendo-o testemunha de «acontecimentos» maravilhosos e salvíficos (cf. Os 11,1; 13,4; Mq 6,4; Ez 20,5ss).

Por isso é preciso reconhecer a realza divina e ter confiança em Deus e não nos homens ou nas alianças humanas (cf. Os 7,11; Is 7; Jr 2,18.36; Ez 17,15). Da Aliança no Sinai se formou o Povo de Deus -Israel. Segundo a tradição profética, o povo de Israel não se cansava de repetir que o seu Deus nacional é também o criador da Luz (cf. Is 9,1) da paz universal (cf. Is 11,6-9), da fecundidade do solo (cf. Is 35,1-2), dos novos céus e da nova terra, do tempo escatológico (cf. Is 51,16; 65,17; 66,23); e é o Deus de todas as nações⁹⁷. Todos, hebreus e pagãos, devem responder-Lhe (cf. Am 1).

A criação representa o primeiro momento da comunicação que Deus deseja fazer de Si aos homens; está ordenada à Encarnação do seu Filho, isto é, ao dom absoluto e irreversível pelo qual o Todo-Outro vem assumir uma solidariedade perfeita. Ele fez-Se aquilo que nós somos, para fazer de nós aquilo que Ele é⁹⁸.

3.2.3 Abraão, o portador da palavra

Abraão, considerado o Pai de todos os crentes, é o homem que acreditou totalmente na palavra de Deus e obedeceu à vontade de Deus. Por isso, a «posição de Abraão fundamenta-se no seu chamamento por Deus (cf. Gen 12,3) e na aliança feita com ele por Deus (cf. Gen 17,7), e se completa pela obediência cheia de fé com que respondeu a Deus, e que lhe foi reconhecida como justiça (cf. Gen 15,6).

Assim Abraão tornou-se portador de revelação e de salvação em sentido imanente, facto que ecoa vivamente através de toda a tradição bíblica, onde lhe é dado o título de profeta (cf. Gen 20,7), de amigo de Deus (cf. Is 41,8) e de servo de Deus (cf. Sal 105,6). *YHWH* é o Deus de Abraão (cf. Gen 26, 24) e Abraão é o pai de Israel, a rocha da qual foi tirado o povo (cf. Is 51,1s)⁹⁹.

A fé de Abraão (dom de Deus) foi – evidentemente não no sentido absoluto mas dentro dos limites da liberdade humana respeitada por Deus – uma condição *sine qua non* para que houvesse uma História de Salvação, com Seus inícios em Israel e com os seus complementos histórico em Jesus, o Logos encarnado.

⁹⁷ Cf. A. GANOCZY, *Doctrina de la creación*, pp. 39-44.

⁹⁸ Cf. A. J. COELHO, *Quem me vê, vê o Pai*, p. 75.

⁹⁹ O. SCHILLING, «Abraão», in *DTB*, I, Loyola, São Paulo 1984, p. 1.

«A posição-chave de Abraão realiza pela primeira vez na História da Salvação, com toda a clareza, o alcance da mediação salvífica a saber que Deus oferece a sua revelação a cada indivíduo, que é o iniciador, o qual a transmite a uma comunidade, tomando sobre si a responsabilidade em favor de todos. Por isso, de Abraão muitos gozarão de salvação porque são da sua linhagem (seus descendentes)»¹⁰⁰. Foi na pessoa de Abraão que se esclareceu a lei básica da redenção e da salvação: descendência de Abraão sem imitação de Abraão não tem valor perante Deus (cf. Jo 8,39). Por isso, com Abraão podemos falar do início da história da salvação; e isso mostra a liberdade da graça de Deus, não obstante estar ligada à filiação e de Abraão no sentido biológico (filiação espiritual de todos os crentes em Abraão).

Abraão é julgado pela fé na Palavra de Deus, visto que viveu antes da Lei. É justificado independentemente da Lei (cf. Rm 4,3s.13). Paulo explica igualmente a bênção que, através de Abraão, à maneira de uma reacção em cadeia, que serve de mediação para a salvação, deveria chegar a todos os povos. Paulo vê cumprida em Cristo a promessa que foi feita a Abraão¹⁰¹ para a sua descendência (cf. Gal 1,16s; Jo 8,56). Cristo dá cumprimento aos propósitos de Deus para com toda a humanidade. Por isso, pela sua morte no madeiro e Ressurreição todo o mundo foi atraído à Glória do seu Pai.

3.2.4 A Sabedoria judia

Como todos os outros povos, também Israel tem um conhecimento prático, baseado na experiência, das leis que regem a vida humana. A que estamos a referir-nos, em concreto, quando falamos de sabedoria? Na nossa lógica moderna, «facilmente» associamos sabedoria e inteligência, de modo que uma pessoa sábia é uma pessoa inteligente, e vice-versa¹⁰².

No mundo hebraico antigo, as coisas não aparecem tão simples. Por isso, é necessário delimitar também a partir da verbalização conceptual o mundo da sabedoria. G. von Rad¹⁰³ atribui a diferença de abordagem da sabedoria entre os gregos e israelitas à falta de um conceito que se equipare ao grego de *Logos* ou ao latino de *ratio*. A sabedoria

¹⁰⁰ O. SCHILLING, «Abraão», pp. 2-4;

¹⁰¹ Cf. O. SCHILLING, «Abraão», p. 1; F. G. LÓPEZ, *El Pentateuco, Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, Verbo Divino, Estella 2003, pp. 25-26.

¹⁰² Cf. G. ZIENER, «Sabedoria», in *DTB*, II, Loyola, São Paulo 1983, p. 1007.

¹⁰³ Cf. G. VON RAD, *Sabiduría en Israel, Proverbios, Job, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabiduría*, Cristiandad, Madrid 1985, pp. 365-393.

não é, portanto, «um conjunto de capacidades naturais do indivíduo», mas é «um dom/carisma que não é dado a todos». Este autor vê como paradigmática a oração de Salomão em 1Rs 3,9: «Terás de conceder ao teu servo um coração cheio de entendimento/coração que saiba escutar, para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal. De outro modo, quem seria capaz de julgar o teu povo, um povo tão importante?»

Da oração salomónica, podemos entender que a sabedoria do homem bíblico ultrapassa o nosso moderno conceito de sabedoria, muito ligada por vezes ao mundo intelectual. A sabedoria bíblica não é, por isso, uma acumulação de conhecimentos. Segundo Morla Asensio, «a sabedoria é a busca da auto-compreensão em termos de relação com as coisas, com as pessoas e com o criador»¹⁰⁴. Além disso, procura sobretudo a realização auto-pessoal, mas sem esquecer a busca da compreensão das leis da vida e do universo.

A literatura sapiencial apresenta também um aspecto existencial, vital e prático no sentido estrito da palavra. Partindo do ponto de vista da teologia da criação é conveniente examinar, em primeiro lugar, a sabedoria experimental, de orientação predominantemente mundana, antes de dirigir a atenção aos testemunhos sapienciais explicitamente teológicos¹⁰⁵. G. von Rad caracteriza a sabedoria bíblica como fundada sobre o «conhecimento prático das leis da vida e do mundo, baseado na experiência»¹⁰⁶. Esta teoria, porém, colocar-nos-á à frente do problema gnoseológico: até que ponto é que o homem é capaz de conhecer e compreender a realidade que o rodeia?

A teoria de von Rad leva-nos a pensar numa sabedoria com fins práticos e eudemonística (procura da felicidade), mas a verdade é que os sábios se limitam, muitas vezes, a expor a realidade tal como esta se lhes manifesta. A sabedoria bíblica é multifacetada: tem por objectivo dar a felicidade e ensinar uma conduta de vida (não necessariamente moral nem moralizante) ao homem que a procura. Ela equilibra o homem na sua relação com a criação, com a sociedade e com o próprio Deus criador¹⁰⁷.

Desta maneira a sabedoria vital do AT amplia-se pouco a pouco passando da existência individual a profundidade teológica. Ela enlaça a razão e a fé, a percepção estética e a adesão religiosa, a simples admiração e o reconhecimento do prodígio. Esta

¹⁰⁴ V. MORLA ASENSIO, *Libros sapienciales y otros escritos. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, Verbo Divino, Estella 2006, pp. 21-64.

¹⁰⁵ Cf. A. GANOCZY, *Doctrina de la creación*, pp. 42-44.

¹⁰⁶ G. VON RAD, *Sabiduría en Israel*, p. 75.

¹⁰⁷ Cf. J. HUG, «Sabiduría y condición humana. Reflexión sobre el libro de la Sabiduría», in *ST 35* (1996) 324-326; V. MORLA, «La fascinación de la sabiduría», in *ST 35* (1996) 307-309.

filosofia de vida, ao mesmo tempo mundana, foi constituída por Deus a base firme do louvor atribuído ao criador e do amor professado às criaturas¹⁰⁸. A Sabedoria, tal como é descrita em Sab 7,22-8,1, é basicamente Deus em Si mesmo (=Logos) e em sua actividade no mundo. «Esta representação da actividade divina sob a imagem da sabedoria não é só literariamente interessante, mas tem uma grande significação teológica: com a sua figura da Sabedoria divina os hagiógrafos do AT prepararam o caminho para a revelação neotestamentária de Cristo»¹⁰⁹.

3.2.5 A Lei

Desde o início da história, Deus manifestou-Se à consciência de cada homem, para lhe mostrar o caminho da salvação. Além disso, Deus concedeu sempre os meios para que o mesmo homem pudesse realizar a vocação a que é chamado.

A Lei era, para os israelitas do tempo de Jesus Cristo, a grande realidade religiosa. A Toráh (o Pentateuco) era considerada como muito superior a todos os outros livros inspirados da Escritura. Pela Lei «aprendemos as coisas divinas como convém, e as humanas como é útil» como diz o autor do segundo livros dos Macabeus «quando dois estão sentados juntos e recitam as palavras da Lei, a Shekinâ (a Presença de Deus) está no meio deles»¹¹⁰. O próprio Jesus demonstrava o grande respeito perante a Lei: «em verdade vos digo: até os céus e a terra passarem, nenhum jota e nenhum risco da Lei passará sem que tudo tenha sido cumprido» (cf. Mt 5,19).

Por conseguinte, vê-se que a Lei «era uma realidade religiosa de conteúdo extraordinário e rico em virtudes do saber viver, uma dádiva de Deus, que constituía a vida de Israel»¹¹¹. O grande legislador de Israel era Moisés, e toda a Toráh (o Pentateuco) é chamada «o livro da Lei de Moisés» (Jos 8,31; 2Rs 14,6), pelo menos nas partes tardias do AT, relacionando com a amplitude da missão de Moisés no meio de Israel; não obstante, estudos posteriores afirmam outras autorias dos Livros do Pentateuco. A Lei é considerada a manifestação da vontade de Deus. Demonstra a acção benévola que Deus

¹⁰⁸ Cf. A. GANOCZY, *Doctrina de la creación*, p. 49.

¹⁰⁹ G. ZIENER, «Sabedoria», p. 1013.

¹¹⁰ H. CAZELLES, «Lei», in *DTB*, II, p. 616.

¹¹¹ H. CAZELLES, «Lei», pp. 618-619.

quer ter para com seu povo, salvando-o da escravidão do Egito e dando-lhe um país livre e uma vida próspera¹¹².

Ainda existem conjuntos de leis que guiam o povo de Deus e mostram como Deus marca as etapas da história através de suas grandes instituições: a lei da fecundidade, com Adão; a lei da reverência do sangue, com Noé; a lei da circuncisão, com Abraão; a lei do santuário, com Moisés e Aarão. Foi precisamente esse conjunto que forneceu ao Pentateuco a sua moldura, e ainda Josué (Jos 20) oferece uma lei complementar¹¹³.

A Lei não era só uma lei natural, mas uma intervenção de Deus que dá ao povo critérios que guiam, neste ou naquele estado, a sua evolução histórica. A Lei é considerada como «Luz de Israel». É a eterna expressão da vontade de Deus revelada a Israel por uma preferência graciosa. Por isso a Lei é amada como se ama a realidade divina. A Sabedoria, o livro da aliança do Altíssimo, procede do Altíssimo e mora em Israel por ordem de Deus (cf. Sir 24,18-31). Ela (a Lei) é frutuosa e produz, a seu tempo, preciosos frutos e fertiliza o paraíso contemplado pelos profetas¹¹⁴.

3.2.6 Logos no judaísmo rabínico: a Toráh e o Memra

Quanto ao judaísmo rabínico, encontramos dois conceitos aproximativos do Logos joanino: a *Toráh* e o *Memra*. No judaísmo tardio, a *Toráh* é idealizada e personificada. Por isso, a *Toráh* facilmente passou a ser considerada como Sabedoria, tal como já preconizam o Sirácida e o livro de Baruc (cf. Bar 3,9-4,4). Em todo o caso, os rabinos atribuem à *Toráh* a pré-existência, e dizem que ela serviu de modelo a Deus no momento da criação do mundo.

O Deuteronomio contém uma teologia mais elaborada da *Toráh* divina. Embora o Decálogo tenha sido dado directamente por Deus (cf. Dt 5), as leis como um todo, foram dadas por um intermediário, Moisés. Esta *Toráh* não é somente decreto, imperativo, é também sabedoria de vida¹¹⁵.

A *Toráh* é a expressão dos actos da vontade de Deus e como tal está próxima do coração dos homens: «Este mandamento que hoje te ofereço não é inatingível nem inalcançável para ti. Não está no céu, de modo que precisas pedir: quem subirá por nós ao

¹¹² Cf. D. ALEIXANDRE, «El profetismo, cara y cruz de la ley», in *ST* 35 (1996) 265-268.

¹¹³ Cf. F. G. LÓPEZ, *El Pentateuco*, pp. 291-311; 345-355.

¹¹⁴ H. CAZELLES, «Lei», p. 620.

¹¹⁵ Cf. H. CAZELLES, «Lei», p. 619-620.

céu, para buscá-lo e no-lo anunciar para que a sigamos? ... não, a palavra está bem perto de ti, em tua boca e no teu coração, para que possas caminhar segundo ela» (Dt 30,11-14). É um dom de Deus, uma revelação que promete Felicidade e Vida: «O que está oculto, está com o Senhor, nosso Deus; mas o que foi revelado é para nós e para os nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta Lei» (Dt 29,28).

João evangelista também tem o mesmo género de pensamento já contido na *Toráh* rabínica. Com efeito, João considera o Logos encarnado o mesmo que a *Toráh* representava para os homens sábios de Israel: Luz e Vida dos homens e suprema prova do amor divino. Baseando-nos nesse aspecto, podemos considerar as ideias rabínicas como uma fonte secundária do pensamento joanino.

Feuillet afirma que:

«Nos Targuns, o *Memra* (= a Palavra) desempenha grande papel. Intervém no lugar de *YHWH*. Enquanto em Êxodo 3,12, Javé declara: “*Eu estarei contigo*”, no Targum de “*Onkelos*” (ele) diz: “*Meu Memra será teu sustento*”. Em Êxodo 19,17, Moisés conduz o povo para fora do campo, ao encontro de Deus; no Targum de “*Onkelos*”, é em direcção ao *Memra* de Deus que o povo é conduzido»¹¹⁶.

Portanto, o conceito joanino de Logos seria muito próximo do pensamento expresso nos Targuns pelos termos *Memra* (Palavra), *Shekinah* (Morada) e *Jekara* (Glória). No prólogo, o Logos mora entre os fiéis, e a associação destes três elementos — Palavra, Morada, Glória — encontra-se no decorrer de todo o Quarto Evangelho.

O *Memra* rabínico, além de não assumir um significado de um mediador, é simples substituto do nome divino, como que o local, o poder, ou mesmo uma sua personificação poética destinada a evitar os antropomorfismos: boca, voz, sopro de *YHWH*. Ainda do judaísmo rabínico: sabemos que procura salvaguardar a transcendência de Deus e evita mesmo pronunciar o Santo Nome de Javé. Neste contexto, os estudos alertam-nos para o cuidado necessário em não excluir a possível influência do *Memra* targúmico na reflexão joanina. Curiosamente, o poema das «quatro noites» da história do mundo, que parafraseia o Êxodo 12,42 e se encontra no Targum palestinese, mostra uma certa aproximação dos conceitos joaninos; na descrição da «primeira noite», a da criação,

¹¹⁶A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, p. 240.

o *Memra* de *YHWH* é apresentado como uma luz que brilha no meio das trevas¹¹⁷, o que faz pensar, evidentemente, no princípio do prólogo de S. João (cf. Jo 1,5).

A história do povo de Israel é conduzida por Deus; é Ele que transmite, por meio de Moisés, a Lei ao seu povo, no decálogo.

3.2.7 Logos no judaísmo alexandrino de Filão

Duas formas de judaísmo se destacam para explicar a relação entre o prólogo joanino e o judaísmo rabínico: o judaísmo alexandrino de Filão e o judaísmo rabínico.

Segundo Feuillet,

«a doutrina de Filão é um ensaio de síntese entre a Escritura e a filosofia grega. Filão serve-se da palavra Logos aproximadamente 1300 vezes, para exprimir a ideia de um Mediador entre o Deus transcendente e universo. O Logos Filoniano é difícil de ser definido. É, ao mesmo tempo, o *nous divino* e o *mundo inteligível*, isto é, a imagem compreensível e eterna de que Deus se serviu para criar o mundo sensível. O Logos é ainda o homem ideal de onde derivam os homens empíricos. O Logos não é Deus propriamente falando, mas somente um intermediário entre Deus e o universo»¹¹⁸.

O Logos põe ao nosso alcance o Deus transcendente e inacessível. Ele é, porém, somente mediador e doutor da mística união com Deus. Não é, como o Logos joanino, o perfeito Revelador de Deus que (não) forma (senão) um só com Ele e torna assim possível, mediante a fé, o encontro autêntico de Deus com os homens.

Segundo muitos exegetas, o evangelista do Quarto Evangelho teria extraído de Filão o termo Logos. A. Loisy realça a influência das ideias filonianas no pensamento do evangelista. Contudo, isto não quer dizer que o Evangelho joanino esteja dependente literariamente dos escritos filonianos. Ainda muitos outros exegetas, como Lagrange e W. Argyle, tentam mostrar que o uso do termo Logos por João é num sentido contrário ao de Filão coincidindo contudo em alguns temas, como por exemplo: a escada de Jacob, a serpente de bronze, a visão de Abraão¹¹⁹.

¹¹⁷ Cf. R. P. SERAFÍN DE AUSEJO, «Palabra de Dios», cols. 1409-1411; A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, p. 241.

¹¹⁸ A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, p. 239. Também podemos cf. R. E. BROWN, *Introducción a la Cristología del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca 2001, pp. 237-239.

¹¹⁹ Cf. U. VANNI, *Vangelo secondo Giovanni*, pp. 14-15.

Feuillet diz que «Filão e João utilizaram as mesmas fontes veterotestamentárias. Por isso, não é estranho que eles se encontrem em certos aspectos. É verdade que João pode ter conhecido alguma coisa da ideia Filoniana relativa ao Logos»¹²⁰. Mas se ele se inspirou nessa ideia Filoniana, é preciso admitir que o fez transformando-a radicalmente, pois o Logos Filoniano, na medida em que é mais do que simples atributo da divindade e dela se distingue nitidamente, não é propriamente Deus», ao passo que «o Logos joanino encarnado é o Filho de Deus, diferenciando-Se do Pai, embora sendo um com Ele» (cf. Jo 10,30).

3.3 A COMPREENSÃO DO LOGOS NO IV EVANGELHO

Para João, o Logos é visto em perspectiva diferente daquela que era tida na reflexão grega (Logos como um demiurgo que preside à coisas). Lembremos a difusão e a extraordinária divulgação das ideias estoicas na época em que nascia a Igreja primitiva.

João teve essa influência uma vez que viveu muito tempo em Éfeso, onde Apolo, entre outros, pode ter difundido as ideias de Filão e onde Heráclito, cinco séculos antes, dera início às especulações (gregas) sobre o Logos. Mas no fundo, apesar da suposta influência grega no escrito de João, o Logos joanino é distinto do *Logos* grego: é transcendente ao mundo, em ser imanente; é uma verdadeira Pessoa, o que não acontece com o *Logos* grego; João emprega vocábulo «Logos» no sentido bíblico da «Palavra», e não no sentido filosófico grego da «razão». *Logos* significa, ao mesmo tempo, a palavra e a actividade intelectual que esta palavra pressupõe. Todavia, João parte da ideia de razão para chegar a Deus e nele colocar algo que corresponde à nossa razão humana. Tomou como seu ponto de partida «as palavras de» revelação pronunciadas por Deus aos homens ao longo de toda a Escritura, e fez ver nestas palavras temporais um reflexo da Palavra eterna e eternamente subexistente¹²¹.

No uso do termo Logos pelo evangelista, é bom distinguir as formas em que é utilizado: 1) o termo *λογói* no plural, é usado no sentido lato e simples de «palavras» ditas por Jesus ou por outros; 2) o singular *λογος* usa-se para designar um «dito», uma «afirmação» ou um «discurso». Assim, em 2,19-22 Jesus disse: «Destruirei este templo e em três dias o levantarei»; 3) *Λογος* usa-se colectivamente para referir todo o conjunto do

¹²⁰ A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, p. 239.

¹²¹ Cf. G. REALE e D. ANTISERI, *Vangelo secondo Giovanni*, pp. 42-44.

que Jesus disse aos seus discípulos e ao mundo, a sua «mensagem», concebida como Revelação para ser obedecida. Assim, disse Jesus, 5,24: «aquele que ouve a minha mensagem (λογος) tem a vida eterna»; e aos seus discípulos em 15,3: «vós estais já limpos pela mensagem (λογος) que vos comuniquei».

Nos capítulos 14 e 15, as expressões «guardar a minha mensagem (λογος), as minhas palavras (Λογοι), os meus mandamentos» alternam entre si sem nenhuma diferença de significado. Apesar destes casos assumidos pelo Logos, este não deixa de ser o que se fala e se escuta, de acordo com a conotação fundamental do termo grego e há-de ser entendido como palavra proclamada com seu significado ou conteúdo racional. Se consultarmos, por exemplo o capítulo 8,31 do Evangelho encontramos: «se permanecéis na minha palavra (λογος) ... conhecereis a verdade»; 5,24: «quem ouve a minhas palavras (λογος) tem a vida eterna».

A Palavra de Cristo tem uma força que dá Vida. Por isso, segundo a concepção hebraica, esta Palavra tem uma existência substantiva e um poder por si mesma¹²². O Logos, Revelador de Deus Pai, é o tema fundamental do prólogo e de todo o quarto Evangelho. A noção que João teve de Logos no princípio do prólogo: «No princípio era o Verbo enquanto Deus criador», testemunha a ambiguidade do mesmo (cf. 1,1-5). O Logos é o princípio, o dinamismo da Vida comunicada aos humanos, a Luz e o domínio sobre as trevas. O Logos era e é o único vivente absolutamente vivo e vivificador de todo o ser em Deus¹²³.

O Logos de Deus tem a sua pré-existência em Deus¹²⁴, por isso «já» existia antes que o mundo existisse, desde o princípio (v.1). Tudo foi feito por meio d'Ele (v.3). A sua manifestação tem a sua amplitude na Vida e na Luz que Ele é por excelência (v.4). Contudo, esta Luz veio para os seus e os seus não a receberam (v.11). Mas a todos os que quiseram aceitá-la, deu-lhes o poder de serem chamados filhos de Deus (v.12). Poder dado pela «autoridade» da Palavra que governa o universo. O v.13 é um comentário à identidade do «Filho de Deus», bem ilustrada no Sal 2,7: «tu és meu filho, hoje te gerei».

¹²² Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto Evangelio*, p. 269; O. CULLMANN, *Origine e ambiente dell'Evangelo secondo Giovanni*, Marietti, Tubingen 1975, pp. 52-53.

¹²³ Cf. O. CULLMANN, *Origine e ambiente dell'Evangelo secondo Giovanni*, Marietti, Tubingen 1975, pp. 52-53; B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, pp. 195-198: «O Logos joanino é radicalmente ausente de qualquer tipo de violência como a do Logos heraclítico. O Logos joanino reúne na unidade pelo único domínio de salvação possível: a interrupção da violência graças à verdade transcendente em Jesus, a unidade perfeita, que liberta das cadeias que aprisionam o ser, como acreditava, por exemplo, Parménides. O absoluto do Logos joanino está para lá do ser criado, é a sua fonte que chama os homens a si.»

¹²⁴ Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto Evangelio*, pp. 269-270.

Na interpretação judia corrente deste texto, com referência ao verdadeiro Israel, podemos encontrar o fundamento que confirma que quem recebeu a Palavra de Deus «nasceu de Deus».

Na Pessoa de Cristo Logos o tempo encontra-se com a eternidade, a história humana da salvação com a vida intratrinitária. Cristo é pois este Logos Eterno, infinitamente maior do que o que o evangelista resumiu, que os antigos autores celebram¹²⁵.

Para João, na Pessoa do Logos o tempo atinge a eternidade; todas as palavras ditas por Deus aos homens para salvá-los, tanto no AT como no NT, a mensagem dos profetas e até a de Jesus, encontram a sua recapitulação e a sua unidade na Pessoa de Cristo, Logos Unigénito que, ainda neste sentido, é o «Verbo abreviado». Todos os oráculos proféticos convergem para o Logos de Deus. Logos, em João, é aquela Palavra que é Pessoa divina que Se fez carne como um de nós, para nos dar a salvação que os homens e o mundo tanto precisavam. Todo o Ser de Cristo é Palavra e as palavras pelas quais Deus nos instrui e nos salva. O Logos é o Revelador perfeito do mundo criado¹²⁶.

O título cristológico de Logos, reflectido em João, é a força propulsora com que ele contribuiu para a reflexão cristã. Contudo, nunca se dirá que esta compreensão do Logos provenha da especulação filosófica, mas da conjunção da tradição veterotestamentária e da experiência cristã. A palavra Logos que se propagou no mundo cristão tem um significado importantíssimo: significa a descoberta de um princípio real verdadeiramente central, de um modo fixo para a unificação da razão, da consciência moral, da natureza e da união com Deus. Assim, o Ser Logos-Jesus não é um conceito ou título, mas a Realidade que define o seu Ser e a sua Missão.

O Logos-Jesus é o sentido que permite aos seus entendê-lo, entender-se e entender o mundo. A acção salvífica de Deus é comunicada em Jesus como manifestação excelente das verdades supremas, a Vida de Deus¹²⁷.

O evangelista não chamaria a Cristo Logos se Ele não fosse o verdadeiro Revelador do Pai. O Logos é Deus voltado para o mundo, Deus que Se revela na história da salvação. Mais, chama ao Filho de Deus Logos anteriormente a qualquer missão, a qualquer acção no mundo, como Sabedoria do Altíssimo que existe em si mesma antes da obra criadora. Em suma, o *Cristo-Logos* é o centro da questão joanina, tanto no prólogo

¹²⁵ Cf. U. VANNI, *Vangelo secondo Giovanni*, pp. 17-18.

¹²⁶ Cf. J. C. DAS NEVES, *Escritos de S. João*, pp. 119-126.

¹²⁷ Cf. B. D'ALMEIDA, *Unidade segundo o quarto Evangelho*, pp. 206-207.

como no conjunto de todo o Evangelho¹²⁸. A encarnação do Logos aparece como a «concentração» de todo o pensamento criador e revelador de Deus, que é também o sentido do universo, num Indivíduo que é o que a humanidade estava destinada a ser no desígnio de Deus, e portanto, é chamado com justiça «Filho do Homem», isto é o homem Deus¹²⁹.

3.3.1 Logos como a Luz do Mundo

No NT, o uso metafórico e simbólico é muito frequente, especialmente nas cartas paulinas e em João. De certa forma, é uma continuação do estilo do AT que se condensa em várias citações no NT: Mt 4,16; Lc 3,32; Act 13,47. A oposição entre Luz e trevas tem, como no AT, uma matriz moral, teológica, etc. (cf. 3,19); a Luz põe fim ao reino das trevas (cf. 12,46); a sua vinda tem a força que (cf. 3,19-21; Ef 5,13) implica uma renovação da vida no seu sentido global (cf. 11,9; 12,35; 1Jo11,7); é Cristo quem traz a luz; já antes da encarnação Ele travou luta com as trevas (1,4s). Os que seguem a sua luz são filhos da luz¹³⁰ (cf. Lc 16,4; Ef 5,8; 12,36). Quem coopera de perto para difundir a luz é comparado com a luz ou chamado uma luz (cf. Mt 5,14-16; 5,35); é sobretudo Jesus quem merece o título de Luz¹³¹ (cf. 1,7ss; 3,19; 12,46) e, mais ainda, de Luz do mundo (cf. 8,12; 9,5). Primeiro é Luz em Si e conseqüentemente é Luz para nós.

Esta Luz, que desde os primórdios, iluminou os homens e deu a vida ao mundo é o próprio Logos de Deus (Jesus Cristo). O prólogo apresenta a missão do Logos no mundo e para os homens como condição «sine qua non» para a criação e redenção dos mesmos¹³². De facto, tal é a função de Jesus (10,10: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância»), isto é, comunicar a Vida ao homem até à plenitude (cf. 1,12-13).

¹²⁸ Cf. J. O. T. VANCELLS, *El Testimonio del evangelio de Juan*, Síguime, Salamanca 1983, pp. 101-102.

¹²⁹ Cf. R. E. BROWN, *Introducción a la Cristología del Nuevo Testamento*, pp. 102-111.

¹³⁰ Cf. AA. VV., «Luz», in *DTI*, I, col. 910.

¹³¹ Cf. V. MANNUCCI, *Giovanni il Vangelo narrante*, pp. 103-105. O termo «luz» era uma das maneiras correntes para designar a lei de Moisés no meio judaico. A lei como luz é a norma que guia o comportamento do homem. Assim o Sal 119,105: «Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho»; Sab 18,4: «A luz corruptível de tua lei»; Eclo 45,7 (LXX): «Confiou-lhe os mandamentos para que iluminasse o povo com a lei». O dito de João «a vida era a luz do homem» inverte a concepção rabínica, que enunciaria a sentença ao contrário: a luz (= a Lei) é a vida do homem. Primeiro tinha que conhecer a lei, como luz e guia a sua prática levaria à vida (cf. Jo 7,49).

¹³² Cf. R. SCHNACKENBURG, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento. Il vangelo di Giovanni*, Paideia, Brescia 1977, pp. 12-17; 525-526.

O Logos é a Vida e a Luz do mundo. É a vida visível e reconhecível. Por outras palavras: o Logos é a única Luz-verdade do mundo e o resplendor da vida. A vida adquire significados que vão para além da mera existência: é a plenitude da vida (cf. Jo 10,10; 3,15). Jesus confirma que Ele é a verdadeira Luz, dizendo: «Quem me segue terá a luz da vida». A vida é o objectivo da sua Presença no mundo e no meio dos homens. Continua no capítulo 9, dizendo que «enquanto estiver no mundo Ele será sempre a Luz do mundo». O Logos é a Luz verdadeira. Esta Luz está associada à Presença divina. Quando Deus está, Deus ilumina. Luz é Presença de Deus. Jesus apresenta-se como a Luz – é o único. Quem não se deixa iluminar por Ele está nas trevas. Quem O segue não anda nas trevas mas terá a luz da vida. A luz é revelação da Presença de Deus – comunhão com Deus.

O Logos orienta o mundo e dirige a sua história (sem Ele nada veio à existência, e por Ele tudo aconteceu, acontece e acontecerá). Quem aceitar o Logos recebe a vida, a salvação tal como se manifesta na sua Pessoa e se expressa nas suas obras. Em 8,12, Jesus proclama-Se como a Luz do mundo, porque Ele é o detentor da vida¹³³.

O mundo foi, desde sempre, amado pelo Logos, mas o mundo ignorou a sua palavra (preferiram as trevas)¹³⁴. As trevas invadiram o mundo. Contudo, o Logos que se torna Deus presente no mundo e na comunidade crente travou essa invasão com o seu poder do glorificado. A relação Deus-Logos manifesta-se na relação Logos-mundo ou comunidade crente (*veio para os seus*)¹³⁵. O mundo é salvo pela fé no nome de Jesus.

Acolher Cristo é dizer sim ao projecto de amor do Pai para com toda a criação. Cristo quer salvar o homem em harmonia com todas as coisas (*soteriologia imanente*). O Logos é e continua a ser: Luz do mundo (φῶς εἰμι τοῦ κόσμου: Jo 9,5), mediador da criação e o mediador da salvação. Cristo não é iluminado, Ele é a própria Luz. Ele não é apenas o caminho, quer ser também a meta¹³⁶. O Logos define-se pela sua auto-revelação. «Eu dou-lhes (às ovelhas¹³⁷) a vida eterna e elas nunca morrerão. Ninguém as arrancará da minha mão» (10,11.14.18.27-28).

¹³³ Cf. L. F. GARCÍA-VIANA, *El cuarto Evangelho...*, pp. 150-154.

¹³⁴ Cf. C. JOSAPHAT, *O Evangelho da unidade e do Amor*, Livraria Duas Cidades, São Paulo 1966, pp. 41-42.

¹³⁵ O termo «seus» era dedicado aos crentes de Israel, mas com a vinda de Cristo, esse termo alarga-se para a comunidade universal dos crentes (crentes do mundo inteiro). O que era restringido a Israel é universalizado para todos os que acreditam.

¹³⁶ Cf. J. RATZINGER, *Deus e o Mundo*, Tenacitas, Coimbra 2006, pp. 189-190; R. FISICHELLA, *A Fé como resposta de sentido*, Paulinas, Prior Velho 2006, pp. 47-50.

¹³⁷ Cf. M. COCAGNAC, *Les Symboles Bibliques*, Du Cerf, Paris 1994, pp. 229-230.

3.3.1.1 Luz dos homens em 1,4-5

Com o v.4: Nele era a Vida e a Vida era a Luz dos homens, passamos do ponto de vista cósmico ao ponto de vista antropológico e soteriológico. A fórmula «nele era a vida» faz pensar, irresistivelmente, em 5,25, onde está dito que o «Pai deu ao Filho o ter a Vida em Si mesmo», isto é, de acordo com o contexto, também Ele, o supremo dispensador da vida. Na teologia joanina os dois conceitos de vida e de luz são conexos, mas o mais fundamental é a vida¹³⁸. Convém compreender aqui que a comunicação da vida divina aos homens manifesta-se, antes de tudo, sob a forma de iluminação, o que faz ainda, uma vez mais, pensar na continuação do Evangelho, especialmente no 8,12: «Aquele que me segue ... terá a luz da vida». O Logos é manancial de vida e de luz sobre-naturais para o Universo. Assemelha-se, igualmente, à Sabedoria divina do Pseudo-Salomão, resplendor da luz eterna, que «tudo renova» e «inicia à ciência de Deus» (Sab 7,26-27; 8,4).

O Logos é a Luz que ilumina no seio das trevas. Desde que os homens existem e que o pecado irrompeu entre eles, a Luz nunca cessou de brilhar no seio destas trevas. Tal fenómeno caracteriza, tanto o período que precede a Encanação, quanto o que a segue.

Cristo veio iluminar as trevas e tirar os homens do mundo perverso onde ele estava mergulhado. Ele vence as trevas, humaniza e diviniza o homem. Por isso encontramos em 12,35, «Andai enquanto tendes a Luz, para que as trevas não vos surpreendam». O Livro da Sabedoria diz que «contra a Sabedoria, o mal não prevalece» (7,30); ainda em 1,5: «que a luz não seja vencida pelas trevas, e que a verdade não fuja diante da mentira». A Luz brilha e não será vencida. É esta Luz que vem de Cristo, que é o próprio Cristo e que salva todo o homem que vem ao mundo. Contudo, muitos homens ignoraram esta Luz - a Luz não foi reconhecida, mas, no entanto, brilha na mesma. A Luz de Cristo tem autoridade sobre tudo e sobre todos, porque dá vida e afugenta o mal (trevas, pecado, maldição, etc). O Bem jamais será vencido pelo Mal: tal certeza é o segundo fundamento do optimismo cristão que tem o seu ponto de partida na criação de todas as coisas por Deus Pai e pela mediação do Cristo¹³⁹.

¹³⁸ Cf. AA. VV., «Luz», in *DCB*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1996, p. 168.

¹³⁹ Cf. A. FEUILLET, *O Prólogo do quarto Evangelho*, pp. 49-52.

3.3.1.2 A Luz do mundo em Jo 8,12

Jesus disse: «Eu Sou a Luz do mundo. Quem me segue não andarรก nas trevas, mas terรก a Luz da Vida». Segundo Zevini, o desenvolvimento desta perícopa de revelaçŁo abarca trŁs momentos: o significado que assume a auto-revelaçŁo de Jesus-Luz, o valor do seu testemunho e a recepçŁo da palavra do Profeta.

O diรกlogo entre Jesus e os seus adversรกrios abre-se como uma solene declaraçŁo: «Eu Sou a Luz do mundo». A frase de Jesus, ao estilo dos outros textos veterotestamentรกrios (cf. Is 45,18-22), afirma que 茅 a revelaçŁo de Deus que traz a Luz, a Vida e a salvaçŁo (cf. Is 42,6-7; 49,6; Sab 18,3-4). Jesus 茅 a grande Luz que nasceu para toda a humanidade (cf. 4,42). «NinguŁm pode chegar ao Pai senŁo por Mim» (14,6). Ele resgata o nosso ser do naufrรกgio e da morte e recobra-lhe o sentido¹⁴⁰. 茅 auto-manifestaçŁo viva do amor do Pai, que na Pessoa do Logos, feito carne, manifesta ao mundo a verdade de que «Deus 茅 Luz e nele nŁo hรก nenhuma espŁcie de trevas» (1Jo 1,5). Mas imediatamente depois, Jesus disse: «aquele que me segue nŁo andarรก nas trevas, mas terรก a luz da vida».

Para evitar as trevas e possuir a luz da vida, o seguidor de Jesus deve caminhar detrs d'Ele. O chamamento de Jesus a cada homem pressupŁe uma opçŁo pessoal. Ele 茅 a lรกmpada que ilumina o caminho, livra o homem da influŁncia do mal e lhe permite recobrar o sentido da vida.

Efectivamente, Jesus na sua Realidade Divina e humana 茅 Luz, porque, como verdadeiro Deus, 茅 a transparŁncia da revelaçŁo do Ser do Pai e como verdadeiro homem, 茅 para a humanidade o reflexo terreno desse Pai, revelando seu Rosto. Por isso, o Rosto de Deus tem-Se feito visível em Jesus de Nazaré¹⁴¹.

3.3.1.3 A Luz em Jo 9,5

A perícopa do cego de nascençŁa remete-nos para uma existŁncia sem luz. Aproxima-se da temรกtica do prŁlogo onde o Logos Se tem manifestado aos homens como a Vida e como a Luz, mas – como se indica bem nos debates com os chefes (capítulos 5-8) – tendo sido rejeitado por muitos. Eles opuseram-se totalmente aos ensinamentos de

¹⁴⁰ G. ZEVINI, *Evangelio segun San Juan*, pp. 218-219.

¹⁴¹ Cf. G. ZEVINI, *Evangelio segun San Juan*, pp. 219-221.

Jesus, à verdade e à luz que o mesmo proclamava. Não obstante as aparências e as oposições humanas, Jesus triunfa como o Salvador do mundo. «Ele é Luz do mundo».

Esta passagem está ligada ao capítulo anterior e através do tema da luz: «Eu sou a luz do mundo» (9,5; 8,12), e desenrola-se junto com o tema do juízo; e está também ligado ao capítulo seguinte, mediante a introdução do tema do redil, da porta e do pastor (cf. 10,1-21). «O carácter unitário desta perícopa vem bem expresso, tanto pelo vocabulário tipicamente joanino, com fórmulas literárias e termos lexicais próprios (por exemplo: ser de Deus, vir ao mundo, ser luz do mundo... ver, crer, permanecer, obra, glória, luz pecado...) como pelo estilo inconfundível do quarto evangelista»¹⁴².

A Luz que tem vindo ao mundo traz consigo um juízo que está a ponto de elevar-se: o que crê vê. O que não crê permanece no pecado. Deus quer que todos os homens sejam livres da situação das trevas e gozem da Luz, como realizará Jesus com os seus milagres. Ele iluminou o mundo com as suas palavras e obras. Jesus mandou o cego lavar-se na piscina para adquirir a luz e ver a luz (cf. 1,12). Ele foi lavado-se e começou a ver. A disponibilidade e a fé do cego, depois de se submeter à prova, foi a cura alcançada pelo agir do Mestre e não pela água. Para o evangelista, a piscina é o mesmo Jesus; Ele possui a água da salvação messiânica, onde o homem que vive na obscuridade pode recuperar a luz da fé.

Quem se encontrar aberto à acção de Deus e ao projecto de Deus é iluminado por Cristo e vive num mundo onde os homens são iluminados nas suas trevas¹⁴³.

3.3.2 O Logos como Vida dos homens

Em Jesus, definitivamente, está a salvação e a plenitude dos homens, porque n'Ele o mundo e a história recebem o seu sentido e a sua orientação definitiva. Cristo é a Vida que move o mundo. Esta é a missão daquele que quis morrer livremente para que o mundo seja salvo do pecado dos nossos primeiros pais. Cristo, o homem por excelência, é Aquele que não quer o sofrimento de ninguém, mas quer salvar todos os que andam perdidos e doentes. É o verdadeiro redentor do homem¹⁴⁴.

¹⁴² G. ZEVINI, *Evangelio según San Juan*, p. 235.

¹⁴³ Cf. L. BOEVE, «Dios interrumpe la historia», in *ST 42* (2003) 229-240.

¹⁴⁴ Cf. L. F. LADARIA, *Introdução à Antropologia Teológica*, Loyola, São Paulo 1998, p. 134; J-M. CHOURAQUI, «Reflexiones de un judío sobre Jesús», in *ST 42* (2003) 262-267.

Na linha da tradição veterotestamentária (a Vida estava relacionada com Deus) ter vida era fruto do dom Deus. Deus dá Vida a partir dos mandamentos, através da palavra que comunica ao homem e que o homem põe em prática (diálogo entre Deus e o homem). O Logos mostra ao homem a Vida através da Luz. Rejeitar a vida é querer a morte. O homem que rejeita Cristo autodestrói-se. Por isso, esta Vida, que Jesus quer transmitir aos homens de boa vontade, é a própria Luz vivificante. Em Cristo a vida é visível e reconhecível. Aceitar Cristo é aceitar a vida tal e qual se manifesta na sua Pessoa e se expressa nas suas obras (cf. 1,38). A experiência com o Logos converte-se em norma de toda a actividade humana¹⁴⁵.

O tema da Vida ligado à ressurreição é tratado no Evangelho de João em três contextos diferentes: na apologia da divindade de Jesus (cf. 5,29), no discurso de Cafarnaúm (cf. 6,39-40.44.54) e no diálogo de Jesus com Marta diante do túmulo de Lázaro (cf. 11,23-27). A ressurreição no último dia é mencionada também por quatro vezes no discurso sobre o Pão da vida. Aqui, o tema é aplicado no contexto da fé. O que crê tem já a Vida Eterna, mas será ressuscitado no último dia. Este dom escatológico é oferecido aos crentes na medida da fé.

No diálogo com Marta, por sua vez, vê-se claramente a contraposição entre a ressurreição no fim dos tempos e a antecipação deste evento no contexto da fé em Jesus, que é Fonte de Vida ao afirmar «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que acredita em Mim nunca morrerá» (11,25-26). E porque Jesus é a ressurreição e a vida, então a fé, enquanto vínculo que liga a Jesus, é já agora dinamismo de ressurreição¹⁴⁶. Sem contradizer o que já fora afirmado (cf. 5,29; 6,39-40.44.54), Jesus explica que o dom da ressurreição, interpretado como Vida verdadeira que vem de Deus, já está presente na sua própria Pessoa. «Eu sou a Ressurreição» não é uma definição ontológica, mas a afirmação deste Dom presente na Pessoa de Jesus enquanto Aquele que dá vida ao que n'Ele crê¹⁴⁷.

O dinamismo da Vida centra-se em Deus: passa da morte à vida. Aquele que crê em Jesus «*ainda que esteja morto viverá*»; e quem vive e crê em Cristo «*nunca morrerá*» (cf. 11,25-26). Segundo João, a porta da vida dos homens está em crer no Logos de Deus,

¹⁴⁵ Cf. SAN AGUSTÍN, «Doctrina cristológica», in INSTITUTO PATRISTICO AUGUSTINIANUM, *Patrologia*, III, BAC, Madrid 1993, pp 513-515.

¹⁴⁶ Cf. J. RATZINGER, *Curso de Teologia Dogmática, Escatologia*, Tomo IX, Herder, Barcelona 1980, p. 63; M. WELKER, «Quién es Jesucristo para nosotros, hoy», in *ST* 42 (2003) 113-116.

¹⁴⁷ Cf. P. SARDI, «Vida», in *DTI*, IV, Sígueme, Salamanca 1983, pp. 628-637; M. C. DE MORAES, «Fé e escatologia no Evangelho de S. João. Para uma hermenêutica escatológica da fé», in *Estudios Teológicos* 12 (2008) 294.

detentor e dador da Vida. Tudo isso acontece na medida da fé. No v.13, podemos ver que a fé no Logos é o primeiro passo para a salvação e para a filiação divina. Jesus veio para salvar os homens, apesar de os homens preferirem as trevas. A incredulidade do homem converte-se em auto-condenação mediante a privação da fé. Aquele que crê em Jesus subtrai-se do âmbito das trevas e da morte e transfere-se para o âmbito da vida e da luz (3,18-21). Portanto, todos aqueles que receberam (ἔλαβον) o Logos de Deus, pela fé no Filho Unigénito do Pai tornaram-se filhos da Luz¹⁴⁸. Em Jesus está presente a salvação. Rejeitá-lo é, por isso, rejeitar a Vida. É rejeitar a existência que começa agora pela fé e se prolonga para a vida eterna¹⁴⁹.

A Vida que Cristo dá ao homem é uma Vida que a morte não pode destruir (cf. Jo 11,26). Na pessoa de Cristo encontramos o único Salvador e Mediador, Libertador e Vivificador de toda a humanidade. Por isso, em 20,31 o evangelista afirma a intenção fundamental pela qual o Evangelho foi escrito: «...para que crendo, tenhais vida em seu nome». Crer n'Ele é possuir «vida em abundância» (10,10). Segundo João, Jesus Cristo é a Luz autêntica que transforma os crentes em filhos da luz¹⁵⁰. Nisso consiste a vida eterna que começa já neste mundo mas que só se manifestará plenamente no outro: «quando Cristo Se manifestar, Ele que é a nossa vida, também vós vos manifestareis com Ele, na glória» (Col 3,4); «Sabemos que quando Jesus Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é» (1Jo 3,2).

3.3.3 Logos como Graça e Verdade – Dom de Deus aos crentes

Para falarmos destes conteúdos cristológicos, torna-se necessário fazer e responder a esta pergunta: Quem é Jesus? Ele é o Messias, crucificado e ressuscitado, glorificado na sua elevação e constituído fonte de toda graça, servo em sua carreira mortal e Senhor à direita de Deus¹⁵¹. «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu

¹⁴⁸ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de S. João*, Santuário, Aparecida-SP 1994, p. 313.

¹⁴⁹ Cf. R. E. BROWN, *El Evangelio segun Juan, XIII-XXI*, Cristiandad, Madrid 1979, p. 1478: «A concepção da vida eterna constitui o cerne da teologia e da pregação soteriológica do Evangelho. Vida eterna significa salvação como realização última do plano de Deus. É a plenitude do Evangelho realizada na vida daquele que crê em Cristo. Vida eterna, por si, é um valor e uma força sublime da actividade cristã. É uma realidade presente e um objectivo a alcançar. Ela sublima e valoriza a vida terrena, porque começa na vida do crente, como dom, a partir da adesão a Cristo, que por si mesma é estruturante e dinamizadora do ser.»

¹⁵⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, «Luz», in *DNT*, pp. 287-288.

¹⁵¹ Cf. M. CARREZ, «Cristo», in *PDB*, São Paulo, Apelação 1997, pp. 29-30.

Filho Único»; «Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele» (3,16-17).

Jesus é o lugar e o tempo da salvação. O tempo da Lei chegou ao cume com o império da graça inaugurado por Cristo¹⁵², com o centro no mandamento do amor: «Amai-vos uns aos outros com Eu vos amei» (13,34). Há em Jesus uma unificação do passado, do presente e do futuro. Na relação de Jesus com o passado, Ele é apontado por João como o «ponto terminal»¹⁵³ da criação (1,3), da Promessa a Abraão (8,56), da Aliança no Sinai (1,17.45; 5,46; 6,32.49.51) e de toda a história (2,19-22).

No presente, Jesus é o novo libertador (8,32-36), o novo Cordeiro Pascal (1,29.36; 19,14.31.36.42), a nova serpente (3,13-15), o novo maná (6,47-51), o novo Moisés (1,17; 6,14), a Nova Aliança (6,45), a nova lei (1,17-18), o novo Templo (1,4; 2,19-22; 4,23-24), o único verdadeiro Profeta (6,14), o único verdadeiro Messias (4,25-26; 11,25-27), o único e verdadeiro Pastor (10,1-18), a única verdadeira porta (10,7-10), o único verdadeiro Rei (12,13; 18,37) e o único verdadeiro fundador do novo povo de Deus (11,52; 12,32). Cristo é Plenitude da Graça e Verdade que Deus quer dar a todos os que crêem no seu Filho. Portanto, o Logos é a manifestação da Verdade, da Graça e do Amor que Deus deu aos homens de todos os tempos, de todas as culturas e de todas as raças.

Deus, através de Jesus, atribui a graça¹⁵⁴ e a salvação aos homens. O homem acolhe livremente esse dom que é fruto da graça divina. Esse acolhimento reflecte-se na fé no Revelador de Deus, Cristo. Cristo torna a graça operante no homem pelo

¹⁵² Cf. J. MOLTMANN, *Teologia da esperança*, Herder, Barcelona 1971, p. 2; W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, Sígueme, Salamanca 2006, pp. 267-294.

¹⁵³ Cf. J-O. TUÑI, X. ALEGRE, *Escritos Joánicos y cartas católicas*, Verbo Divino, Estela 1995, pp. 90-104.

¹⁵⁴ No A.T. não há nenhuma palavra que exprima o sentido teológico da palavra graça; as mais próximas são as palavras *hen* e *hesed*. Em hebraico *hen* tem mais ou menos o sentido do grego *χάρις*, e é geralmente assim traduzido pelos LXX; significa graciosidade, elegância ou «achar graça aos olhos de alguém». *Hesed* pode significar também favor ou graça. Isso vale sobretudo para a fidelidade prestimosa de Deus, porque o *hesed* de Deus tem por fundamento a aliança (cf. 1Rs 8,23; Is 55,1) pela qual Ele tomou livremente este compromisso para com o seu povo. Deus que permanece fiel mesmo que Israel viole a aliança. Deus guarda fidelidade e perdoa os pecados do seu povo (cf. Sal 51,3; Is 63,7). A palavra *χάρις* no NT encontra-se muitíssimas vezes em S. Paulo e S. Pedro, nos sinópticos e seis vezes nos escritos joaninos. Esta palavra tem diversos sentidos no contexto do NT. *χάρις* significa: o que dá alegria, indicando qualidades físicas ou morais, como beleza e amabilidade; o favor que alguém dá ou o que se ganha. *χάρις* é a manifestação de benevolência, favor concreto concedido por Deus ou por Cristo. Além disso, a salvação que Cristo trouxe pela sua morte cruenta e pela sua ressurreição é uma graça (cf. 1Pe 1,10). É por isso que S. Pedro (cf. 1Pe 1,23) diz que o cristão nasceu para uma vida imperecível. Portanto, o derradeiro fim desta vocação é a participação da natureza divina (cf. 1Jo 11,3; Jo 3,15s; 5,24.26; união vital com Cristo: cf. Jo 15,5; 17,23; Rm 6, 3-6; Gal 2,20). Nos escritos de S. João a graça aparece como a salvação dos homens vinda de Deus. Deus é amor (cf. 1Jo 4,8) e a maior prova do seu amor é a missão de seu Filho, «οὕτως γὰρ ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον, ὥστε τὸν υἱὸν τὸν μονογενῆ ἔδωκεν, ἵνα πᾶς ὁ πιστεύων εἰς αὐτὸν μὴ ἀπόληται ἀλλ' ἔχη ζωὴν αἰώνιον» (Jo 3,16). Cf. AA. VV., «Graça», in *DTI*, cols. 649-652.

dinamismo do Espírito. Abre ao homem o horizonte da esperança e dá-lhe força para observar os mandamentos de Deus¹⁵⁵.

Na longa perícopa do capítulo sexto, o problema da fé passa a ser o tema fundamental diante da atitude de incredulidade dos Judeus (cf. 6,36-47). É aqui que surge a afirmação que permite reconhecer a fé como Graça de Deus: ninguém pode vir a Cristo se o Pai não o atrair (v.44). De facto, é o Pai que conduz os homens a Cristo, isto é, para que possam vir a crer. Não é possível crer sem uma acção prévia de Deus. Todavia, João deixa sempre a ideia do paradoxo da graça, ao não isentar o homem de tomar a sua decisão pessoal. De certa forma, a graça é o motor que faz os crentes crerem e testemunharem Cristo no mundo. Aqui entra o primado da graça, sem a qual não é possível crer: «Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair» (6,44).

Se, por um lado, a graça (fé), como Dom de Deus, não pode acontecer senão pela atracção do Pai. Jesus é o fundamento da graça, enquanto Dom de Deus aos homens, visto que o próprio acontecimento de Cristo é Dom do Pai, porque é o enviado escatológico do Pai¹⁵⁶.

A graça e a verdade realizam-se em Cristo, porque Ele está em íntima relação com o Pai. Para João a graça e a verdade suprema vieram ao mundo unicamente através do Logos, e não pela Lei (cf. 1,17). A Palavra de Deus é a Verdade (cf. 17,17); por isso Jesus se chama a Si mesmo a Verdade (cf. 14,6). Por sua vez, a Palavra de Deus é fonte da verdade e da vida, até ao ponto de habitar nos discípulos e nos que permanecem n'Ele (cf. 5,38; 8,31; 1Jo 2,14; 4,16). Deus vive com os homens e comunica com os homens prolongando-se no ministério apostólico da Palavra (cf. 1Jo 1,3). Assim, a Palavra encarnada é a Revelação da vida (cf. 1Jo 1,1)¹⁵⁷.

Jesus é o caminho para o Pai, porque é a vida: o homem Jesus que é, ao mesmo tempo, o Filho e a Palavra do Pai, permanece entre nós como a Plenitude da Revelação e como Aquele que dá a Vida; é exactamente por isso o Caminho (ὁδὸς) do e para o Pai, o mediador.

¹⁵⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Veritatis Splendor*» (3 de Outubro de 1993), 21;103: in AAS 85 (1993), pp. 1150; 1163; H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. Verdad del Mundo*, I, Encuentro, Madrid 1997, pp. 11-15; 20-23.

¹⁵⁶ Cf. J. JEREMIAS, *Teologia del Nuevo Testamento*, I, Sígueme, Salamanca 1974, pp. 205-210; J. L. DE LA PEÑA, *El don de Dios, Antropología teológica especial*, Sal Terrae, Santander 1991, pp. 260-265.

¹⁵⁷ Cf. B. VAWTER, «Teologia de San Juan», in *Comentario Bíblico, «San Jerónimo»*, Tomo V, Cristiandad, Madrid 1972, pp. 839-844. Também podemos conferir esta mesma temática em: L. F. GARCÍA-VIANA, *El cuarto Evangelho*, pp. 186-189; BENTO XVI, *Deus e o Mundo*, pp. 223-234.

«Eu sou a verdade» (14,6), «para isso nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho (μαρτυρίαν) da verdade» (18,37). Ambas as expressões dizem a mesma coisa: Jesus é a Verdade e dá testemunho dela. Em 8,18, Jesus acaba por explicar que é válido o que diz, porque Ele dá testemunho d'Ele mesmo, e também O que O enviou, o Pai, dá testemunho d'Ele. Enquanto Verdade, é especificamente enviado para salvar o mundo (cf. 12,47), Ele é o Revelador da Vontade, da atitude e da obra do Pai.

Certamente, Jesus dá testemunho daquilo que Ele mesmo experimentou: «Em verdade, em verdade te digo: nós falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos» (3,11), «O que vem do céu dá testemunho do que viu e ouviu» (cf. 3,31-32). João Baptista dizia: «E eu vi (como o Espírito Santo descia sobre Ele e permanecia sobre Ele) e dou testemunho de que este é o Filho de Deus» (1,34). Também os cristãos «temos visto (a vida manifestada) e, vos anunciamos a vida eterna, que estava junto do Pai e que se nos manifestou» (1Jo 1,2); o mesmo discípulo amado junto à cruz: «Ele que o viu a testemunha, e o seu testemunho é válido¹⁵⁸, e ele sabe que diz a verdade» (19,35). Cristo é a única Verdade que testemunha a verdade, ninguém mais, pois Ele é o Único que vem do Pai, por isso explica quem é o Pai (cf. 1,18).

Jesus acaba por confirmar que é a Verdade de Deus no começo da sua Paixão diante de Pilatos. Assume que é Rei que veio ao mundo para dar testemunho da verdade (no sentido absoluto), por isso Pilatos não teria nenhum poder sobre Ele se não lhe fora dado do alto (cf. 19,11). Continua dizendo que o «Espírito da verdade dará testemunho a seu respeito, ...» (15,26s). E esse mesmo «Espírito nos convence exteriormente e nos guia interiormente até à verdade completa; plena» (cf. 16,13). Não obstante tudo isto, tanto a realeza como a verdade de Cristo se cumprem na cruz.

João define que o conhecimento do Logos se centra «no fazer a verdade» (3,21; 1Jo 1,6), «ser da verdade» (Jo 3,19; 18,37; 1Jo 2,21), «caminhar na verdade» (2Jo 4-6) e de modos semelhantes: torna-se manifesto que o Logos total, é uma vasta esfera de lógica trinitária que de algum modo há-de ser experimentada para «conhecer» a verdade ao escutá-la e ao obedecer-lhe (cf. 2Jo 1; 1Jo 4,16; Jo 8, 32), para sabê-la (cf. 1Jo 2,20-21ss.) e orientar-se por ela¹⁵⁹: «Quem é da verdade escuta a minha voz» (18,37).

Antes da sua despedida, Jesus promete o Espírito da Verdade que há-de conduzir os discípulos para a Plenitude da Verdade; todos os crentes convertidos terão que tomar

¹⁵⁸ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. Verdad de Dios*, II, Encuentro, Madrid 1997, pp. 17-20.

¹⁵⁹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. Verdad de Dios*, II, pp. 35-37.

Cristo por verdade¹⁶⁰. Então, a verdade renovará as suas vidas transformando-as interiormente: quem permanece assim na palavra de Cristo é interiormente libertado do pecado e do mal (cf. 8,32; 1Jo 1,13); o discípulo que, pela semente da Palavra, renasceu profundamente, renega o pecado, praticamente (cf. 1Jo 3,6.9); para o discípulo, a Verdade tornou-se a fonte da sua santidade (cf. 17,17.19).

A Verdade de Cristo é doravante para o fiel a última norma de vida cristã: ele anda na Verdade (cf. 2Jo 4; 3Jo 3s), deixa-se guiar pela Verdade; ama os outros na Verdade (cf. 2Jo 1; 3Jo 1). Adorar o Pai em Espírito e em Verdade (cf. Jo 4,23s), a Verdade do Logos presente no seu coração pelo Espírito, torna-se a fonte interna da sua oração ao Pai. Afinal, a verdade traz as suas exigências para a vida apostólica dos cristãos: ajudando aqueles que pregam a Palavra de Deus, eles devem tornar-se cooperadores da Verdade (cf. 3Jo 8); devem colaborar com a Igreja para a força triunfadora espiritual do Evangelho¹⁶¹.

3.3.4 O Logos é a Palavra do Pai

A Palavra, que vem de Deus é viva e penetrante, comunica e transforma. Ajuda a descobrir a sua presença e a reconhecer a sua vontade. Orienta a história e o mundo na esperança da sua realização plena. A Palavra revela-se na criação de um modo especial e plenamente em Jesus Cristo, e consuma-se no final dos tempos.

A Palavra de Deus é significativa pelo que diz e produz, mas sobretudo por provocar o diálogo entre Deus e o homem (Palavra dialógica). Pela Palavra, Deus infunde no homem o alento do seu Espírito. Ao responder a esse alento o homem introduz-se na esfera da Palavra e torna-se seu Filho. A Palavra é a proposta de Deus para fazer dos homens seus filhos. Pela Palavra, entramos na sua intimidade¹⁶².

¹⁶⁰ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Teológica. Verdade de Deus*, II, pp. 20-27; AA. VV., «Verdade», in *DTI*, I, cols. 1547-1550.

¹⁶¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Veritatis Splendor*», 60, 99: in *AAS* 85 (1993), pp. 1118; 1210.

¹⁶² O NT leva-nos para Deus, por meio de Jesus. Ele é, antes de mais, o «exegeta» de Deus, o revelador do Pai. Ele mostrou-nos um Deus que é Graça; um Deus que nos assiste; um Deus que é força criadora; um Deus que é esperança que nos conduz à alegria final, alegria realizada no amor e na paz completa (cf. Gal 5,22), e, sobretudo, um Deus que é Pai, fonte de carinho, em cujas mãos o ser humano se sabe e se sente «filho querido» (cf. Mc 1,9-11). Em Jesus e por Jesus, foi-nos mostrada a verdadeira imagem de Deus, imagem que poderíamos resumir nestes enunciados: Jesus não anunciou os atributos, as atitudes de Deus em relação ao homem e ao mundo. O fundamental da pregação de Jesus consistiu em «resgatar» o «seu Pai» das falsas imagens que tinham aparecido ao longo dos tempos. Ele «radicaliza» a imagem de Deus na incondicionalidade do seu acolhimento e na gratuidade da sua exigência. Portanto, o Homem Jesus pertence

«A Palavra do Senhor permanece eternamente. Esta é a Palavra que vos foi anunciada como Boa-Nova» (1Pe 1,25; cf. Is 40,8). Com esta citação de 1Pe 1,25, «que retoma as palavras do profeta Isaías, vemo-nos colocados diante do Mistério de Deus que se comunica a Si mesmo por meio do Dom da sua Palavra. Esta Palavra, que permanece eternamente, entrou no tempo. Deus denunciou a sua Palavra Eterna de modo humano; o seu Verbo “fez-Se carne” (1,14). Esta é a Boa-Nova. Este é o anúncio que atravessa os séculos, tendo chegado até aos nossos dias»¹⁶³.

A Palavra da fé é tudo aquilo que o apóstolo João, na sua primeira carta diz a respeito de Cristo: «Nós vos anunciamos a Vida Eterna, que estava no Pai e que nos foi manifestada – o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Quanto à nossa comunhão, ela é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1Jo 1,2-3). Este trecho convida-nos a ouvir, ver, tocar e contemplar (1Jo 1,1) o Verbo da Vida e da fé, já que a própria Vida se manifestou em Cristo. E nós, chamados à comunhão com Deus e entre nós, devemos ser anunciadores deste dom. Contudo, cabe-nos aceitar esse dom da fé, presente no meio de nós, na Pessoa de Jesus Cristo, o único com «palavras de vida eterna» (6,68). Ele é o único que dá ao homem o acesso a Deus.

Quem conhece a Palavra divina abeira-se do conhecimento de Deus, ou seja, tem a fé. A fé é o caminho para a adoração do Pai. É o dom que Cristo dá a todos os que adoram o Pai da criação; pela fé no Logos passam a ser filhos de Deus (filhos no Filho). A Palavra de Deus impele-nos para a fé e para o realismo: tem fé e realismo quem reconhece o fundamento de tudo no Logos de Deus, ou seja, naquele que existiu «antes de todas as coisas» (Cl 1,17). Por isso, quem constrói sobre esta Palavra, edifica a casa da vida sobre a rocha (cf. Mt 7,24). Que o nosso coração possa dizer a Deus, cada dia: «Sois o meu abrigo, o meu escudo, na vossa Palavra pus a minha esperança» (Sal 119,114), e possamos agir, cada dia, confiando no Senhor Jesus Cristo como São Pedro: «Porque Tu o dizes, lançarei as redes» (Lc 5,5).

Cristo é Palavra da fé porque Se entregou livremente a Deus para a Redenção do mundo. Ele obedeceu até à morte e morte de cruz. Por isso, Ele é o protótipo daquele que obedece à fé, fazendo em tudo a vontade de Deus Pai. «Pela fé o ser humano entrega-se

ao ser de Deus na maior e absoluta intimidade que se possa imaginar. Para exprimir esta intimidade, o NT lançou não da expressão «Filho de Deus», mas ilustrando-a e acompanhando-a com outras expressões: Senhor, Messias, Filho do Homem, Adão Definitivo, Recapitulador Universal, Único verdadeiro Sacerdote... Todas estas expressões, e outras que poderíamos acrescentar, mostram perfeitamente a dificuldade em «definir» a pessoa de Cristo, por meio de uma única característica. Cf. A. J. COELHO, *Quem Me vê, vê o Pai*, pp. 47-58; 85-94; J. DUPUIS, «Un Dios, Padre de Jesucristo, para la salvación del mundo», in *ST* 39 (2000) 177-188.

¹⁶³ BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini* (30 de Setembro de 2010), 1.

total e livremente a Deus, oferecendo a Deus Revelador «o obséquio pleno da inteligência e da vontade» e prestando voluntário assentimento à sua revelação»¹⁶⁴.

A resposta própria do ser humano a Deus, que fala, é a fé. Isto põe em evidência que, «para acolher a revelação, o ser humano deve abrir a mente e o coração à acção do Espírito Santo que lhe faz compreender a Palavra de Deus presente nas Sagradas Escrituras». Toda a história da salvação nos mostra progressivamente esta ligação íntima entre a Palavra de Deus e a fé que se realiza no encontro com Cristo. De facto, com Ele a fé toma a forma de encontro pessoal com uma Pessoa à qual se confia a vida. O Logos de Deus continua hoje presente, na história, no seu Corpo que é a Igreja; por isso, o acto da nossa fé é um acto simultaneamente pessoal e eclesial¹⁶⁵.

A fé surge da revelação que Deus faz de Si mesmo, enquanto «princípio» e «fim último» de todas as coisas criadas. A fé é, em si mesma, o «início da salvação do homem, o fundamento e a raiz de toda a justificação»¹⁶⁶, sem a qual é impossível agradar a Deus (cf. Heb 11,6). A Palavra da fé no Logos insere o crente no definitivo, na plenitude, no dinamismo da vida eterna.

A relação de Jesus com o seu Pai evidencia e provoca a fé. A sua fé escatológica é, assim, «o Caminho» pelo qual o Pai atrai os homens para Ele. É, então, que no dinamismo da doação do Pai, fundamentado pela fé de Cristo e o seu relacionamento estruturante com Ele, a fé e graça de Deus se estruturam numa dialéctica puramente escatológica¹⁶⁷.

Assim, de tudo o que acabamos de ver a respeito do Logos como Palavra do Pai, dá-nos a impressão de que a fé no *Logos joanino* (Cristo) é a condição «sine qua non» para o discipulado e para o Pai.

Ter fé é permanecer no amor de Jesus e cumprir as palavras que saem da boca de Deus; no mesmo amor que existe na relação entre o Pai e o Filho: «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor» (15,9).

Cristo é o revelador da Palavra que sai do Pai. Ele é o cumpridor da Palavra de Deus; é a própria Palavra de Deus (as multidões amontoavam-se para ouvir a Palavra de Deus: cf. Lc 5,1).

¹⁶⁴ CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*» (18 Novembro de 1965), 5: in AAS 58 (1966), p. 819.

¹⁶⁵ Cf. G. SÖHNGEN, «La Sabiduría de la Teología por el camino de la ciencia», in *MSMTHS*, Tomo II, Cristiandad, Madrid 1969, p.1010-1017; BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 25-29.

¹⁶⁶ M. NICOLAU, *Psicologia e pedagogia da fé*, Paulinas, São Paulo 1963, p. 204.

¹⁶⁷ Cf. A. MARCHADOUR, *I Personaggi del Vangelo di Giovanni. Specchio per una cristologia narrativa*, Dehoniane, Bologna 2007, pp. 171-173.

3.3.5 O Logos mostra o Reino e o Amor de Deus

A gradualidade da Palavra de Deus (muitos modos) converge em Jesus Cristo, sua plenitude. Jesus Cristo não está só na continuidade do AT; Ele tem um «quid», Ele é a Palavra.

Os diversos modos de falar, citados pala carta aos Hebreus, culminam no Logos do Pai trazido pelo Filho. Jesus Cristo surge como a Palavra definitiva de Deus, como Alguém que fala, em nome de Deus, que realiza a própria obra de Deus. A sua mensagem está centrada no Reino (cf. Lc 7,22). Ele é a própria Palavra realizada, o Evangelho de Deus. Não diz apenas a Palavra do Pai, realizada-a (cf. Jo 1; Act 1,1). A sua Pessoa é o centro das Escrituras. Deve-se escutá-lo. Jesus Cristo, terminada a sua vida terrena, responsabiliza pela sua palavra os Apóstolos e a Igreja.

O Logos age «com autoridade» própria (Mt 9,6; 21,23; Mc 1,2; 6,7; 11,28; Lc 4,36; Jo 1,12). Mas autoridade libertadora. Pois Ele é Deus. Mostra-Se consciente de ser, Ele em Pessoa, o Enviado do Pai (cf. Jo 17,3-8.21-26). «Pelo Espírito de Deus» (Mt 8,11; 11,27-30; 12,28). Ele, o critério da consagração dos homens para o Reino de Deus. «Por causa de Mim» (Mt 5,11; 10,18.22-42). «Eu porém (relativização de Moisés e da Toráh!) digo vos (...). Consciente de ser, Ele, a expressão da vontade do Pai (cf. Mt 5,17.22; 1,21-23; 18,17-22, 19,21-30). «Amai os vossos inimigos» e rezai por eles: «para serdes tornados filhos do vosso Pai» (Mt 5,44s; Lc 6,35). «O que fizestes» aos outros, também «a Mim o fizestes» (Mt 25,40.45). E mais, Ele é o Sacerdote da Adoração «em espírito e verdade». O Senhor do Sábado (cf. Mt 12,8, Mac 2,28; Jo 4,24). É o «Noivo» (Jo 2) – o Centro e a razão de ser da Festa – do Reino¹⁶⁸ escatológico (cf. Mt 9,14-17; 16,27s; Mac 2,18-22; Lc 5,33-38; 14,15-24).

Em tudo o que faz, Jesus mostra-Se como o *Profeta* do Pai. Anuncia e torna presente o Reino da Libertação e da Graça (Mt 13, 43; Lc 4, 17-21). Apresenta-Se como a instância constitutiva da realização do Reino¹⁶⁹: «*Quem Me vê, vê o Pai*» (Jo 14, 6-11; 13, 34 s). Em toda a sua Incarnação revela-se o Amor de Deus aos homens (cf. Jo 3,16; 1Jo 4, 9). Na sua palavra, manifesta-se a Bondade e o perdão de Deus, o seu cuidado pela ovelha ou filho transviados (cf. Mt 18, 12-14; 19, 17-19; Lc 15, 1-32).

¹⁶⁸ Cf. J. O. BRANCO, «A/Teísmo: Intuições e Questões» ..., pp. 521-529.

¹⁶⁹ Cf. SAN AGUSTÍN, «Filosofia», pp. 484-485.

Em resumo: na sua vida e morte, consumação da sua absoluta entrega ao Pai, revela-se a Fidelidade de Jesus a Deus e aos homens (cf. Mt 16, 23; 20, 28; 26, 39; e paralelos; Jo 10, 15-18. 27-30; 13, 20-34; 14, 7-31; 15, 9-17; 16, 26-28; 17, 1-26; Rom 5,7s; etc.). Pode pois concluir-se: «Que Deus ama, já é conhecido do AT, mas só foi revelado em toda a profundidade e significação por Cristo». O «ágape» de Cristo é, assim, «uma doação de vida até à entrega de si mesmo»¹⁷⁰. O «ágape» «não procura o seu interesse», mas o bem daqueles a quem o amor se entrega (cf. 1Cor. 13,5; 10,24.33). E os que O seguiram de perto puderam percebê-lo (cf. Mt 11, 25-27; Lc 1,50.53-55.72-79; Jo 1, 14.16; 3, 34-36; Rom 5, 20; 8, 1-39; Col. 1,13).

Por isso, o seu Amor pelas criaturas é um Absoluto Con-desc(end)er. Sim, Deus a *descer* a sua Santidade, Augusta, até nós. Que o seu Amor seja manifestado, e correspondido em liberdade, torna-se o reconhecimento máximo da sua Glória. No seu Ser-Agir, Absoluto, *Deus é Pura Doação*.

Ao dizer «θεὸς ἀγάπη ἐστίν» (1Jo 4,8), não se está a individuar um «predicado» do Divino. Objectivado conceptualmente, em resultado de uma análise coisista da Essência de Deus. Isso era linguagem escolasticista. Abstracta. Só se pode dizer com verdade que «Deus é Amor», enquanto expressão da experiência única e insuperável que o homem, só ele, teve de Deus em Cristo: Deus entregou-Se totalmente ao homem. «Este Agir de Deus e livre (e dá-se) no *kairos* (= tempo da Graça) de Cristo (...) Deus, o Deus Pessoal, quis amar-nos livremente. Toda a realidade do cristianismo consiste em sabê-lo»¹⁷¹.

Na Cruz, dá-se a identificação total de Jesus Cristo com a sua Palavra, a Sua acção, a sua missão, a sua existência. *Na morte sobre a Cruz, Jesus é totalmente aquilo que diz e diz totalmente aquilo que é*. A Cruz sintetiza toda a existência salvífica de Cristo, enquanto expressão culminante e inultrapassável do gesto de amor que se dá todo e dá tudo até ao fim. Por isso, a fé cristã viu aí o maior sacrifício da história universal, consumado fora da cidade santa e do Templo, no meio do mundo. O princípio constitutivo do sacrifício não é o sofrimento do castigo, o suplicio ou a destruição da vítima, mas a entrega, o sim absoluto da existência ao sim absoluto do Amor do Pai pela humanidade. É isto e só isto, que constitui a autêntica redenção do mundo.

¹⁷⁰ J. O. BRANCO, «A/Teísmo: Intuições e Questões» ..., p. 530.

¹⁷¹ Cf. K. RAHNER, *Escritos de Teologia*, Tomo IV, pp. 300-312.

Por isso a hora da Cruz constitui a autêntica redenção do mundo: a festa verdadeira e definitiva da reconciliação. «A Cruz é o sinal eficaz do amor Redentor enquanto ela põe o Amor de Deus no mundo de maneira definitiva e historicamente irreversível»¹⁷². É a certeza de um Amor universal, autêntico e fiel de Deus até à morte¹⁷³. Um amor que toma o homem a sério. É o desafio supremo a ousar confiar-se a um Amor que transforma o homem e o mundo.

Só o amor salva o homem e o torna nova criatura! O Logos encarnado oferece a sua própria vida na Cruz para todo o mundo: «Ninguém tem maior amor, do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (15,13).

¹⁷² A. MARTO, «Jesus Cristo, Salvador do homem», in *Theologica* 32 (1997) 67-68.

¹⁷³ Cf. W. PANNENBERG, «La tarea de la escatología Cristiana», in *ST* 36 (1997) 267-272.

CAPÍTULO IV: HERMENÊUTICA

4.1 LOGOS E ORAÇÃO

Toda a vida de Jesus foi coroada de oração. Frequentemente saía para um lugar solitário e rezava sozinho. Ele deu-nos o exemplo de que era importante rezar, para permanecermos constantes na fé e não cairmos em tentação. Ele confirma tudo isso dizendo-nos: «Coragem! Eu venci o mundo» (cf. Jo 16,33). Essa afirmação de Jesus anima-nos no nosso caminhar sobre a terra, procurando incutir em nós os propósitos que o Mestre nos ensinou.

No capítulo 17 joanino, encontramos a oração de Cristo que relata o perfeito cumprimento dessa vida santa, a vida de oração, que era a verdadeira relação d'Ele com o Pai. Por isso, Cristo, antes da sua partida, deixou esse grande tesouro aos discípulos. Jesus ora para que todos sejam conduzidos à perfeita unidade da vida divina como é partilhada pelo Pai e o Filho (cf. 1,1-2). Em Cristo todos os homens terão a visão da Glória de Deus e experimentarão o ágape divino em sua plenitude¹⁷⁴. Jesus reza pelos discípulos e, finalmente, por todos aqueles que depois, por causa da sua palavra, haveriam de acreditar n'Ele, ou seja, pela Igreja de todos os tempos (cf. 17,20). Ele santifica e implora santidade¹⁷⁵ para a humanidade inteira (cf. 6,7).

O Logos é a ligação «indivisível» do Pai e do Filho (presença mútua do Pai e do Filho). Na intervenção de Filipe, que pede uma revelação do Pai — talvez como uma esplêndida teofania, à maneira de Ex 24,9-11 — e Jesus aproveita a ocasião para um ensinamento profundo: Jesus explica a Filipe que o Pai e o Filho estão numa relação constante de intimidade, de presença e oração. Filipe insiste, dizendo: «Senhor, mostrai-nos o Pai, e isso nos basta» (14,8). Em resposta, Jesus passa a explicar: «Quem me vê, vê o Pai»; «Eu estou no Pai e o Pai está em mim» (14,9-10).

¹⁷⁴ Cf. C. H. DODD, *El Evangelio según San Juan*, I, pp. 416-422; A. GENTILI, «A oração no Novo Testamento», in *Guia para ler a Bíblia*, São Paulo, Apelação 1997, p. 348: «No Evangelho de João, considerado o Evangelho do cristão adulto, do perfeito (*perfectum*), segundo a terminologia do NT que equivale a orientação para o fim - a oração. O cristão é convidado a exprimir na oração o abandono total a Deus, na certeza de ser ouvido porque os seus pedidos, as suas súplicas, são inspirados unicamente pela fé e pelo amor (cf. Jo 14,13-14; 15,16b; 16, 24. 26). Ele é um contemplativo e vive a experiência litúrgica mais alta do próprio Credo na celebração eucarística, que se situa no cume do “Mistério” da Encarnação, verdadeiro banco de prova da fé do cristão.»

¹⁷⁵ Cf. BENTO XVI / J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré, Parte II ...*, p. 73.

Jesus como Filho Unigénito que é, manifesta Deus em todas as suas obras e atitudes. Através «da Pessoa do Filho», é Deus mesmo que age e Se manifesta. A Glória do Filho resplandece não apenas em sua humanidade após a ressurreição, mas através da Igreja, depois da efusão do Espírito Santo (não só *ad extra* mas também *ad intra - convivência Trinitária*). A conversão do mundo, fruto da pregação e oração apostólica, aparecerá como obra maior do que aquelas que Jesus efectuou em sua vida, dado que, imediato, Ele conseguiu apenas a formação do pequeno núcleo inicial dos discípulos¹⁷⁶.

Consciente daquilo que o Logos de Deus é para a vida espiritual dos cristãos, o CCE diz que a comunicação que o Pai fez de Si mesmo pelo seu Verbo no Espírito Santo está presente e activa na Igreja: Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo Se consuma, tendo cumprido e promulgado pessoalmente o Evangelho antes anunciado pelos profetas, mandou aos Apóstolos que o pregassem a todos os homens, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, comunicando-lhes assim os dons divinos¹⁷⁷. O Logos de Deus é a *forma sacramental* do encontro de Deus com os homens pela mediação visível e audível da palavra dos Profetas e dos Apóstolos, transmitida pela Bíblia e proclamada pela Igreja. O cristianismo é a Fé e a Vida da Palavra de Deus, não de um verbo escrito e mudo, mas do Logos encarnado e vivo¹⁷⁸.

Também, a leitura da Escritura é centro de inspiração cristã e fonte de ânimo para a Igreja. Ela deve ser acompanhada da oração para que se realize o diálogo de Deus com o homem, pois «falamos a Deus quando oramos e escutamos a Deus, quando lemos as suas palavras»¹⁷⁹. A oração é o sustento do cristão e da Igreja que caminha entre sofrimento e perseguição que, apesar disso, conseguirá vencer essas aporias da história e do mundo hostil pela negação de Deus, porque o Logos está sempre presente com o seu Espírito Consolador. Ela é fundamental na vida espiritual do fiel, nos diversos ministérios e estados de vida, com particular referência na *lectio divina*¹⁸⁰. O Logos está na base de toda a vivência cristã autêntica. Por isso, todos os homens crentes devem tomar a Sagrada Escritura como livro de oração e meditação porque ali estão as Palavras do Logos de

¹⁷⁶ Cf. C. JOSAPHAT, *O Evangelho da unidade e do Amor*, pp. 220-221.

¹⁷⁷ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1993) 75; CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*», 8: in AAS 58 (1966), p. 820.

¹⁷⁸ Cf. H. HAAG, «La Palabra de Dios se hace libro en la Sagrada Escritura», in *MSMTHS*, Tomo I, Cristiandad, Madrid 1969, pp. 338-342.

¹⁷⁹ CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*», 25: in AAS 58 (1966), p. 829; CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1253.

¹⁸⁰ Cf. J. J. BARTOLOMÉ, «La “Lectio divina” como método de evangelización», in *ST* 35 (1996) 349-346.

Deus. Assim, facilita a relação do homem com Deus. Como dizia Santo Agostinho, citado por Bento XVI: «A tua oração é a tua palavra dirigida a Deus. Quando lês, é Deus que te fala; quando rezas, és tu que falas a Deus»¹⁸¹. «Buscai lendo e encontrareis meditando; chamai orando e ser-vos-á aberta a Palavra de Deus pela contemplação»¹⁸².

A oração possibilita uma verdadeira intimidade do crente com o Logos de Deus. É Ele que nos encaminha, através da oração até ao Pai: «ninguém vai ao Pai senão por mim». Todavia, para «compreender» Deus, temos necessidade absoluta da oração. Precisamente para nos exortar a ela é que o Salvador não se limitou a dizer: «procurai e encontrareis» e «batei e abrir-se-vos-á», mas acrescentou: «pedi e recebereis».

Como escreve Bento XVI, «na leitura orante da Sagrada Escritura, o lugar privilegiado é a liturgia, particularmente a Eucaristia, na qual, ao celebrar o Corpo e o Sangue de Cristo no Sacramento, se actualiza no meio de nós a própria Palavra. Em certo sentido, a leitura orante e comunitária deve ser vivida sempre com a celebração eucarística. Assim como a adoração eucarística prepara, acompanha e prolonga a liturgia eucarística, assim também a leitura orante pessoal e comunitária prepara, acompanha e aprofunda o que a Igreja celebra com a proclamação da Palavra no âmbito litúrgico. Colocando em relação tão estreita *lectio* e liturgia, podem-se identificar melhor os critérios que devem guiar esta leitura no contexto da pastoral e da vida espiritual do Povo de Deus»¹⁸³.

A oração é a primeira maneira como o Logos nos transforma. Ela contribui para a unidade do homem. Se a meta é a Glória de Deus, só morrendo é que Cristo pode «reunir os de Deus dispersos»; só «exaltado» na cruz é que Ele pode «atrair todos os homens a Ele» (Jo 12,32). A oração «para que eles todos sejam um, Eu neles e Tu em mim» (Jo 17,21-22), só se cumpre porque aquele que a oferece deu a vida por Seus amigos¹⁸⁴.

¹⁸¹ BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 86-87.

¹⁸² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2654. Jesus ora e nos ensina a orar ao Pai. Alerta-nos a rezar autenticamente a Deus que é o Senhor de todos e de tudo. Jesus disse: «rezai, pois, assim: «Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς· ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου· ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου· γεινηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς· τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δός ἡμῖν σήμερον· καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν· καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, ἀλλὰ ῥύσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ» (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4).

¹⁸³ BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 87.

¹⁸⁴ Cf. C. H. DODD, *El Evangelio según San Juan*, I, pp. 421-422. Em Mt 11,27 Jesus demonstra a sua verdadeira missão sobre o mundo e exprime de maneira indirecta uma relação única com o Pai: «Πάντα μοι παρεδόθη ὑπὸ τοῦ πατρός μου, καὶ οὐδεὶς ἐπιγινώσκει τὸν υἱὸν εἰ μὴ ὁ πατήρ, οὐδὲ τὸν πατέρα τις ἐπιγινώσκει εἰ μὴ ὁ υἱὸς καὶ ὃς ἔαν βούληται ὁ υἱὸς ἀποκαλύψαι».

4.2 LOGOS E VIDA COMUNITÁRIA CRISTÃ, HOJE

Os Actos dos Apóstolos apresentam-nos as comunidades cristãs primitivas como comunidades congregadas em torno à Palavra, polarizadas pela Palavra, a nascerem e viverem da Palavra. O Logos, como Palavra de Deus que alimenta a comunidade cristã, desde a Igreja primitiva até hoje, é sempre dinâmico no coração dos homens. Ele molda o homem capaz de viver totalmente para Deus, dando testemunho diante dos homens, e, hoje mais do que nunca, a nossa sociedade precisa que esse Logos de Deus dê fruto de esperança, paz e amor num mundo que nega e rejeita Deus. O Logos de Deus que toca todos os homens é a vida e a salvação dos homens. Contudo, muitos homens ignorando-o completamente, vivendo como se o mesmo não existisse, nem querem reconhecer o seu efeito transformador para aqueles que a ouvem e a procurem pôr em prática¹⁸⁵.

A Igreja, hoje, precisa de viver a fé autenticada no reconhecimento da Sagrada Escritura como a Palavra de Deus que indica aos homens o verdadeiro caminho para o Pai. Por isso, a comunidade cristã é chamada a colocar toda a sua força e confiança nessa Palavra, que não está longe dela, mas sim na sua vida quotidiana, no membro dessa comunidade e nas Escrituras. Portanto, tem vários testemunhos para poder dar uma resposta positiva a esta Palavra; caso contrário, ignorá-la, nestes reflexos vivos é ignorar o próprio Cristo Redentor. Por isso, uma intensa e verdadeira experiência eclesial não pode deixar de incrementar a «inteligência da fé autêntica» a respeito da Palavra de Deus.

Todavia, a leitura na fé das Escrituras faz crescer a própria vida comunitária eclesial. Além disso, a escuta do Logos de Deus induz e incrementa a comunhão eclesial com todos os que caminham na fé. Se a Igreja é sacramento de Jesus Cristo, a comunicação é fruto e exigência da sua própria constituição. Ao ser sinal e instrumento para comunicar Jesus Cristo, a Igreja está chamada a fazer a comunicação fundamental. A Igreja tem que ser sinal de Cristo. A comunicação na Igreja não é um elemento a mais, mas é fundamental. Se a Igreja não comunica, não é Igreja. A Igreja, como Povo de Deus, está chamada a anunciar a comunhão realizada pelas pessoas, comunhão que atinge a sua plenitude em Deus; mas não o fará sem comunicação.

A Igreja para ser coerente com a sua vocação tem que cuidar da comunicação no seu interior; de contrário, deixa de realizar a missão que lhe está confiada. Por isso, pode

¹⁸⁵ Cf. BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 50-51; ORÍGENES, «Eclesiología», pp. 393-394.

dizer-se que a Igreja nasce do Logos e encontra no Logos a força e as exigências que determinam o que ela há-de ser e realizar no mundo. Fidelidade ao Logos é exigência básica da Igreja em todos os tempos¹⁸⁶.

O Logos está indissociavelmente ligado à Igreja, porque a Igreja recebe o encargo e a tarefa de o anunciar aos homens até ao fim dos tempos: missão de servir a Palavra. A Igreja está profundamente vinculada ao Logos por vontade explícita de Jesus Cristo. Por isso é realmente Igreja do Logos: vocação a ser fiel ao Logos que, pelo espírito a gera e robustece.

O Logos fez com que todos os que O receberam se tornassem filhos de Deus (cf. Jo 1,12). Deus pronuncia a sua Palavra para que seja acolhida por aqueles que foram criados precisamente «por meio» do Logos. «Veio para os seus» (1,11). A configuração da vida da comunidade cristã deve ser em função do Logos Encarnado. Deve ser plasmada por Ele, para se tornar, pelo poder do Espírito Santo, conforme o Cristo, o «Filho Único que vem do Pai» (1,14). É o início de uma Nova Criação: nasce a criatura nova, um povo novo. Aqueles que crêem, ou seja, que vivem a obediência da fé «nasceram de Deus» (Jo 1,13), são participantes da Vida Divina: filhos no Filho (cf. Gal 4,5-6). Deus colocou a sua Tenda entre nós (cf. Jo 1,14). «É a *shekina* (Ex 26,1) de Deus entre os seres humanos, prefigurada no AT, realizada agora com a presença definitiva de Deus no meio da humanidade em Cristo»¹⁸⁷.

Cristo prometeu estar connosco hoje e até ao fim do mundo (cf. Mt 28,20). Na pessoa do papa, sucessor de Pedro, a barca é guiada pelo Dom do Espírito Santo e pela força da oração. O Logos anima e dinamiza a Igreja na submissão sobre a terra, construindo *aqui e agora* o seu futuro escatológico. Nessa atitude de esperança salvífica, João confirma que a Igreja da esperança é aquela que vive «já» aquilo que «ainda não» recebeu em plenitude. Este «viver já» faz com que o futuro não seja um prémio mas uma consequência efectiva, que por sua vez se vê patente e configurada no agora da fé salvífica.

A barca de Pedro vive pela fé os dinamismos da eternidade, porque a eternidade faz-se presente, de uma forma especial, no Logos de Deus, sempre presente e que habita entre nós (cf. 1,14). A comunidade cristã contemporânea deve, a exemplo da comunidade cristã primitiva, escutar e anunciar o Logos de Deus. Ela não vive de si mesma, mas do

¹⁸⁶ Cf. F. S. AGUIMAR, *Antopología y teología de la fe cristiana*, Sígueme, Salamanca 1973, pp. 211-222.

¹⁸⁷ BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 50-51; cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 18-21*, IV, Sígueme, Salamanca 2001, pp. 210-213.

Evangelho, e do Evangelho tira, sem cessar, orientação para o seu caminho. Consequentemente, é urgente promover um trabalho pastoral que favoreça a passagem de uma «fé individual eclesial» à missão. A Igreja está num novo contexto que é preciso evangelizar. É um contexto de pluralidade, de secularidade, de fragmentação da experiência da vida, de diluição do religioso, etc. A fé não pode ser de simples tradição, mas de forte convicção¹⁸⁸.

O Papa Bento XVI, na exortação apostólica «*Verbum Domini*»¹⁸⁹, afirma que na Palavra de Deus proclamada e ouvida e nos sacramentos, Jesus hoje, aqui e agora, diz a todos: «Eu sou teu, dou-me a ti», para que o ser o possa acolher e responder-lhe, dizendo por sua vez: «sou teu». Assim, a Igreja apresenta-se como o âmbito onde podemos, por graça, experimentar o que diz o prólogo de João: «A todos os que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (1,12). Por isso, todo o gesto e palavras humanos tornam-se perceptíveis à fé pelo Logos de Deus que está presente no meio de nós.

4.3 LOGOS NO DIÁLOGO ECUMÉNICO

A Palavra divina introduz-nos no diálogo com o Senhor: o Deus que fala ensina-nos como podemos falar com Ele. «Numerosos textos da Sagrada Escritura apresentam a humanidade a dirigir-se a Deus sob a forma de oração e intercessão (cf. Ex 33,12-16), de canto de júbilo pela vitória (cf. Ex 15) ou de lamento no desempenho da própria missão (cf. Jr 20,7-18). Deste modo, a palavra que o ser humano dirige a Deus torna-se também Palavra de Deus, como confirmação do carácter dialógico de toda a revelação cristã, e a existência inteira do ser humano torna-se um diálogo com Deus que fala e escuta, que chama e dinamiza a nossa vida. Assim, a Palavra de Deus revela que toda a existência do ser humano está sob o chamamento divino»¹⁹⁰.

O Logos é a ponte do diálogo ecuménico das Igrejas¹⁹¹ e dos homens no mundo, favorecendo a unidade na diversidade. Por isso, a Igreja tem procurado todos os meios

¹⁸⁸ Cf. F. S. AGUIMAR, *Antopología y teología de la fe Cristiana*, pp. 185-191.

¹⁸⁹ Cf. BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 51.

¹⁹⁰ BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 24-25.

¹⁹¹ Cf. P. NEUNER, «Prueba de fuego del ecumenismo. Observaciones sobre la concepción de la Iglesia en un documento de la Congregación de la Fe», in *ST* 40 (2001) 100-110. A Igreja é missionária por vontade de Jesus Cristo. A missão faz parte da sua natureza. Cristo o grande missionário, envia a Igreja para continuar a sua obra: «Como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós» (Jo 20,21), «Quem vos escuta a Mim escuta» (Lc 10,16). Os Apóstolos transmitem essa missão aos seus sucessores e estes, por sua vez

para melhor possibilitar aos homens o contacto com o Divino, pondo o Logos no centro dessa procura. «Muitos teólogos, pastores e exegetas têm procurado muitas formas de pensar, de dialogar e viver a fé, de uma maneira harmoniosa, em que todos os homens são integrados na grande família dos que caminham para Deus, tendo o Logos como Luz e Mediador. Tudo isso tem como fim promover uma maior comunhão no serviço da Palavra de Deus»¹⁹². Tal cooperação ajudará a todos a realizarem melhor o próprio trabalho em benefício da Igreja. Assim, dá à Sagrada Escritura uma dimensão universal e demonstra a sua natureza de comunhão que o Senhor oferece à humanidade para a salvação. Portanto, como afirmou a Constituição dogmática *Dei Verbum*:

«É preciso que os exegetas católicos e demais estudiosos da sagrada teologia trabalhem em íntima colaboração de esforços, para que, sob a vigilância do sagrado magistério, lançando mão de meios apropriados, estudem e expliquem a Sagradas Escritura, de modo que o maior número possível de ministros da Palavra de Deus possa oferecer com fruto, ao Povo de Deus, o alimento espiritual, que ilumine o espírito, robusteça as vontades e inflame os corações dos seres humanos no amor de Deus»¹⁹³.

A Igreja tendo a sua raiz em Cristo, Verbo de Deus feito carne, que quis demonstrar a centralidade dos estudos da Sagrada Escritura no diálogo inter-ecuménico, visando a plena expressão da unidade de todos os crentes em Cristo. De facto, na própria Escritura, encontramos a comovente súplica de Jesus ao Pai pelos Seus discípulos, para que sejam um só, a fim de que o mundo creia (cf. 17,21). Tudo isto nos fortalece na convicção de que escutar juntos as Escrituras nos faz viver uma comunhão real, embora ainda não plena, pois «a escuta comum das Escrituras impele ao diálogo da caridade e faz crescer o da verdade». Portanto, ler reflectir, estudar a Palavra de Deus em comum proporciona uma comunhão e unidade com os fiéis de todos os tempos, de todas as

comunicam-na aos bispos, presbíteros e assim por diante. Todos os membros da Igreja, mediante a fé e os sacramentos que recebem, participam na missão do Logos de Deus e da Igreja de Cristo.

¹⁹² CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*», 23: in AAS 58 (1966), p. 828.

¹⁹³ CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*», 23: in AAS 58 (1966), p. 1044.

culturas e de todas as religiões: tudo isto constitui um caminho a percorrer para alcançar a unidade da fé, como resposta à escuta da Palavra¹⁹⁴.

O Logos é a verdadeira (caminho para a) salvação da humanidade. Por isso, é bom incrementar o estudo, o diálogo e as celebrações ecuménicas da Palavra de Deus, no respeito das regras vigentes e das diversas tradições. Estas celebrações são úteis à causa ecuménica e, se vividas no seu verdadeiro significado, constituem momentos intensos de autêntica oração, nos quais se pede a Deus para apressar o suspirado dia em que será possível abeirarmo-nos todos da mesma mesa e beber do único cálice¹⁹⁵.

O Logos veio para todos e para o mundo inteiro; ninguém pode prescindir d'Ele. Ele é a unidade, o amor, a harmonia para todos os homens de boa vontade que querem, por intermédio da sua Palavra, escutar, louvar, bendizer a Deus em sintonia com todos os homens de todas as culturas, onde Deus é o Pai de todos e Jesus o seu Único Filho mediador da comunhão entre a humanidade e a Trindade¹⁹⁶. O Logos de Deus supera os limites das culturas, é capaz de penetrar e exprimir-se em culturas de línguas diferentes; o próprio Logos transfigura os limites de cada uma das culturas, criando comunhão entre povos diversos. A Palavra de Deus convida-nos a avançar para uma comunhão vasta. Saímos da estreiteza das nossas experiências e entramos na realidade que é

¹⁹⁴ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Decreto «*Unitatis Redintegratio*» (21 de Novembro de 1964), 21: in AAS 57 (1965), p. 105; F. TEIXEIRA, «Una cristología provocada por el pluralisme religioso», in *ST* 46 (2007) 12-26.

¹⁹⁵ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*», 10: in AAS 58 (1966), p. 822. Neste aspecto, o problema ecuménico reveste-se de uma particular singularidade, sobretudo no aspecto da eucaristia, o autêntico coração da Igreja, segundo a consideração de Walter Kasper. Como acção eclesial que transcende a restrita comunidade celebrativa, a eucaristia, alimento de vida eterna, manifesta a sua extensão para lá deste mundo e desta modalidade de vida. Inscreve-se na grande comunhão dos santos e na liturgia celestial. A eucaristia e a Igreja de todos os tempos e lugares estão intrinsecamente unidas. Essa comunhão com Cristo ressuscitado suplanta a barreira da morte e proporciona a antecipação da comunhão celestial com Ele e com os outros, como sublinha a antífona do Magnificat da festa do Corpo e Sangue de Cristo: «...penhor da glória futura». No tocante do ecumenismo, fala-se do «ecumenismo de vida» em virtude do único baptismo e da profissão de fé baptismal, que se repete em cada noite pascal. Sobre esta base, consciente dos princípios do ecumenismo, desnuda-se radicalmente o escândalo e a contradição da separação das igrejas. Todavia, essas barreiras só são superáveis pela força do Espírito Santo. Para isso, recorre-se ao premente «ecumenismo espiritual», como o coração do «ecumenismo de vida», que se traduzir nas atitudes de conversão de coração, santidade de vida, perdão mútuo, purificação da memória, serviço humilde e desinteressado. Em todo o caso, a comunhão, tanto pessoal como eclesial, é o fim da celebração eucarística por ser sinal da unidade e vínculo de amor. Toda esta perspectiva ecuménica faz vir ao de cima questão da unidade da Igreja, que, não sendo um fim em si mesma, está ao serviço do único objectivo: «que o mundo creia» (Jo 17,21). Cf. W. KASPER, *Sacramento de la unidad. Eucaristia e Iglesia*, Sal Terrae, Santander 2005, pp. 13-50

¹⁹⁶ Cf. L. F. LADARIA, *La Trinidad Misterio de Comunion*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2002, pp. 29; 145-147.

verdadeiramente universal. (...) Sair dos limites de cada uma das culturas para a universalização que nos vincula a todos, a todos nos une e nos irmana¹⁹⁷.

O diálogo ecuménico ainda contribui, de um modo especial, para a paz e para a unidade na diferença, tendo como único fio condutor o Logos Divino, que nos une e redime. Cristo veio para os seres humanos sem distinção quer seja de raça, nação, língua, povo ou cultura. Tal diálogo é fundamental e favorece o diálogo, a paz e a harmonia entre os povos. Assim, dá à Sagrada Escritura uma dimensão universal e demonstra a sua natureza de comunhão que o Senhor oferece à humanidade para a salvação¹⁹⁸.

¹⁹⁷ Cf. BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini*, 116-118. Têm sido quatro os campos em que, na nossa Igreja, se procura o diálogo com seguidores de outras crenças: o do esforço por relações de boa vizinhança, o da colaboração na construção da justiça e da paz, o da participação em experiências religiosas das outras crenças e o do intercâmbio teológico. Os três primeiros são predominantemente práticos, o último é mais de ordem teórica. Além disso, o diálogo inter-religioso faz-se baseando no amor radical. É desse amor que precisamos, para que a abertura ao diálogo se torne possível e capaz de vencer os desafios ou fracassos que reforcem essa unidade na diversidade. É o que o amor é, escreve Paulo: «Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται ἡ ἀγάπη, οὐ ζηλοῖ, [ἡ ἀγάπη] οὐ περπερεύεται, οὐ φυσιοῦται, οὐκ ἀσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς, οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ κακόν, οὐ χαίρει ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συγχαίρει δὲ τῇ ἀληθείᾳ· πάντα στέγει, πάντα πιστεύει, πάντα ἐλπίζει, πάντα ὑπομένει. Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει· εἴτε δὲ προφητεῖαι, καταργηθήσονται· εἴτε γλώσσαι, παύσονται· εἴτε γνώσις, καταργηθήσεται» (1Cor 13,4-8a). E porquê? – porque «Deus é amor» (1Jo 4,8). Cf. A. C. G. DE OLIVEIRA, «Orientações bíblicas para um diálogo inter-religioso eficaz», in *Estudos Teológicos* 4 (2000) 163-188.

¹⁹⁸ Cf. J. MOLTSMANN, «Ecumenismo en el servicio al mundo», in *ST* 12 (1973) 174-177; J. BROSEDER, «Teología Ecuménica», in *SMET*, Tomo II, Herder, Barcelona 1972, cols. 454-455.

CONCLUSÃO

O prólogo, marca da dimensão teológico-evangélica de João, está em perfeita consonância com as coordenadas bíblicas da História da Salvação. Rezar este «hino ao Logos» é conhecer Cristo no seu mistério pré-existencial, encarnacional e redencional face aos homens e ao mundo. Todo aquele que reza este prólogo joanino compromete-se totalmente a ponto de o mais importante ser, não o ambiente que o envolve, mas o que nele se realiza, se testemunha (o verdadeiro encontro de Deus com a humanidade por intermédio do Logos que veio até nós). A iniciativa pertence a Deus, que irrompe na história e na vida dos homens através do Logos, de maneira tal que coloca o que crê em diálogo-encontro perfeito com Deus, e cuja resposta consiste em aceitar com alegria e colher, com reconhecimento, o que Deus deseja conceder a toda a humanidade.

O prólogo do Quarto Evangelho, na sua simplicidade e complexidade teológica, fundamenta e clarifica a relação íntima do Pai e do Filho, a dialogalidade agápica que a fé escatológica exige aos crentes. Acolher o Logos, no prólogo, acima de tudo, é um dinamismo de filiação divina, divinização, amor e salvação. Por isso, o prólogo joanino, magistral hino ao Logos feito carne glorificado, abre de um modo perfeito o Quarto Evangelho, servindo-o como chave de leitura e compreensão.

O prólogo de João abre com a afirmação: «No princípio era o Logos, o Logos estava em Deus (em direcção a Deus), e o Logos era Deus (era divino)» (1,1). Assim sendo, o Logos não se confunde com Deus. São duas entidades distintas com funções também distintas e complementares, embora o Logos (Jesus e Senhor) também seja chamado de Deus (cf. 1,18; 20,28: «Meu Senhor e meu Deus!»; cf. 10,30). Em 5,18, Jesus é acusado de se «fazer igual a Deus» e o mesmo em 10,33. A relação do Filho com o Pai tem a ver com a dimensão de revelação que perpassa todo o Evangelho.

Acolher o Logos gera vida. Deste modo, a fé e amor são sinónimos na reflexão teológica do Quarto Evangelho. Quem ama, permanece em Jesus, crê e acolhe os seus mandamentos, porque permanece no seu Amor (cf. 10,10). Permanecer no Amor do Logos é viver o dinamismo da fé que faz nascer filhos divinos coroados de graças e verdade – dádiva do Logos encarnado. É, porém, graças a esta dádiva que o homem crente alcança a glória imortal e o primor da hora sempiterna. Por isso, é com grande razão que Isaías felicita em altos brados a Igreja por uma tão grande mercê e benefício, quando diz: «καὶ οὐκ ἔσται σοι ὁ ἥλιος εἰς φῶς ἡμέρας οὐδὲ ἀνατολὴ σελήνης φωτιεῖ

σοι τὴν νύκτα ἀλλ' ἔσται σοι κύριος φῶς αἰώνιον καὶ ὁ θεὸς δόξα σου» (Is 60,19).

Portanto, esta luz que Isaías profetiza que há-de alumiar maravilhosamente a Igreja de Cristo, é a única verdadeira luz dos homens que dirige a verdadeira vida. Graças a ela, desprezamos as falsas visões; abraçamos ardentemente a verdade; damos de mão às vãs riquezas e com singular empenho vamos impor das verdadeiras; repelimos os prazeres frágeis e nocivos e buscamos os duradouros e sempiternos, e, finalmente, em todas as circunstâncias da vida fuçamos da mentira (trevas) para gozarmos da Luz da mais verdadeira Sabedoria.

O Logos de Deus que desde o início era Deus, que estava presente em Deus, criou o homem e o mundo salvando-os pela sua graça e pela sua verdade encarnada na Pessoa de Cristo, Filho Unigénito do Pai (presença de Deus entre os homens).

A ideia do Logos no Quarto Evangelho, e por conseguinte, o prólogo em estudo, é antes de tudo, a do Logos humanizado (v.14) e revelador único de Deus Pai (v.18). Cristo Homem-Deus é Ser por excelência; dá ser a toda a criatura (cf. Ap 4,11) e por esta razão é o Princípio e o Fim de todas as coisas. É o Alfa e o Ómega (cf. 1,1s; Ap 21,6), e o Senhor absoluto do Universo (cf. 1,3; Ap 4,8, 1,8).

O Logos encarnado, tem poder de intervir na história dos homens, mormente nos momentos cruciais da vida de cada crente, testemunhando assim o seu poder criativo e salvífico em favor dos seus e, desta forma, testemunha a todos os homens de boa vontade, uma mensagem de esperança e salvação. Ele é o Único Filho de Deus, como nos diz o v.18, que nos leva a Deus. Daí seremos filhos amados do mesmo Pai. Ele é Deus no meio dos homens que opera tudo em todos e realiza nos homens a graça, a santidade e a justiça.

O Logos que estava desde sempre em Deus, modela toda a história dos homens desde o AT nas palavras dos profetas, nos santuários, na arca da aliança, e, nestes dias que são os últimos (cf. Heb 1,1) revelou-se na carne humana (cf. 1,14). Este Logos é a Luz do mundo e a Vida de todos os homens e o pensamento de todos os filósofos e homens sábios. Portanto, acolher Cristo é relacionar-se com a Luz, com a Verdade e com a Graça divinizante. É ter fé à semelhança de João Baptista que testemunha o Logos como o Messias esperado; é o viver do dinamismo relacional da permanência no Logos, com o Pai e com os outros crentes através do Espírito Santo. Perante este dinamismo de *receber/crer/acolher* o Logos, está o segredo da adesão estruturante da vida do crente, que o prólogo joanino anuncia a própria revelação encarnacional do «enviado do Pai» como Unidade no Amor.

O Logos de Deus introduz os homens no diálogo com o Senhor, com os irmãos, com outras culturas, com outras crenças e religiões, a fim de tornarmos um povo, tal como Ele é um com o Pai (cf. 10,30). Por isso, na leitura orante da Sagrada Escritura, *lectio divina*, desde já, na vida enquanto a cremos na fé e na celebração litúrgica, aprendemos a rezar como mandato de Jesus para a nossa verdadeira unidade humana crística. Rezar esta norma, celebrando e proclamando o mistério da encarnação do Logos de Deus, é reconhecer, com a simplicidade de crentes, que só Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. 14,6). Este encontro torna-se então um encontro eclesial uma vez que o Logos é um tesouro para ser partilhado. Por outro lado, este encontro em e com a comunidade será sempre encontro pessoal com o Deus vivo e vivificante que vem até nós, desafia-nos e espera uma resposta. Com razão afirma um documento da Igreja: «É no mistério do Verbo Encarnado que se desvenda plenamente o mistério do Homem»¹⁹⁹.

A profundidade do Logos no prólogo estudado deve levar-nos, como crentes e como comunidade, a anunciar, celebrar, testemunhar e viver o mistério deste Deus que se faz homem em Jesus Cristo, segundo o que o Espírito nos inspira. Somos testemunhas do Logos de Deus encarnado, Ressuscitado, o Vivente, e na posse de uma tal esperança procedemos com total desassombro (2Cor 3,12), pois o Senhor a quem servimos é o Verbo de Deus, o Messias (1,41). O mesmo ontem, hoje, sempre. O primogénito de toda a criatura (cf. Col 3,24b; Heb 13,8).

A nossa fé em Deus tem o seu apoio último em Jesus de Nazaré. Sem Cristo, não podemos afirmar Deus. Só por Ele e n'Ele sabemos que Deus Se apresenta como é. Foi em Cristo que Deus Se deu a conhecer, se nos revelou, Se aproximou de nós, «Se pôs à nossa altura». Sem Jesus, Deus ser-nos-ia inacessível, mas em Cristo fez-Se carne da nossa carne, para mostrar o seu Rosto.

Sem Cristo, nunca o ser humano saberia quem era verdadeiramente Deus. O Deus que surge das nossas reflexões será sempre um deus com letra pequena, feito à medida das nossas pequenas mentes.

Em suma, o Logos é o tesouro de vida que Deus nos revelou na fragilidade humana. É a vida de Deus na vida dos homens. Procuremos descobrir e acolher o tesouro escondido; desenterremos as riquezas ocultas; abrasemo-nos no desejo dos bens que os ladrões não escavam nem roubam; reprima-se a sensualidade; estimule-se a fé; implore-se a majestade de Deus – e só assim poderemos com toda a facilidade não só louvar

¹⁹⁹ CONC. ECUM. VAT. II, Const. Past. sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo, «*Gaudium et Spes*» (7 de Dezembro 1965), 22: in AAS 58 (1966), p. 1072.

dignamente os santos homens, mas também imitar as suas virtudes, alcançar a vitória sobre os perpétuos inimigos e gozar da glória imortal do Logos Divino. Apoiados na ajuda e auxílio d'Ele que nos resgatou com o seu Sangue, a fim de nos conduzir àquela cidade celestial e misericordiosamente nos fazer seus co-herdeiros.

Cabe-nos a nós, ser crentes e testemunhas do Logos encarnado; construtores de uma comunidade nova, renovada pela prática da fé que vai do acolhimento de Cristo no nosso coração à confissão da boca, a exemplo de Pedro: «Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo» (6,69).

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES

ALAND, K., M. BLACK, C. MARTINI, B. METZGER, A. WIRGREN, *The Greek New Testament*, DeuTescche Bibelgesellschaft, D-Stuttgart ⁴1994.

II. INSTRUMENTOS

A BÍBLIA DE JERUSLÉM, Paulus, São Paulo 1985.

BÍBLIA SAGRADA, *Para o terceiro milénio da encarnação*, Gráfica de Coimbra 2002.

BÍBLIA ILUSTRADA, *Novo Testamento*, I, Universus, Porto1957.

BÍBLIA SAGRADA, *IustaVulgatam Versionem*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1969; 1994.

ANCIEN TESTAMENT, *Traduction Oecuménique de la Biblia*, Du Cerf, Paris 1975.

NOUVEAU TESTAMENT, *Traducción Oecuménique de la Biblia*, Du Cerf, Paris 1989.

III. PATROLOGIA

ORÍGENES, «Cristología», in J. QUASTEN, *Patrologia*, I, BAC, Madrid 1984, pp. 391-192.

_____, «Eclesiología», in J. QUASTEN, *Patrologia*, I, BAC, Madrid 1984, pp. 393-394.

_____, «Trinidad», in J. QUASTEN, *Patrologia*, I, BAC, Madrid 1984, pp. 388-391.

SAN AGUSTÍN, «Filosofía», in INSTITUTO PATRISTICO AUGUSTINIANUM, *Patrologia*, III, BAC, Madrid 1993, pp. 484-485.

_____, «Doctrina cristológica», in INSTITUTO PATRISTICO AUGUSTINIANUM, *Patrologia*, III, BAC, Madrid 1993, pp. 513-515.

IV. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

1. Magistério do Concílio Vaticano II

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, versão oficial portuguesa, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1993).

CONC. ECUM. VAT. II, Constituição dogmática sobre a Revelação Divina «*Dei Verbum*» (18 Novembro de 1965), 5: AAS 58 (1966), pp. 817-830.

_____, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo, «*Gaudium et Spes*», (7 de Dezembro 1965) 22: in AAS 58 (1966), p. 1072.

_____, Decreto «*Unitatis Redintegratio*», (21 de Novembro de 1964), 21: in AAS 57 (1965), pp. 90-112.

DS^H: *El Magisterio de la Iglesia. Enchiridion Symbolorum Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, Herder Barcelona ³2006.

2. Magistério do Papa João Paulo II

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Veritatis Splendor*», (6 de Agosto de 1993) 21;103: AAS 85 (1993), pp. 1133-1228.

JOÃO PAULO II, «Catequese das quartas-feiras», in *Creio em Jesus Cristo Revelador da Trindade e Redentor do Homem*, Paulinas, Lisboa 1991.

3. Magistério do Papa Bento XVI

BENTO XVI, Exortação apostólica, *Verbum Domini* (30 de Setembro de 2010) in www.vaticano.va/.

BENTO XVI/RATZINGER J., *Jesus de Nazaré, Parte II – Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Parede 2011.

V. DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

AA. VV., «Mediador», in *Dbá*, Verbo Divino, Estela 1986, p. 214.

- AA. VV., «Luz», in *DTI*, I, Sígueme, Salamanca 1983, cols. 909-910.
- AA. VV., «Verdade», in *DTI*, I, Sígueme, Salamanca 1983, cols. 1547-1550.
- AA. VV., «Luz», in *DCB*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1996, p. 168.
- BROER, I., «ἐξουσία», in H. BALS e G. SCHNEIDER, *DENT*, I, Sígueme, Salamanca
²2001, cols. 1446-1453.
- BROSSEDER, J., «Teología EcuMénica», in *SMET*, Tomos II, Herder, Barcelona 1972,
cols. 454-455.
- CANOBBIO, G., «Verbo (Logos)», in *PDT*, Sígueme, Salamanca 1992, pp. 295-296.
- CARREZ, M., «Cristo», in *PDB*, São Paulo, Apelação 1997, pp. 29-31.
- CAZELLES, H., «Lei», in *DTB*, II, Loyola, São Paulo 1983, pp. 616-620.
- CENTRO DE ESTUDIOS FILOSOFICOS DE GALLARATE, «Justino», in *DF*,
Rioduero, Madrid 1986, pp.719-720.
- KÖSTER, H., «υπόστασις», in *GLNT*, XIV, Paideia, Brescia 1984, cols. 747-750.
- LASANTA, P. J. e R. DEL OLMO, «Espírito Santo», in *DDSA*, Edibesa, Madrid 2003,
pp. 186-192.
- LÉON-DUFOUR, X., «Carne», in *DNT*, Cristiandad, Madrid 1977, 132-133.
- _____, «Luz», in *DNT*, Cristiandad, Madrid 1977, pp. 287-288.
- _____, «Gracia», in *DNT*, Cristiandad, Madrid 1977, pp. 232-233.
- MANZANARES, C. V., «Carne», in *DJE*, Verbo Divino, Estela 1995, pp. 63-64.
- RAHNER, K., «Encarnación», in *SMET*, Tomo II, Herder, Barcelona 1972, cols. 556-
560.
- RITT, H., «λόγος», in *DENT*, II, Sígueme, Salamanca 1998, cols. 69-79.
- SAND, A., «σὰρξ», in *DENT*, II, Sígueme, Salamanca 1998, cols. 1363-1373.
- SARDI, P., «Vida», in *DTI*, IV, Sígueme, Salamanca 1983, pp. 628-637.
- SCHILLING, O., «Abraão», in *DTB*, I, Loyola, São Paulo 1984, pp. 1-4.
- SEGALLA, G., «Juan», in P. ROSSANO, G. RAVASI, A. GIRLANDA, *NDTB*,
Paulinas, Madrid 1990, pp. 929-932.
- SERAFÍN DE AUSEJO, R. P., «Juan», in *DB*, Herder, Barcelona 1975, cols. 1020-1022.
- _____, «Palabra», in *DB*, Herder, Barcelona 1975, cols. 1406-1409.
- _____, «Palabra de Dios», in *DB*, Herder, Barcelona 1975, cols. 1409-1411.
- SMULDERS, P., «Creación», in *SMET*, Tomos II, Herder, Barcelona 1972, cols. 4-8.
- STEFANI, P., «Moisés», in P. ROSSANO, G. RAVASI, A. GIRLANDA, *NDTB*,
Paulinas, Madrid 1990, pp. 1256-1264.
- Van Den BUSSCHE, H., «Jean», in *DEB*, Brepols, Paris 1960, cols. 902-911.

WEIB, K., «ἀρχη», in *DENT*, I, Sígueme, Salamanca 2001, cols. 484-490.

ZIENER, G., «Sabedoria», in *DTB*, II, Loyola, São Paulo 1983, p. 1007.

VI. ESTUDOS

1. Livros

AA. VV., *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento, Evangelios*, I, BAC, Madrid 1964.

_____, *Verbum Dei, Comentario a la Escritura*, III, *Nuevo Testamento*, Herder, Barcelona 1957.

_____, *Escritos de Juan y Carta a los Hebreos*, Cristiandad, Madrid 1985.

AGUIMAR, F. S., *Antopología y teología de la fe cristiana*, Sígueme, Salamanca 1973.

ASHTON, J., *Comprendere il quarto Vangelo*, Livreria Editrice Vaticana, Vaticano 1991.

AUER, J. e J. RATZINGER, *Dios, uno y trino*, II, Herder, Barcelona 1982.

BEUTLER, J., *Il Verbo Divino entra nel mondo: Gv 1-4*, Pontificio Istituto Biblico, Roma 2006.

BROWN, R. E., *An Introduction to the New Testament*, Doubleday, New York 1996.

_____, *El Evangelio segun Juan I-XII*, Cristiandad, Madrid 1979.

_____, *El Evangelio segun Juan, XIII-XXI*, Cristiandad, Madrid 1979.

_____, *Introducción a la Cristología del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca 2001.

BRUN, J., *Os Pré-Socráticos*, Edições 70, Lisboa 1980.

BULTMANN, R., *Teología del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca 1987.

COCAGENAC, M., *Les Symboles Bibliques*, Du Cerf, Paris 1994, pp. 229-230.

COELHO, A. J., *Quem me vê, vê o Pai. Deus revelado em Cristo*, Apostolado de Oração, Braga 2009.

CULLMANN, O., *Origine e ambiente dell'Evangelo secondo Giovanni*, Marietti, Tubingen 1975.

CULPEPPER, R. A., *The Gospel and Litters of John*, Abingdon Press, Nashville 1998.

D'ALMEIDA, B., *Unidade segundo o quarto Evangelho, Testemunho do discípulo amado no contexto judaico e grego-romano*, PUG, Roma 2009.

DAS NEVES, J. C., *Escritos de S. João*, Universidade Católica, Lisboa 2004.

- DE LA PEÑA, J. L., R., *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander 1988.
- _____, *El don de Dios, Antropología teológica especial*, Sal Terrae, Santander 1991.
- DODD, C. H., *Interpretación del cuarto Evangelio*, Cristiandad, Madrid 1978.
- _____, *La Tradición Histórica en el cuarto Evangelio*, Cristiandad, Madrid 1978.
- FALCÃO, J., *O Novo Testamento, Evangelhos e Actos Dos Apóstolos*, Gouveia, Lisboa 1956.
- FEUILLET, A., *O Prólogo do quarto Evangelho*, Paulinas, São Paulo 1971.
- FISICHELLA, R., *A Fé como resposta de sentido*, Paulinas, Prior Velho 2006.
- _____, «La Teología de la Revelación. Situación actual», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993.
- GANOCZY, A., *Doctrina de la creación*, Herder, Barcelona 1986.
- GARCÍA-VIANA, L. F., *El Cuarto Evangelho, Historia, teología y relato*, San Pablo, Madrid 1997.
- GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni. Commentario esegetico e teologico*, Città Nuova Editrice, Roma 2008.
- GENTILI, A., «A oração no Novo Testamento», in *Guia para ler a Bíblia*, São Paulo, Apelação 1997.
- HAAG, H., «La Palabra de Dios se hace libro en la Sagrada Escritura», in *Mysterium Salutis. Manual de Teología como Historia de la Salvación*, Tomo I, Cristiandad, Madrid 1969.
- HARRINGTON, D. J. e F. J. MOLONEY, *The Gospel of John*, The Liturgical Press, Collegeville 1998.
- IZQUIERDO, C., «Dios Trino que se revela en Cristo», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993.
- JENSEN, A. S., *John's Gospel as Witness*, Ashgate Bodmin, Cornwall 2004.
- JEREMIAS, J., *Teología del Nuevo Testamento*, I, Sígueme, Salamanca 1974.
- JOSAPHAT, C., *O Evangelho da Unidade e do Amor*, Livraria Duas Cidades, São Paulo 1966.
- KASPER, W., *Jesús, el Cristo*, Sígueme, Salamanca 2006.

- _____, *Sacramento de la unidad. Eucaristia e Iglesia*, Sal Terrae, Santander 2005.
- KIEFFER, R., *Le Monde Symbolique de Saint Jean*, Du Cerf, Latour-Maubourg 1989.
- KONINGS, J., *Evangelho Segundo João, Amor e fidelidade*, Loyola, São Paulo 2005.
- LADARIA, L. F., *El Dios Vivo y Verdadero, El misterio de la Trinidad*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2005.
- _____, *Introdução à Antropologia Teológica*, Loyola, São Paulo 1998.
- _____, *La Trinidad Misterio de Comunión*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2002.
- LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 18-21, IV*, Sígueme, Salamanca 2001.
- _____, *Lectura Del Evangelio de Juan, Jn 1-4, I*, Sígueme, Salamanca 1989.
- LÓPEZ, F. G., *El Pentateuco. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, Verbo Divino, Estella 2003.
- MANNUCCI, V., *Giovanni il Vangelo narrante. Introduzione all'arte narrativa del quanto Vangelo*, Dehoniane, Bologna 1993.
- MARCHADOUR, A., *I Personaggi del Vangelo di Giovanni. Specchio per una cristologia narrativa*, Dehoniane, Bologna 2007.
- MARXSEN, W., *Introduccion al Nuevo Testamento. Una iniciación a sus problemas*, Sígueme, Salamanca 1983.
- MATEOS, J., JUAN, B., *O Evangelho de S. João, análise linguística e comentário exegético, «coleção: Grande Comentário Bíblico»*, Paulinas, São Paulo 1989.
- MOLTMANN, J., *Teologia da esperança*, Herder, Barcelona 1971.
- MONACHINO, V., *Le persecuzioni nell'Impero Romano e la polémica pagano-cristiana*, PUG, Roma 1978.
- MORLA ASENSIO, V., *Libros sapienciales y otros escritos. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, Verbo Divino, Estella 2006.
- NICOLAU, M., *Psicologia e pedagogia da fé*, Paulinas, São Paulo 1963.
- NOLLI, G., *Evangelio secundo Giovanni*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano 1986.
- OSÓRIO, D. J., *Escritos Espirituais*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2010.
- PANIMOLLE, S. A., *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni, I*, Dehoniane, Bologna 1978.
- PIKAZA, X., *El Evangelio. Vida y Pascua de Jesús*, Sígueme, Salamanca 1993.

- RAHNER, K., *Escritos de Teología*, Tomo IV, Taurus, Madrid 1962.
- RAMOS, F. F., «Evangelio segun San Juan», in *Comentario al Nuevo Testamento*, La Casa de la Biblia, Estella 1995.
- RATZINGER, J., *Curso de Teología Dogmática, Escatología*, Tomo IX, Herder, Barcelona 1980.
- _____, *Deus e o Mundo*, Tenacitas, Coimbra 2006.
- REALE, G. e D. ANTISERI, *Historia del Pensamiento Filosófico e Científico, Antigüedad y Edad Media*, I, Herder, Barcelona 2004.
- REASLEY-MURRAY, G. R., *John, Word Biblical Commentary*, XXXVI, Word Books, Waco 1987.
- SALAS, A., *El Evangelio de Juan, Jesús: creador de una humanidad nueva*, San Pablo, Madrid 1993.
- SANTOS, B. S., *Teologia do Evangelho de S. João*, Santuário, Aparecida-SP 1994.
- SCHNACKENBURG, R., *Commentario Teologico del Nuovo Testamento. Il vangelo di Giovanni*, Paideia Editrice, Brescia 1977.
- _____, *El Evangelio según San Juan*, I, Herder, Barcelona 1980.
- SCHREINER, J., *Forma ed Esigenze del Nuovo Testamento*, Pauline, Bari 1973.
- SESBOÛÉ, B., *JesuCristo el Único Mediador*, Secretariado Trinitario, Salamanca 1990.
- SÖHNGEN, G., «La Sabiduria de la Teología por el camino de la ciência» in *MSMTHS*, Tomo II, Cristiandad, Madrid 1969.
- TUÑI, J-O., ALEGRE, X., *Escritos Joánicos y cartas católicas*, Verbo Divino, Estella 1995.
- VALL, H., «Revelación y Signos de los Tiempos», in *Dios en la Palabra en la Historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Universidade de Navarra, Pamplona 1993.
- VANCELLS, J. O. T., *El Testimonio del evangelio de Juan*, Sígueme, Salamanca 1983.
- _____, *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica*, Sígueme, Salamanca 1987.
- VANNI, U., *Vangelo Secondo Jiovanni*, PUG, Roma 1974.
- VAN DEN BUSSCHE, H., *Jean, Commentaire de l'Evangile spirituel*, Brepols Paris-Bruges 1967.
- VAWTER, B., «Teología de San Juan», in *Comentário Biblico, "San Jerónimo"*, Tomo V, Cristiandad, Madrid 1972.

- VIGENOLO, R., *Personagem del Quarto Vangelo. Figure della fede in San Giovanni*, Glossa, Milano 2003.
- VON BALTHASAR, H. U., *Teológica. Verdad del Mundo*, I, Encuentro, Madrid 1997.
- _____, *Teológica. Verdad de Dios*, II, Encuentro, Madrid 1997.
- _____, *Teológica. El Espíritu de la Verdad*, III, Encuentro, Madrid 1978.
- VON RAD, G., *Sabiduría en Israel, Proverbios, Job, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabiduría*, Cristiandad, Madrid 1985.
- WENGST, K., *Interpretación del evangelio de Juan*, Sígueme, Salamanca 1988.
- ZEVINI, G., *Evangelio según san Juan*, Sígueme, Salamanca 1995.

2. Revistas

- ALEXANDRE, D., «El profetismo, cara e cruz de la ley», in *ST* 35 (1996) 265-271.
- BARTOLOMÉ, J.J., «La “Lectio divina” como método de evangelización», in *ST* 35 (1996) 349-346.
- BOEVE, L., «Dios interrumpe la historia», in *ST* 42 (2003) 229-240.
- BRUEGGEMANN, W., «La palavra profética de Dios en la história», in *ST* 35 (1996) 258-264.
- CHOURAQUI, J-M., «Reflexiones de un judío sobre Jesús», in *ST* 42 (2003) 261-276.
- DE OLIVEIRA, A. C.G., «Orientações bíblicas para um diálogo inter-religioso eficaz», in *Estudos Teológicos* 4 (2000) 163-188.
- DUPUIS, J., «El Verbo de Dios, Jesucristo, y las religiones del mundo», in *ST* 41 (2002) 93-104.
- _____, «Un Dios, Padre de Jesucristo, para la salvación del mundo», in *ST* 39 (2000) 177-188.
- DUQUOC, CH., «Discreción del Dios trinitario y misión Cristiana», in *ST* 38 (1999) 290-296.
- GONZÁLEZ FAUS, J. I., «El misterio de Jesús y la confesión de fe en él», in *ST* 34 (1995) 163-174.
- HUG, J., «Sabiduría y condicoín humana. Reflexión sobre el libro de la Sabedoría», in *ST* 35 (1996) 324-326.
- MARTO, A., «Jesus Cristo, Salvador do homem», in *Theologica* 32 (1997) 59-74.
- MORAES, M. C. de, «Fé e escatologia no Evangelho de S. João. Para uma hermenêutica escatológica da fé», in *Estudos Teológicos* 12 (2008) 247-335.

- MOLTMANN, J., «Ecumenismo en el servicio al mundo», in *ST* 12 (1973) 174-177.
- MORLA, V., «La fascinación de la sabedoria», in *ST* 35 (1996) 307-314.
- NEUNER, P., «Prueba de fuego del ecumenismo. Observaciones sobre la concepción de la Iglesia en un documento de la Congregación de la Fe», in *ST* 40 (2001) 99-110.
- OPORTO, S. G., «El comportamiento filial de Jesús», in *ST* 41 (2002) 3-20.
- ORTIZ, A. J., «El Dios revelado en Jesús e el futuro de la humanidad», in *ST* 37 (1998) 34-46.
- PANNENBERG, W., «La tarea de la escatologia Cristiana», in *ST* 36 (1997) 265-274.
- TEIXEIRA, F., «Una cristología provocada por el pluralisme religioso», in *ST* 46 (2007) 12-26.
- SILVA, J. P., «A presença de Deus no ser humano – A figura do jardineiro em Jo 20,1-18», in *Estudos Teológicos* 15 (2011) 119-184.
- WELKER, M., «Quién es Jesucristo para nosotros, hoy», in *ST* 42 (2003) 106-116.

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS -----	1
INTRODUÇÃO -----	4
CAPÍTULO I: TEXTO E CONTEXTO -----	7
1.1 Colocação na estrutura do Evangelho -----	7
1.1.1 Contexto imediato do prólogo-----	7
1.1.2 Contexto literário amplo -----	8
1.2 O prólogo-----	10
1.2.1 Organização interna-----	10
1.2.2 Texto grego -----	14
1.2.3 Tradução do texto -----	16
CAPÍTULO II: ANÁLISE EXEGÉTICA -----	18
2.1 O Logos: «Sem Ele nada foi feito» (1,1-13)-----	18
2.1.1 A Vida do Logos em Deus (1,1-2)-----	18
2.1.2 O Logos na criação: por Ele tudo foi criado (1,3-4a)21	
2.1.3 O Logos: Vida e Luz dos homens (4ab-5)-----	22
2.1.4 O testemunho de João (1,6-8) -----	25
2.1.5 O mundo e os seus não acolheram a luz (1,9-11)---	26
2.1.6 Os que acolheram a Luz foram gerados como filhos de Deus (1,12-13) -----	28
2.2 O Logos nos filhos de Deus (1,14-18)-----	31
2.2.1 A encarnação do Logos (1,14) -----	31
2.2.2 O testemunho de João acerca do Logos encarnado (1,15) -----	34
2.2.3 Da sua plenitude recebemos graça sobre graça (1,16)35	
2.2.4 A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (1,17) 36	
2.2.5 O Filho Unigénito do Pai revelou-nos o Pai (1,18)- 37	
CAPITULO III: CHAVES PARA A COMPREENSÃO DO TERMO «LOGOS» -----	40
3.1 O Logos no mundo grego -----	40

3.2 O Logos na tradição judaica -----	42
3.2.1 Dabar no AT -----	43
3.2.2 A criação -----	44
3.2.3 Abraão, o portador da palavra -----	46
3.2.4 A Sabedoria judia -----	47
3.2.5 A Lei -----	49
3.2.6 Logos no judaísmo rabínico: a Toráh e o Memra---	50
3.3 A compreensão do Logos no IV Evangelho -----	53
3.3.1 Logos como a Luz do Mundo -----	56
3.3.1.1 <i>Luz dos homens em 1,4-5</i> -----	58
3.3.1.2 <i>A Luz do mundo em Jo 8,12</i> -----	58
3.3.1.3 <i>A Luz em Jo 9,5</i> -----	59
3.3.2 O Logos como Vida dos homens -----	60
3.3.3 Logos como Graça e Verdade – Dom de Deus aos crentes -----	62
3.3.4 O Logos é a Palavra do Pai -----	66
3.3.5 O Logos mostra o Reino e o Amor de Deus -----	69
CAPÍTULO IV: HERMENÊUTICA -----	72
4.1 Logos e oração-----	72
4.2 Logos e vida comunitária cristã, hoje -----	75
4.3 Logos no diálogo ecuménico -----	77
CONCLUSÃO -----	81
BIBLIOGRAFIA -----	85
I. Fontes -----	85
II. Instrumentos -----	85
III. Patrologia -----	85
IV. Documentos do Magistério -----	86
1. <i>Magistério do Concílio Vaticano II</i> -----	86
2. <i>Magistério do Papa João Paulo II</i> -----	86
3. <i>Magistério do Papa Bento XVI</i> -----	86
V. Dicionários e enciclopédias -----	86

VI. Estudos -----	88
1. <i>Livros</i> -----	88
2. <i>Revistas</i> -----	92
ÍNDICE -----	94